

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

REDATORES — Castro e Silva, J. B. Magalhães, Renato Nunes,
e Alexandre Chaves.

SECRETARIO — José Faustino Filho.

GERENTE — J. Batista de Matos.

ANO XX

BRASIL — RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1933

NUM. 229

EDIÇÃO DE 56 PÁGINAS

S U M A R I O

EDITORIAL

<i>Marcha macabra!</i>	241
------------------------------	-----

COLABORAÇÃO

<i>A cavalaria divisionaria</i> — Maj. Collin	247
<i>Cavalo militar</i> — 1º Ten. Vet. Armando Rabelo de Oliveira	265
<i>Cooperativismo no Exercito</i> — Ten. Cel. Torres Guimarães	275
<i>"A instrução numa Bateria Independente de Artilharia de Costa"</i> — Cap. Waldemar Pio dos Santos	281
<i>O que vi nas fronteiras</i> — Cap. Lima Figueirêdo	285
<i>Colonização e Defesa das Fronteiras Nacionaes</i> — Eng. Civil Raimundo Pereira da Silva	288

DA REDAÇÃO

<i>Alterações nos Estatutos de "A Defesa Nacional"</i>	246
<i>Exercitos Estrangeiros</i>	291
<i>Tática de Infantaria</i>	294

A DEFESA NACIONAL

GRUPO DE ADMINISTRAÇÃO

Castro e Silva, Baptista de Magalhães, Renato Nunes e Alexandre Chaves (Diretores); José Faustino, (Secretario); Paes de Andrade, Gervasio Duncan, Anôn dos Santos, Sayão Cardozo, Baptista de Matos, Arthur Carnaúba, Macedo Soares, Bandeira de Mello, Emilio Ribas, Octavio Paranhos, Armando Ancora, Augusto Sevilha, Decio Escobar, Lima Camara, José Salles, Raul Tavares, Ismar Brasil, Muniz Barreto e Baptista Pereira.

CORPO DE REPRESENTANTES

Estados, Municípios e Repartições Militares

M. G. — Major Zeno E. Leal
 E. M. E. — Cap. Pery Beviláqua
 D. P. G. — 1.º Ten. Toscano de Brito
 D. C. — 1.º Ten. Toscano de Brito
 Dir. M. B. — Ten. Abda Reis
 Dir. Eng. — Cap. Moraes Carneiro
 Dir. Av. —
 Dir. Remonta —
 Dir. I. G. — Ten. José Salles
 Dir. S. G. —
 Serv. Geogr. — Cap. Castello Branco
 Serv. Radio — Ten. Juraci Campelo
 Dist. A. Costa — Cap. Victor François
 Q. G. 1^a R. M. — Ten. Romão Leal
 Q. G. 2^a R. M. — Cap. Moacyr Marroig
 Q. G. 3^a R. M. — Cap. Carlos Analio
 Q. G. 4^a R. M. — Cap. Oscar Costa
 Q. G. 5^a R. M. —
 Q. G. 6^a R. M. — Major Lopes da Costa
 Q. G. 7^a R. M. —
 Q. G. 8^a R. M. —
 Q. G. Cir. Militar — Ten. Cel. Mario Xavier
 M. M. F. —

E. E. M. — Cap. Luiz Pinheiro
 E. I. — Cap. Segadas Viana
 E. A. — Ten. Heitor Borges Fortes
 E. C. — Cap. Armando Ancora
 E. E. — Cap. Luiz Betamio
 E. Eng. Militar — Cap. Jandir Galvão
 E. Av. — Ten. Helio Brugman
 E. M. — Ten. Almeida de Moraes
 E. Ot. E. — Cap. Armando Oliveira
 E. S. I. — Ten. Hugo de Faria
 C. M. R. J. — Ten. Milton de Souza
 C. M. P. A. — Cap. Hugo Silva
 C. M. C. —
 A. G. R. J. —
 A. G. P. A. —
 F. C. A. G. —
 F. P. S. F. —
 F. P. E. —
 Coudelaria de Saican
 Idem de Rincão
 Dep. Rem. — Monte Belo — Cap. Oromar Osorio
 Dep. Rem. — Campo Grande
 Dep. Rem. — Valença

TROPA INFANTARIA

Btl. Escola — Ten. Diocoro Vale
 Btl. Guardas —
 1º R. I. — Cap. Fernandes Guedes
 2º R. I. — Ten. Roberto de Pessoa
 3º R. I. — Ten. Leal Ribeiro
 4º R. I. — Ten. Paulo A. Miranda
 1/5º R. I. — Cap. Rafael F. Guimarães
 11/5º R. I. —
 111/5º R. I. — Ten. Castro e Silva
 6º R. I. — Ten. Luiz G. V. de Mesquita
 7º R. I. —
 8º R. I. — Ten. Jacintho Godoy
 9º R. I. — Ten. Nicolau Fico
 1/9º R. I. — Cap. Floriano de Farias
 10º R. I. — Ten. Tancredo Cunha
 11º R. I. — Ten. Ajax Corrêa
 12º R. I. — Cap. Nilo Chaves
 11/12º R. I. — Ten. Armando Carvalho
 13º R. I. — Ten. Armando Alvim
 1º B. C. — Ten. Dacio Vassimon
 2º B. C. — Ten. Almeida Magalhães
 3º B. C. —
 4º B. C. — Ten. Nelson de Carvalho

6º B. C. — Ten. Ituriel Nascimento
 7º B. C. — Ten. Riograndino C. e Silva
 8º B. C. — Ten. Gelci Brun
 9º B. C. — Ten. Saul Pons
 10º B. C. — Ten. Affonso Ferreira
 13º B. C. — Ten. Eduardo Regis
 14º B. C. — Ten. Pinto da Luz
 15º B. C. —
 16º B. C. — Ten. Arlindo P. de Figueiredo
 17º B. C. — Ten. Miguel Mozzili
 18º B. C. —
 19º B. C. — Cap. Antonio Nascimento
 20º B. C. — Cap. Temistocles de Azevedo
 21º B. C. —
 22º B. C. —
 23º B. C. — Ten. Raimundo Teles
 24º B. C. — Ten. Alexandre C. Moreira
 25º B. C. — Ten. João Gomes Tinoco
 26º B. C. — Ten. Altino Dantas
 27º B. C. —
 28º B. C. —
 29º B. C. — Ten. Reinaldo Reis

CAVALARIA

Reg. Esc. — Ten. Durval Macedo
 1º R. C. D. —
 2º R. C. D. — Cap. Edgardino Pinta
 3º R. C. D. — Ten. Poti S. Freire

4º R. C. D. — Ten. Euro Martins
 5º R. C. D. — Ten. Mendes Filho
 1º R. C. I. —
 2º R. C. I. —

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETORES: Castro e Silva (Presidente), J. B. Magalhães,
Renato B. Nunes e Alexandre Chaves

SECRETARIO: José Faustino Filho.

GERENTE: J. B. Matos.

ANO XX

BRASIL – RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1933

NUM. 229

EDITORIAL

Marcha macabra!

Temos assinalado, repetidas vezes, aos nossos leitores, levados pela própria natureza de nossas cogitações o perigo de desagregação que ameaça o Brasil, revelado pelos *sintomas de corrupção que se manifestam em seu organismo*, bem como o «*Grande Remedio*» que nos poderá livrar, integros, do estado de cousas que se agrava ha meio seculo.

Afóra atitudes de almas sãs, mais ou menos ativas, algumas e outras, que são a maioria, mais platonicas do que ativas, raros são os atos ou gestos que indiquem o proposito firme, decidido, energico e persistente, de levantar uma barreira capaz de deter a *Marcha Macabra* dos erros, inconsciencias, leviandades, ignorancias, ou maldades intencionais que nos levam a decomposição.

Alguns acusam o fenomeno social e politico que nos ameaça, mas, incoerentes consigo mesmo, negam-se a dar mostras de quererem reconstruir já e já tudo quanto precisou ser demolido. Antes, para quem analisa atentamente suas atitudes, a impressão é que eles não acreditam na possibilidade de que se possa restabelecer a ordem, a partir do *meio termo* em que nos achamos, e tratam de aumentar

a desordem para que, em dado momento, a nação fatigada e anciosa por um poder forte, lhes aceite o mando e suporte as exigencias. Inspiram-se no que em outros povos se passou por força das circunstancias da propria evolução, e ficam surdos ao exemplo que nos dá o *magnifico* reerguimento de Portugal, de onde descentemos!

Não refletem que pode tornar-se tardio de mais o momento que aguardam para começar a agir. Um sincero amor da Patria deveria guia-los de outro modo, porque aqueles que tiveram por guias adotaram com sucesso certos processos mas confessavam de publico que a Patria era neles preocupação secundaria!

Outros se contentam em observar a marcha dos acontecimentos com desgosto, não os agravam por suas ações mas por sua inação, ou espirito de rotina, ceticismo ou fatalismo exagerado; são peso morto e entravam a reação necessaria dos raros que a intentam sem desfalecimentos.

Um golpe de vista rapido sobre o atual conjunto brasileiro, e que remonte um pouco sobre o passado mais proximo, revela logo que a idéa da Patria se enfraquece dia a dia na alma de nossa gente, principalmente da-

quela que mais devêra defende-la e guarda-la bem viva para orientar e guiar a propria ação sobre a causa publica !

A inteligencia de grande numero dos que dominam, deve poder abarcar quadro maior que o do *regionalismo* em que foi alimentada.

Pelos sentimentos deveriam mostrar-se capazes de ascender acima das considerações pessoais, egoistas ou altruistas, que neles predominam.

Não é que lhes falte desenvolvimento intelectual e capacidade de amar á Patria, mas é indispensavel juntar a isso *cultura, estudo, meditação*, capazes de desvendar as verdadeiras conveniencias nacionais.

O que falta a alguns é sinceridade; a outros fé, e a muitos madureza. E, sem duvida, por estas ou outras razões, deixam até de compreender que desatendendo, mesmo em cousas minimas, aos interesses coletivos, ás do conjunto social de que fazem parte, prejudicam, muitas vezes sem conta disso, até seus proprios interesses individuais, senão imediatos mas futuros, por que contribuem para a desvalorização do individuo e para o enfraquecimento da coletividade.

E' corrente, são usuais, no momento que vivemos, as soluções de exceção inspiradas por meras preocupações de pessoas !

**

Não exageramos. Somos ainda victimas do subconsciente adquirido no longo periodo de politica escravagista, que criou no povo a dupla mentalidade — do *senhor* e do *servo*, dando nos habitos impropios de uma nação a moderna, culta, consciente das realidades. Padecemos talvez de incipencia, de infantilidade demasiado prolongada... !

Seja como fôr, convem assinalar o que importa combater; preciso é adquirir-se o sentimento da realidade.

Que se observe !

Além dos males assinalados, a descentralização excessiva que praticamos neste meio seculo de Republica, tem estiolado a *idéa nacional*, sem que *nenhuma cogitação* levada a fundo tenha procurado concretizar essa idéa, tal como poderia tê-lo conseguido uma *sabia politica de defesa nacional*, e a sua organização geral para eventualidade de uma guerra; uma politica geral e racional de povoamento do solo, politica de comunicações interiores, de reflorestamento, de minas, de fronteiras etc.

Somos vitimas do *imigrantismo* que altera constantemente o arranjo das camadas sociais dando-lhes um criterio de classificação puramente mercantil, desvalorisando o tradicionalismo nacional, creando uma mentalidade demasiado subordinada ás considerações de ordem material.

O imigrante é sem duvida um fator poderoso de progresso, mas a imigração em massa acarreta males que é preciso reconhecer e saber neutralizar, para consolidação da Patria.

Preocupou-nos repentinamente a ansia de progredir, de mostrarmo-nos uma nação adiantada, sem levarmos em conta que mal saímos de estado rudimentar de civilisação, pois tínhamos uma economia baseada no trabalho servil, e um territorio quasi inexplorado.

Quizemos imitar os grandes povos, copiamos suas industrias, seus portos; lançamos vias ferreas etc., mas esquecemo-nos de o fazer *com metodo* e não levamos em conta as razões que orientavam aqueles que tomavam por modelos !

Resultado: Houve progresso, mas anarquico, produziram-se atrofias, e hi-

petrofias, desequilibrios que levaram o país á uma crise revolucionaria aguda !

Tal a situação em que nos encontrou 1930.

Empenharam-se nossos homens em corrigir logo, sem hesitar, os erros e males do passado, com visão clara e espirito decidido? Sob certos aspectos o mal se agravou.

Por exemplo, enquanto vozes se levantaram e protestaram mostrando o perigo nacional que é o desenvolvimento excessivo das forças militares estaduais, estas mais se desenvolveram ainda. Estados ha que detêm sob varias formas e pretextos, os menos rasoaveis e logicos, grande copia de armamento e efetivos, maiores que antes de 1930, mais fortes que os do Exercito Nacional em seus territorios, como se este fosse insuficiente, incapaz, ou não merecesse confiança.

E o que é peor, homens novos, influentes na politica, ocupando cargos de governo, defendem abertamente o *armamentismo* das unidades federa-das. Tende-se assim para a *confederação*, breve para uma autonomia completa, onde talvez nem laços de aliança prendam as unidades umas as outras!

Em quanto isso se dá parece perder-se a noção da necessidade e da finalidade do Exercito Nacional, que só pode ser independente de considerações regionais, constituído de unidades homogeneas a cimentado por uma disciplina solida derivada e apoiada numa *dotrina unica*, isto é, num mesmo modo de compreender e de agir !

Enquanto mais se pugna pela necessidade de se organizar a *defesa nacional* restaurando o espirito e o sentimento da disciplina no seio do Exercito onde alguns chefes mostram quanto é facil obter bons resultados

mediante uma ação bem orientada e inteligente dentro das normas do dever, mais e mais graves manifestações de que a *disciplina* ainda não é compreendida no sentido científico, moderno, nobre e inteligente que hoje lhe convem.

No ponto de vista organico, nenhum problema que interesse o recrutamento, a mobilização, a instrução e o emprego da tropa, deverá ser resolvido sem atender essencialmente ás necessidades superiores da *defesa nacional*.

Si o Exercito estiver organizado, aparelhado, instruido para defender a Patria contra um eventual inimigo externo de que melhor recurso se poderia dispor para garantir a ordem interna?

Se sua organização é feita, como seu aparelhamento em geral, na previsão de uma guerra externa, é obvio que em caso de desordem intestina sobram-lhe recursos para agir eficientemente, si por desgraça houver de ser empregado. E' de todo inconveniente, então, modificar, quebrar a homogeneidade de suas unidades por considerações secundarias e pontos de vista pessoais, pois isso redundará em perturbar-lhe a vida normal.

Tudo quanto derivar de uma concepção falsa das características do Exercito, ou despreza-las, é perigoso, porque tende a enfraquecer a compreensão da *disciplina*, tanto quanto a idéa, insubstancial hoje, de obediencia passiva por temor de castigo ou amor a recompensas.

Ha outros sintomas de *anemia patriótica*, que convem ainda destacar no momento presente. Enquanto alguns espiritos sadios se preocupam com os *seríssimos problemas das nossas fronteiras* e com o grave aspéto que revela a *desnacionalização crescente e perigosa de algumas delas*, em certos Estados se pensa, se age,

se trabalha ativamente, denodadamente para nelas localizar colonias, nucleos, populações estrangeiras, como verdadeiros *quistos* que o organismo nacional não pode assimilar.

Alem disso, tenham-se em conta as estradas que se abrem para elas, enquanto no interior, nas proximidades dos nossos portos, de nossos *centros vitais*, jazem espaços desertos, inabitados, ou só existem comunicações precarias, quando não faltam de modo absoluto !

Urge que vozes autorisadas, gestos acertados, átos decisivos, orgãos responsaveis concorram, enquanto é tempo, para fazer cessar tamanho descalabro ou descasco pelos interesses nacionais os mais legitimos !

De ha anos vimos clamando que, lançar uma via ferrea ou autovia para a fronteira, sem que se tenham assegurados os transportes necessarios á concentração e á manobra, é somente, abrir caminho á invasão. E' noção accessivel ao bom senso vulgar.

— Que se passa com os *nucleos coloniais de estrangeiros* isolados na fronteira ?

São naturalmente atraidos, dominados pelos outros centros economicos estrangeiros mais proximos e mais ricos e irão fatalmente servir como orgãos de expansão de sua influencia no territorio nacional em tempo de paz, e como base de operações em tempo de guerra. A não ser que nos mantivessemos tão bem organisados e tão fortes que, tais inconvenientes e perigos não nos devessem preocurar ! ...

Certo, não será logica uma tal colonisação si não tomarmos paralelamente as medidas que corrijam inconvenientes oriundos da nossa extensão e disposição territorial, a lendifão, o custo e a deficiencia de nossos

transportes, o afastamento de nossos principais centros economicos.

Tais nucleos só serão admissiveis e logicos, por exemplo, na bacia Amazonica, tomadas certas cautelas, ou em qualquer outra parte onde possam ser amalgamados, absorvidos, assimilados pelo meio nacional. No sul, só quando as comunicações com S. Paulo e Porto Alegre competirem em facilidades com as que oferecem, por exemplo, as existentes com Bueros Aires e Montevideo.

Mas, em qualquer caso é preciso assegurar a *nacionalização da fronteira*, o predominio da raça, dos costumes, da lingua, dos sentimentos nacionais !

**

Aquelas vozes raras que se levantam e protestam contra estes aniquilamentos continuos da coësão patria, que por tais maneiras se processam, perdem-se neste imenso «deserto de homens e de idéas», perdem-se no espaço indefinido, sem éco nem repercussão, porque as abafa o *vacuo* de comprehensão das conveniencias do conjunto, vacuo dos verdadeiros sentimentos nacionais !

Sim, quando a ideia e o amor da Patria animam a todos que agem, quando reina o espirito da Nação e nunca o de aldeia, quando um patriotismo sincero e lucido estimula a coletividade, qualquer que seja a esfera de ação de cada um, não se constatam impossibilidades de compreender e de atender ás grandes necessidades e principais conveniencias nacionais !

Seja como fôr, é preciso reagir, formar *barreira* capaz de deter a marcha macabra dos fenomenos de decomposição da Patria, que dia a dia se agravam e se amontoam !

E' pelo estudo, pela meditação calma e profunda, apoiada numa since-

ridade incontestável, que poderemos todos, qualquer que seja a função social de cada um, compreender as necessidades comuns e contribuir para satisfazê-las.

E' preciso restaurar, ou melhor, criar a «ordem» para salvar a «Patria», ordem que é dominada pelo princípio de que tudo é subordinado ao conjunto de que faz parte! Os indivíduos valem pouco. As soluções de questões por minimas e insignificantes que sejam, desde que derrespeitem á *ordem estabelecida*, sejam elas quais forem, são más, dissolvem, destroem, não constroem.

Não basta alardear patriotismo, lassimiar a desordem, pugnar por palavras pela restauração do progresso; é preciso agir, produzir, construir, exemplificar sempre, em qualquer oportunidade, em toda parte!

E' preciso ser coerente, ser sincero e evidenciar nas minimas práticas essa sinceridade! Sem isso, a única causa que se cria é o desanimo, é a desmoralização, é a desordem!

Si cada um, na esfera de ação em que labuta, cumprir *honestamente com seu dever*, e fizer a preocupação social preponderar sobre a individual, dentro em pouco tudo florescerá e frutificará, porque isso é adubo rico e capaz de regenerar uma terra cansada!

**

Aos militares cabe, em tais momentos de crise nacional, papel nimicamente importante. Eles dão exemplo e formam esteio contra a desordem, si *compreendem* as necessidades da disciplina e a extensão de sua significação moderna, si traduzem, em suas minimas práticas públicas ou privadas, o rigor com que observam os bons preceitos.

Pelo estudo, pela meditação sobre os deveres profissionais, mesmo im-

plicitos, chegam a compreender facilmente os grandes, os interesses superiores da pátria e da nacionalidade, e ficam em condições de advertir os elementos que os cercam a respeito do procedimento que lhes convém.

Mas só terão prestígio si forem solidários, si demonstrarem por todas as formas que é natural e corrente entre eles o sentimento da disciplina e da ordem; a noção do dever, as preocupações nacionais, a subordinação espontânea da parte ao todo, do particular ao geral!

Seja como fôr, no estado atual da vida nacional, cumpre aos *militares*, o dever de formar ambiente! De dar exemplos edificantes e de agir segundo a lógica de seus destinos, sempre e sempre, sem vacilar, com espírito de sacrifício, de abnegação, consciência, disciplina e superioridade moral, na mais *perfeita disciplina*, com exagerado rigor disciplinar.

Façamos um ambiente sadio, de otimismo, de normalidade, de realidade, cumprimento rigoroso de deveres individuais e de deveres coletivos. Pratiquemos todos os atos que é de nosso dever praticar, sem exceção um só, e façamo-lo com honestidade, com inteligência, com sinceridade, com alma! O resto virá em consequência!

**

No momento atual que vive a Pátria, aí está como poderemos, do melhor modo, combater os seus adversários e resistir á corrupção que sob varias formas tenta dissolvê-la, desagrega-la, separar uns dos outros os elementos que a constituem e que precisam, mais do que nunca, ser solidários.

Para garantir essa solidariedade moral e material, a concepção e a realização de um *Exército Nacional*, sem competidores internos, é o meio mais eficaz, senão o único decisivo!

Alterações nos Estatutos de "A Defesa Nacional"

Nas Assembléas gerais, reunidas á 24 e 31 de Março e 7 de Junho, foram discutidas e votadas as alterações propostas aos nossos Estatutos pela comissão que fôra nomeada para tal fim.

Duas foram as alterações de monta por que passaram os Estatutos: uma diz respeito a Administração, que foi diminuida de forma a dar maior rendimento aos nossos trabalhos pela melhor coesão na direção da *Sociedade* e da *Revista*, e a outra importou na criação dum *Corpo de redatores* para a *Revista*, que terá, doravante, um redator para cada arma e serviço, a quem vai caber, precipuamente, trazer os leitores ao par das novidades da sua especialidade, alem dos assuntos gerais que continuaram a cargo da direção da *Revista*.

Estão pois, de parabens, os nossos leitores pela fixação destes novos marcos que assinalam rumos promissores na já longa e proveitosa existencia de *"A Defesa Nacional"*.

Feita pela comissão respectiva a redação final do que foi vencido, já no proximo numero daremos á publicidade os nossos *Estatutos* devidamente alterados. E, desde que obte-

nhamos resposta aos convites transmitidos, igualmente apresentaremos, aos consocios e leitores o *"Corpo de redatores"* de *"A Defesa Nacional"*, ao qual ficará afeto, a partir do 2.º semestre deste ano, a elaboração dos assuntos concernentes a cada arma e serviço, alem da escolha e seleção da materia de colaboração espontanea com que continuem a ser nossas colunas distinguidas pelos ilustres colaboradores que sempre nos prestaram seu eficaz apoio.

Ao *"Corpo de redatores"*, ainda vai caber: o nobre mister de recomendar á *"Direção da Revista"*, aqueles trabalhos de colaboração que, no seu intender, mereçam ser remunerados.

Mistér este, tanto mais honroso quanto, no julgamento do trabalho de outrem, sabe-se que, seu autor, não está visando a retribuição ao seu esforço, e que este pagamento importa mais pelo valor moral extrinseco que representa, do que pela compensação material intrinseca, a que nunca poderá alcançar.

Que o *"Corpo de redatores"* se esforce para bem cumprir com seus mistéries e corresponda assim as esperanças que todos nele depositamos.

Biblioteca de "A Defesa Nacional"

Acham-se no prelo:

Notas de Tática da Artilharia

Conferencias feitas na E. A. O. em 1931, pelo instrutor

Cap. Ignacio José Verissimo

"Os Pombos-correios e a Defesa Nacional"

Pelo Dr. R. Freitas Lima

(Presidente do Clube Colombofilo Carioca)

A cavalaria divisionaria

seus papeis, antes, durante e depois da batalha

Pelo Maj. Collin

Da M. M. F.

(Continuação)

I — SITUAÇÃO GERAL — Tropas verdes (de leste) travam, ao N. do rio *São João do Meriti*, uma batalha contra forças Azuis (de Oeste). A guarnição do *Rio de Janeiro* (partido Verde) só pôde assegurar a defesa imediata da cidade (P.A. estabelecidos na linha: alturas imediatamente a E. da estrada Est. da *Penha* — Est. *Vicente de Carvalho* — Est. *Madureira* — Largo do *Tanque* — largo da *Freguezia* — até ao mar).

II — SITUAÇÃO PARTICULAR — No dia D-1, o Comando Verde foi informado que forças Azuis de todas as armas estão bivacando a cerca de 15 kms. ao NO. de *Sta. Cruz*.

Às 18 horas, forças importantes de cavalaria Azul com artilharia atingiram a região de Estação *Paciencia* — Faz. *Paladio*.

Nesse mesmo dia, D-1, o Comando Verde constitue na região de *Vigario Geral*, um Destacamento composto de: 3 R.I. — 1 R.C.D. — 1 G.A.D. — 2 G.A.M. — 1 Cia. Sap. Mins. — Cia. Trans., com a missão de pôr a via ferrea Central do Brasil, entre *Anchieta* e *Madureira*, ao abrigo dos empreendimentos do inimigo assinalado.

III — INTENÇÕES DO COMANDO — E' intenção do Cmt. do Dest. atingir, na jornada de D., a linha *Bangú* — Col. da *Torre* — Col. do *Cemiterio* e aí se organizar defensivamente, barrando o corredor entre a serra de *Madureira* ao N., e as alturas ao S. da Estrada *Rio-S. Paulo*.

IV — Estrato da ordem dada pelo Cmt. do Destacamento Verde para o dia D.

a) O Destacamento Verde marchará em 2 colunas:

COL. A: (1 R.I. e 1 G.A.D.) pelo itinerario: *Vigario Geral* — Estr. de *Vigario Geral* — caminho que vai ter á ponte sobre o rio *Meriti*, 2 kms. SE. de *Pavuna* — passagem

sobre a E. F. *Rio D'ouro* — caminho das vertentes S. da cota 83 — Par. *Barros Filho* — Est. de *Ricardo de Albuquerque* — M.º do *Periquito* — Capão *Redondo*.

COL. B: (2 R.I., 2 G.A.M., 1 Cia. Sap. Min. e 1 Cia. Trans.) pelo itinerario: *Vigario Geral* — Est. *Lucas* — Est. da *Agua Grande* — *Irajá* — Est. *Colegio* — Par. *Sapé* — *Vila Proletaria* — *Deodoro* — *Realeengo* — *Bangú*.

Hora de partida das colunas: 6 hs.

LIMITES DA ZONA DO DEST. — Ao N.: rio *São João de Meriti* — *Serra da Madureira*. — Ao S.: Est. *Turíassú* — Est. *Osvaldo Cruz* — Crista S. de Estrada *Real*.

LIMITES ENTRE AS DUAS COLUNAS: — Est. *Areal* — Vertentes N. do M.º da *Cruz* — Vertentes N. do M.º da *Estação*; Crista do M.º do *Capim* — M.º do *Jaques* — Mte. *Alegre* — Cota 60 — Col. *Da Torre* — M.º do *Retiro* — M.º dos *Coqueiros*.

b) Cobertura do dispositivo — Cada coluna será precedida por uma Vg..

Linhos que deverão ser atingidas sucessivamente pelas Vgs.:

- Estrada de Ferro *Rio D'oro*, ás 7 horas;
- Estrada de Ferro *Central do Brasil* (ramal de S. Paulo) até *Deodoro* — M.º Cel. *Magalhães* — Orlas O. de *Portugal Pequeno*, ás 8 h. 15.
- Colina do *Cabral* — M.º do *Periquito* — Cota 60 — Arroio *Piraquara* — Faz. dos *Macacos* — *Carangueijo*, ás 9 h. 15.
- Col. do *Cemiterio* — Arroio *Sarapuí* — orlas O. de *Bangú*, ás 10 horas e 30.

c) Eixo de deslocamento do Cmt. do Dest.: o da coluna B..

A — Informações necessárias ao cmt. do destacamento

O comandante previu para a marcha de seu destacamento um certo dispositivo (vide tema), justificado pela impossibilidade de encontrar o inimigo no inicio do movimento.

E' provavel, entretanto, que se dê um encontro no correr do dia D e essa eventualidade levará o comandante do destacamento a mudar o dispositivo inicial para diminuir a vulnerabilidade e repelir o inimigo afim de atingir os seus objetivos. Em resumo, haverá ou não modificação de dispositivo, segundo o inimigo intervenha ou não. No caso afirmativo esta mudança será tanto mais cedo quanto mais o fôr a intervenção.

Quais são, pois, as possibilidades do inimigo e, em primeiro lugar, as suas possibilidades maximas?

1.^a hipótese — As forças importantes de cavalaria azues com artilharia, assinaladas no dia D-1 na região — *Est. Paciencia — Faz. Paladio*, pôdem atingir por volta das 8 horas a região das alturas O. da E. F. C. B. (ramal de São Paulo).

Estas alturas cuja posse será necessaria ao destacamento verde para transpor esta via ferrea e proseguir em direção ao seu objetivo final, constituem, além disto, excelentes observatorios sobre parte das desembocaduras O. da linha auxiliar da E. F. C. B.

Entre as diferentes hipóteses que se pôdem fazer a respeito do inimigo, esta é a mais pessimista e a primeira a se encarar.

Si ela se realizar o que, ás 8 horas, dado o terreno e a missão do destacamento, deve o seu cmt. estar em condições de fazer?

Assegurar o desembocar do destacamento á O. da E. F. C. B. (ramal de São Paulo) e simultaneamente apoderarse dos observatorios necessarios ao prosseguimento da sua marcha em direção ao seu objetivo final.

Para isto é necessario que ás 8 hs.:

- a) as Vgas. estejam em condições de desembocar o mais rapidamente possivel á W. da E. F. C. B. (ramal de S. Paulo) de modo a atingir a linha *Faz. dos Macacos, orlas E. do Realengo, orlas E. de Vila Nova — M.º do*

Periquito — Col. do Cabral cuja posse é necessaria para cobrir o desembocar do destacamento a W. da E. F. C. B. (ramal de São Paulo) e para apoiar a progressão em direção ao objetivo final.

- b) os grossos tenham tomado ou estejam tomando um dispositivo mais aberto e adequado ao seu emprego eventual.

A necessidade a implica que, antes das 8 horas:

- | | |
|---------------------------------|--|
| O Cmt. do Dest. te nha tido... | O tempo de tomar sua decisão. |
| | O tempo de transmiti-la aos cmts. das vanguardas. |
| Os Cmts. de Vgs. tenham tido... | O tempo de mandar tomar pelas Vgs. o dispositivo que sua missão exige. |
| | O espaço necessário para tomar facilmente este dispositivo. |

A necessidade b implica que antes das 8 horas:

- | | |
|---------------------------------|---|
| O Cmt. do Dest. te nha tido... | O tempo de tomar sua decisão. |
| | O tempo de transmiti-la aos Cmts. de coluna. |
| Os Cmts. de Col. tenham tido... | O espaço necessário para tomar facilmente o novo dispositivo. |

O Tempo total necessário é, pois, o seguinte:

Tempo de decisão do Cmt. do Dest. + tempo de transmissão + tempo de execução pelas Vgs.

Como o Cmt. do Dest. já deve ter estudado a sua missão, como as transmissões podem ser rápidas e as Vgs. já marcam parcialmente desenvolvidas, podemos avaliar este tempo em 1 hora.

Além disso é necessário que as ordens do Cmt. do Destacamento atinjam os Cmts. de Vg. e de Colunas em pontos tais que estes últimos possam com facilidade abrir os seus dispositivos.

O terreno mostra que, para que isto aconteça, será necessário:

- que os Cmts. de Cols. sejam atingidos pela ordem:
- o da Col. A antes da E. F. Rio D'Ouro;

- o da Col. B antes de *Irajá*.
- que os Cmts. de Vgs. sejam atingidos pela ordem:
- o da Vg. da col. A antes da E. F. *Rio D'Ouro*.
- o da Vg. da col. B em *Est. Colegio*.

Para que seja realizada a Segurança do Dest., isto é, para que não haja surpresa, é necessário que sejam assegurados este *Tempo* e este *Espaço*.

Para que o *tempo* seja assegurado é necessário que ás 7 horas o Cmt. do Destacamento seja informado sobre a possibilidade do inimigo atingir ás 8 horas, as alturas O. da E. F. C. B. (ramal de S. Paulo).

Para que o *espaço* seja garantido é necessário que estas informações cheguem ao Cmt. do Destacamento antes que atinja *Irajá*, isto é, mais ou menos ás 7 horas (veja téma).

CONCLUSÃO — O Cmt. do Destacamento deve ser, ás 7 horas, na região de *Irajá*, informado sobre a possibilidade do inimigo, atingir ás 8 horas as alturas O. da E. F. C. B. (ramal de São Paulo).

A 1.^a hipótese que acabamos de estudar é a mais pessimista.

Se ela não se realizar, o simples fato da distância em que agem para a frente os órgãos de informação, e por conseguinte a distância em que a todo momento o comando é informado, basta para lhe assegurar a liberdade de ação.

Em consequência, depois de ter pedido ao R. C. D., sob a forma estabelecida no parágrafo B, a verificação da 1.^a hipótese, o Cmt. do Dest. pedir-lhe-á que verifique a hipótese optimista e assim limitará no espaço a sua missão.

Essa hipótese corresponde, evidentemente, á possibilidade para o destacamento de atingir o seu objetivo final e de aí se poder instalar sem ser inquietado.

Nessa eventualidade, quais são o espaço e o tempo necessários ao comandante do Dest.?

O espaço deve ser tal que facilite aos P.A. e ao grosso a tomada do seu dispositivo, os primeiros numa linha aproximadamente a 2 Kms. a O. da linha orlas O. de *Bangú*, Col. da *Torre*, col. do *Capão Redondo*, Col. do *Cemiterio*, os segundos nessa ultima linha.

O terreno mostra que, para que isso aconteça, será necessário:

- que os Cmts. de Vgs. sejam atingidos pela ordem ao alcançar:
 - o da Col. A — Col. do *Capão Redondo*;
 - o da Col. B. — *Bangú*.
 - que os Cmts. de Col. sejam atingidos pela ordem:
 - o da Col. A ao atingir Mro. do *Periquito*;
 - o da Col. B., ao atingir *Realengo*.
- O tempo necessário será o seguinte:
- tempo de decisão do Cmt. do Dest. + tempo de transmissão + tempo necessário para as Vgs. atingirem a linha de P.A. + tempo dessa instalação.

Poderá ser avaliado em 1 hora.

CONCLUSÃO — O Cmt. do Dest. deve, a cerca de 10 horas e 30, em *Realengo* ser informado sobre a possibilidade do inimigo atuar antes das 11,30 com a sua artilharia sobre as tropas que constituirão os P.A.

B — Distancia em que deve ser procurada a informação necessaria ao Cmt. do Destacamento.

1.^a HIPOTESE — O problema é o seguinte: De que distância X de *Irajá* deve partir a informação para que, recebida ás 7 horas, possa informar ao Cmt. do Dest. sobre a possibilidade do inimigo atingir ás 8 horas, pelos seus fogos de artilharia a E. F. C. B. (ramal de S. Paulo).

Basta aplicar a fórmula precedente:

$$\left(\frac{X}{Vt} + n \right) Vi \leq X - (AC_1 + n Va + 8)$$

nela substituindo

n — tempo necessário ao Cmt. do Destacamento por 1

Vi — velocidade horaria do inimigo por 6

Va — velocidade horaria da tropa amiga por 3

AC₁ — distância da tropa aos primeiros escalões da Vg. por 4

$\frac{X}{Vt}$ — pelo seu valor.

Ora, dada a existencia da linha telefónica Sta. Cruz — Deodoro — Honório Gurgel, pode-se supor que o R.C.D. servido por 1 Sec. de telegrafistas da Cia. de Trans. poderá transmitir as suas informações por telefone até Honório Gurgel onde um C.A.A. será instalado.

Nessas condições, o tempo de transmissão da informação $\frac{X}{V_t}$ que abrange o tempo de transmissão da mensagem em X e recepção em *Honorio Gurgel* + o tempo de transmissão de *Honorio Gurgel* para *Irajá* por motocicleta pôde ser avaliado, em $1\frac{1}{2}$ hora.

$$\begin{aligned} \left(\frac{1}{2} + 1\right) 6 &\leq X - (3 + 4 + 8) \\ 9 &\leq X - 15 \\ X &\geq 24 \end{aligned}$$

A informação mandada pelo R.C.D. deve pois chegar ás 7 horas em *Irajá* e vir aproximadamente da linha *Santíssimo* — saídas O. do desfiladeiro M.º dos *Coqueiros*, Serra do *Quitungo*, Serra do *Mandanha*.

2.ª HIPOTESE — O problema é o seguinte:

De que distância X de *Realengo* deve partir a informação para que chegando ás 10,30 possa informar ao Cmt. do Dest. sobre a possibilidade do inimigo agir pelos seus fogos de artilharia contra a linha de P.A.

A aplicação da formula precedente da:

$$X \geq 24$$

A informação mandada pelo R.C.D. deve, pois, chegar ás 10,30 em *Realengo* e vir da região em que o inimigo foi assinalado na tarde d — 1.

C — Emprego da ação retardadora.

Encarando as diferentes hipóteses que se pôdem fazer a respeito da cavalaria inimiga, da mais pessimista á mais optimista, vimos que, para haver a liberdade de ação do comando, é necessário que o comandante do destacamento seja informado nos seguintes limites de espaço e de tempo:

- 1.º — ás 7 horas a respeito da linha *Santíssimo* — saídas O. dos desfiladeiros M.º dos *Coqueiros* — *Serra do Quitungo*, *Serra do Mendanha*.
- 2.º — ás 10,30, em *Realengo*, a respeito da linha Est. *Paciencia* — Faz. *Paladio*.

Isto quer dizer que para satisfazer ás necessidades a informação deve vir, a todo momento, de uma distância de cerca de 20 kms.

E' evidente, em consequencia, que toda informação a respeito da Cavalaria inimiga partindo de uma distância menor, não satisfaz ás necessidades do comando.

Neste caso, ao receber as informações, faltará tempo e espaço ao comandante do Destacamento.

Este pedirá então ao R.C.D. que garanta pela ação retardadora o complemento de tempo de que precisa.

Como já o fez para a informação, o comandante do destacamento, encarando sucessivamente as duas hipóteses limites, fixará ao R.C.D. os limites da sua ação retardadora.

Encarando a 2.ª hipótese, é evidente que ele pedirá ao R.C.D. que impeça á cavalaria inimiga de atingir a linha M.º do *Viegas* — Faz. do *Mandanha* antes das 11,30.

Encarando a 1.ª hipótese é tambem evidente que o Cmt. do Dest. pedirá ao R.C.D. que impeça a cavalaria inimiga de atingir as alturas O. da E. F. C. B. (ramal de S. Paulo) antes das 8 horas.

Além disso e se encontrar o inimigo nessa ultima região, o Cmt. do Dest. pretendendo atacar em direção ao eixo *Deodoro* — *Vila Militar* — *Realengo*, pedirá ao R.C.D. que pelo menos mantenha até a chegada das Vgs. a linha Faz. dos *Macacos* arroio *Piraquara* — M.º da *Caixa Dagua*.

D — Missão dada ao R. C. D. pelo Cmt. do Destacamento

- 1.º) O R.C.D. (3 Esq. de Mtrs.) marchará no dia D ao encontro das forças azuis assinaladas na região Est. *Paciencia* — Faz. *Paladio* e reconhecerá a zona do Destacamento principalmente no eixo da Est. *Real de Sta. Cruz*. Nessa zona, repelirá os elementos ligeiros inimigos, tomará o contâto com as forças mais importantes e assinalará os seus movimentos para Oeste.
- 2.º) Enviará informações mesmo negativas:
 - a) as 6,30 da linha *Santíssimo* — Saídas O. dos desfiladeiros M.º dos *Coqueiros* — *Serra do Quitungo*, *Serra do Mendanha*.
 - b) ás 10 horas Est. *Paciencia* — Faz. *Paladio*.
- 3.º) Caso não possa atingir a 1.ª linha, o R.C.D. empregará a ação retardadora de modo a impedir que o inimigo atinja, antes das 8 horas, as alturas O. da E. F.

C. B. (ramal de S. Paulo) e procurará manter pelo menos a linha Faz. dos Macacos — Arroio Piraquara — M.º da Caixa Dagua até a chegada das Vgs.

Caso não possa atingir a 2.ª linha o R.C.D. empregará a ação retardadora de modo a impedir que o inimigo atinja a linha M.º do Viegas — Faz. do Menda-

nha antes das 11,30.

4.º Um C.A.I. funcionará em *Honorio Gurgel* a partir das 6 horas.

O R.C.D. utilizar-se-á da linha telefônica — *Sta. Cruz* — *Honorio Gurgel*.

5.º O Cel. Cmt. do R.C.D. porá 1 esquadrão a disposição das Vgs.

(1 Pel. na Vgs. da col. A — 3 Pel. na Vg. da col. B).

E — Informações necessárias aos Cmts. de Vgs.

No caso do téma em estudo, o Cmt. do Destacamento verde fixou para cada Vg. das colunas A e B:

I eixo de marcha.	Vg. da col. A	Vigario Geral — Est. de Vigario Geral — caminho que vai ter a ponte sobre o rio <i>Meriti</i> — passagem sobre a E.F. Rio Douro — caminho das vertentes S. da cota 83 — Faz. <i>Barros Filho</i> — Est. de <i>Ricardo de Albuquerque</i> — M.º do <i>Periquito</i> — Col. <i>Capão Redondo</i> .
I zona ...	Vg. da col. B.	Vigario Geral — Est. <i>Lucas</i> — Est. da <i>Agua Grande</i> — <i>Irajá</i> — Est. <i>Colegio</i> — Par. <i>Sapê</i> — Vila <i>Proletaria Deodoro</i> — <i>Realengo</i> — <i>Bangú</i> .
as linhas sucessivas a atingir pelos escalões de combate das Vgs.	Zona da Vg. da col. A	limite N. Rio S. J. de Meriti — Serra de Madureira. limite S. Est. <i>Areal</i> — vertentes N. do M.º da <i>Cruz</i> — vertentes N. do M.º da Estação — crista M.º do <i>Capim</i> — M.º do <i>Jaques</i> — Mte. <i>Alegre</i> — cota 60 — Col. da <i>Torre</i> — M.º do <i>Retiro</i> — M.º dos <i>Coqueiros</i> .
	Zona da Vg. da col. B.	limite N. o limite S. da Vg. da col. A. limite S. Est. <i>Turi-Assú</i> — <i>Osvaldo Cruz</i> — crista S. da Est. <i>Real</i> .
	Bifurcação 1 km. SO. de Vigario Geral. Bifurcação 1 k. 500 O. de Est. <i>Lucas</i> .	} ás 6 horas
	E. F. Rio Douro	} ás 7 horas
	E. F. C. B. (ramal de S. Paulo) até <i>Deodoro</i> — M.º Cel. <i>Magalhães</i> — orlas O. de <i>Portugal Pequeno</i>	} ás 8 horas e 15 minutos.
	Col. do <i>Cabral</i> — M.º do <i>Periquito</i> — cota 60 — arroio <i>Piraquara</i> — Par. dos <i>Macacos</i> — <i>Caranguejo</i> .	} ás 9 horas e 15 minutos.
	Col. do <i>Cemiterio</i> — Arroio <i>Sarapuhy</i> — orlas O. de <i>Bangú</i> .	} 10 horas e 30 minutos.
	linha cerca de 2 kms. O. da precedente P.A.	} 11 horas.

De acordo com essas indicações e as considerações teóricas precedentes é fácil determinar no caso do téma em estudo quais são as informações necessárias de que precisam os Cmts. de Vgs.

F — Ordem ao Esquadrão Divisionário

Horas	Linhos a atingir pelo Escalão de combate das Vgs.	Linhos a atingir pela Cav. Div. de Segurança imediata.	Vigilancia até as linhas	Observações
6 horas	Bifurcação — 1 k. SW. de Vigarão Geral, bifurcação 1 k. 500 W. de Est. Lucas.	E. F. Rio D'Ouro.	Linha auxiliar — Costa — Barros — Olaria — cóta 72 — M.º do Sapê.	
7 horas	E. F. Rio D'Oro.	E. F. C. B. (Ramal de S. Paulo) até Deodoro — M.º Cel. Magalhães — orlas W. de Portugal Pequeno.	M.º do Nascimento — M.º do S. Bernardo — M.º do Capim. Col. do Acampamento — M.º do Rosa.	
8 horas 15 mi- nutos.	E. F. C. B. (Ramal de S. Paulo) até Deodoro — M.º Cel. Magalhães — orla W. Portugal Pequeno.	Col. do Cabral — M.º do Periquito — Cota 60 — arroio Piraquara — Faz. dos Macacos. — Caranguejo.	Col. da Barreira — Col. do Trem. Col. do Capão Redondo. Col. da Torre — cota 40 e 30 (1 k. 500 E. do M.º de S. Bento) orla W. de Realengo.	
9 horas 15 mi- nutos.	Col. Cabral — M.º do Periquito — cota 60 — arroio Piraquara — Faz. dos Macacos — Caranguejo.	Col. do Cemiterio — Sarapuy — orlas O. de Bangú.	Encruzilhada de 1 k. N.W. do M.º do Retiro, Encruzilhada 2 ks. — W. N.W. da Est. de Bangú — cota 60 (1 k. S.W. da saída W. de Bangú).	
10 horas 30 mi- nutos.	Col. do Cemiterio — Sarapuhy — orlas W. de Bangú.	Ponto da Est. 1 k. N. do M.º da Formiga, Encruzilhada 1 k. E. do M.º do Taquaral, Santíssimo — Cólogo entre M.º do Lameirão e M.º do Gago.	O Esquadrão cobrirá nessa linha a instalação dos P.A.	

II — Como tecnicamente, procéde a cavalaria divisionaria para cumprir as missões recebidas.

Para cumprir satisfatoriamente as missões recebidas é necessário:

- 1.º que a cavalaria divisionaria tenha recebido ordens precisas;
- 2.º que possua os meios necessários para cumpri-las;
- 3.º que os processos empregados facilitem a execução destas missões.

1.º — As ordens recebidas — Para cumprir satisfatoriamente as missões de informação e de cobertura já referidas, é necessário que a cavalaria divisionaria tenha recebido do comando ordens precisas.

Estas ordens, quer se trate da cavalaria que age em proveito do Cmt. da D.I., quer da que age em proveito das Vgs., devem, pois fixar nitidamente:

- a) missão principal, materializada pela sua direção de esforço (geralmente a da D.I.).
 - b) os objetivos que a cavalaria deve atingir sucessivamente e as condições de tempo em que deve fazê-lo; as informações a serem colhidas em cada um e a quem transmiti-las.
 - c) conduta a manter em caso de encontro com o inimigo sobre ou entre os objetivos:
- seja manter nesses objetivos pontos indicados e particularmente importantes até à chegada das Vgs.;
- seja retirar-se guardando o contato;
- seja retardar o inimigo em limites de tempo e espaço determinados, mantendo em último caso certos pontos indicados e particularmente importantes do terreno.

- d) em se tratando sobretudo de informações, as ligações e transmissões a realizar com o comando, a aviação e a cavalaria das grandes unidades vizinhas.
- e) as informações a fornecer a respeito do terreno.

Essas indicações que decorrem diretamente das necessidades que o Cmt. da D.I. quer dos Cmts. de Vgs. — não podem ser inventadas pelo Cmt. da Cav. Divisionaria e, em consequência, lhe devem ser dadas com a máxima precisão nas ordens.

Estas devem dar, ainda, indicações precisas sobre o remuniciamento, reabastecimento e evacuações.

Consoante este espirito é que foram redigidas as ordens contidas neste trabalho e referentes não só ao grosso do R.C.D. como ao esquadrão divisionário.

Vejamos agora, colocando-nos em face do caso concreto em estudo, quais são os meios e quais devem ser os processos da cavalaria divisionaria.

2.º Os meios — Os meios do R.C.D. são conhecidos. Limitar-nos-emos a mostrar o que esta cavalaria possue e o que lhe falta para cumprir satisfatoriamente as missões que lhe foram dadas para agir quer em proveito do Cmt. do destacamento quer em proveito das vanguardas.

Cavalaria á disposição do Cmt. do Destacamento (no caso estudado tres esqs. cav. e um esq. de Mtr.).

Essa cavalaria tem duas missões bem nitidas:

- uma missão de informação;
- uma missão de cobertura.

Nessas duas missões vejamos o que ela deve realizar, o que possue e o que lhe falta para isso.

O Dever

Do canheno de um combatente da grande guerra — citado por Gustavo Le Bon: «Hoje ha alguma cousa de indefinido que paira acima de tudo, uma palavra de sentido imponderável quando se analysa, mas sublime quando se pronuncia: Patria. Nós estamos num momento tal, nós vivemos uma pagina tão tragica que nós devemos todos cumprir *nossa dever* e quando que se faz mais que o *dever* não se sabe bem se é bastante».

Missão dada na ordem	O que essa cavalaria deve realizar e consequentemente de que deve ser capaz	Os meios que possue	Os meios que lhe faltam
<p>1.º <i>Informação a —sua procura</i></p> <p>Reconhecer a zona do destacamento e nesta zona tomar o contáto do inimigo, isto é:</p> <ul style="list-style-type: none"> — determinar seu contorno aparente; — verificar si este inimigo está marchando ou parado; — conseguir, a respeito de sua força informações que permitam ao Cmt. do destacamento de decidir si convem ou não mudar o seu dispositivo. <p>Além disto estas informações devem ser conseguidas rapidamente.</p>	<p>Para isso conseguir a Cavalaria deve:</p> <ul style="list-style-type: none"> — esquadrinhar uma zona de cerca de 8 kms. de largura; — em toda essa zona, quasi simultaneamente, com elementos ligeiros e plasticos tomar um 1.º molde do contorno inimigo; — ficar em condições de precisar rapidamente esse contorno com elementos possuindo um poder maior de reconhecimento; — determinado esse contorno obrigar o inimigo a revelar os meios que possue (fogos de I. e A. tanto mais nutritivos quanto o inimigo é mais forte). <p>Consequentemente, a cavalaria deve:</p> <ul style="list-style-type: none"> — poder marchar desenvolvida em toda a zona do destacamento; — ser precedida por elementos avançados flexiveis e plasticos; — atacar ou resistir (em certos pontos da zona) com os meios necessarios para obrigar o inimigo a fornecer indicios suficientemente precisos a respeito de sua força. 	<p>— A cavalaria divisionaria possue os meios de fogo suficientes para marchar desenvolvida na zona do destacamento.</p> <p>— Ela pôde com facilidade e rapidamente tomar um 1.º molde do contorno inimigo graças á sua mobilidade e plasticidade: um pelotão pode, de acordo com o terreno, reconhecer uma frente de 500 a 1.500 metros.</p> <p>— Em presença dos elementos avançados do inimigo, a entrada rapida em ação de um fogo muito movel e sua combinação com movimento, disbordante, a cavalo (utilização do terreno — das formações e andaduras) permitem, geralmente, á cavalaria superar as resistencias isoladas e precisar o verdadeiro contorno do inimigo.</p> <p>— Si o terreno favorecer o estabelecimento de rôdes de fogo, essa cavalaria poderá em algumas partes da zona oferecer uma certa resistencia, suficiente para obrigar o inimigo a revelar indicios interessantes a respeito da sua força (artilharia).</p>	<p>— Seu poder ofensivo (efetivo-armamento) é, entretanto nitidamente insuficiente para obrigar o inimigo a revelar indicios bastante precisos a respeito da sua força:</p> <p>Um minimo de 2 esquadrões com Mtrs. é necessario para, na zona do destacamento determinar um contorno preciso. Numa zona de D.I., serão necessario geralmente, 3 esquadrões.</p> <p>O esquadrão pôde atacar numa frente de 300, 500 e 700 ms. conforme agir com 2 ou 3 pelotões em 1.º escalão, com ou sem apoio de mtr.</p> <p>O R.C.D. não possue artilharia para obrigar o inimigo a revelar a sua.</p> <p>No caso de uma zona de D.I. com cerca de 15 kms., (caso geral) o R.C.D. precisaria de uma Cia. de infantaria um complemento de fogo «móvel» do valor de 1 Cia. de infantaria.</p>

Missão dada na ordem	O que essa cavalaria deve realizar e consequentemente de que deve ser capaz	Os meios que possue	Os meios que lhe faltam
<p>ENVIARÁ informações mesmo negativas:</p> <p>— ás 6,30 da linha <i>Santíssimo</i> — saídas Oeste do disfiladeiro M.^o do <i>Coqueiros</i>, Serra do <i>Quitungo</i> — Serra do <i>Quitungo</i>, Serra do <i>Mendanha</i>;</p> <p>— ás 10 h. da linha Est. <i>Paciencia</i>—Faz. <i>Paladio</i>.</p>	<p>O R.C.D. que passou a noite na região de <i>Anchieta</i> — <i>Ricardo de Albuquerque</i> — <i>Deodoro</i> — <i>V. Proletaria</i> deve por conseguinte procurar atingir com o seu grosso a região do 1.^o objetivo ás 6 horas pelo menos.</p> <p>Deve consequentemente ser capaz de aproveitar ao maximo sua rapidez de movimento. Para isso é necessário que:</p> <p>— embora coberto desde o inicio, possa marchar rapidamente e por conseguinte desocupadamente até á região em que um encontro seja possível — necessidade de ser informado.</p> <p>— a partir dos primeiros encontros com os elementos avançados do inimigo (de informação ou segurança) permaneça em condições de repelir sem demora estes elementos e de proseguir sem lentidão exagerada em direção ao seu objetivo.</p>	<p>— Uma tropa ligeira de cavalaria pôde marchar a 9 kms. por hora.</p> <p>O R.C.D. possue meios proprios de informação (patrulhas) que destacadas com a antecedencia necessaria, lhe fornecerão a possibilidade de aproveitar ao maximo a sua velocidade de marcha enquanto o inimigo não se manifestar.</p> <p>A partir dos 1.^{os} encontros dessas patrulhas com os elementos avançados inimigos, a necessidade de conhecer o terreno com mais minucias reduzirá a velocidade do R.C.</p> <p>Entretanto o seu proprio dispositivo (desenvolvido na zona) e as disposições tomadas pelos elementos de segurança permitir-lhe-ão vencer rapidamente as resistencias isoladas (desbordamentos automaticos).</p> <p>O R.C.D. possue material para ligação com a aviação (paneis de sinalização e identificação). Por conseguinte, em determinados pontos antecipadamente previstos, é possivel uma ligação com a aviação.</p> <p>As informações transmitidas pela aviação são susceptiveis de facilitar a rapidez de ação da Cavalaria.</p>	

Missão dada na ordem.	O que essa cavalaria deve realizar e consequentemente de que deve ser capaz	Os meios que possue	Os meios que lhe faltam
<p>b—a sua transmissão. Assinalará os movimentos inimigos para leste.</p> <p>Enviará informações mesmo negativas:</p> <ul style="list-style-type: none"> — ás 6,30 da linha <i>Santíssimo</i> — saídas O. do desfileiro M.^o dos <i>Coqueiros</i> — Sa. do <i>Quitungo</i>, Sa. do <i>Quitungo</i> — Sa. do <i>Mendanha</i>. — ás 10 h. da linha Est. <i>Paciencia</i> — Faz. <i>Paladio</i>. 	<p>As informações da Cavalaria Divisionaria devem chegar em tempo oportuno ao Cmt. do Dest.:</p> <p>A 1.^a ás 7 horas em <i>Irajá</i>; A 2.^a ás 10,30 em <i>Realengo</i>. E' pois necessário que o R.C. seja capaz de transmitir rapidamente as informações que colher.</p>	<p>Para percursos superiores a 6 ou 7 kms. os meios do R.C.D. são insuficientemente rápidos.</p> <ul style="list-style-type: none"> — estafetas — 10 a 20 kms. por hora. — T. S. F. — 7 kms. de alcance. — telefone — meios suficientes caso exista uma linha. 	<p>Necessidade de doutar o R.C. D. de 1 posto de T. S. F. com alcance mínimo de 50 kms. e de transporte facil.</p>
<p>2.^o COBERTURA</p> <p>a) Nessa zona repelir os elementos ligeiros inimigos.</p> <p>b) Caso não possa atingir a 1.^a linha procurar pela ação retardadora impedir que o inimigo atinja antes das 8 h. as alturas W. da E. F. C. B. (ramal de São Paulo).</p> <p>Caso não possa atingir a 2.^a linha procurará, pela ação re-</p>	<p>Para isto conseguir a Cavalaria deve:</p> <p>a) poder em toda a zona e rapidamente vencer as resistências ligeiras que se possam opôr ao movimento dos seus elementos avançados de reconhecimento.</p> <p>Deve, consequentemente, marchar desenvolvida na zona do destacamento e em condições de, pela combinação do fogo e movimento, superar estas resistências.</p> <p>b) — poder sobre ou entre os objetivos fixados:</p> <ul style="list-style-type: none"> — quer guardar o contáto; 	<p>— A cavalaria divisionaria possue, como vimos acima, os meios de fogo suficientes para poder marchar desenvolvida na zona do destacamento.</p> <p>— A entrada rápida em ação de um fogo muito movel combinado com o movimento desbordante a cavalo permite que a cavalaria supere as resistências dos elementos ligeiros que encontrar.</p> <p>— A flexibilidade de suas unidades, o seu deslocamento rápido, os seus meios de fogo permitem que a cavalaria divisionaria guarde um contáto,</p>	<p>Necessidade de reforçar o R.C. D.</p> <ul style="list-style-type: none"> — com elementos de infantaria e artilharia; — com elementos de engenharia (destruições importantes) quando a missão o exigir.

Missão da na ordem	O que essa cavalaria deve realizar e consequentemente de que deve ser capaz	Os meios que possue	Os meios que lhe faltam.
tardadora, impedir que o inimigo atin- ja antes das 11,30 a linha M. ^o do Vei- gas — Faz. do Men- danha.	<p>— quer manter uma linha ou pelo menos certos pontos do terreno até á chegada das Vgs. isto é durante 1 tempo maximo de 4 a 5 horas.</p> <p>— quer, no caso de progressão do inimigo, extender em toda ou parte da zona do destacamento rôdes de fogos sucessivas suficientemente continuas e fortes para que os combates sucessivos nelas travados permitam juntos com a execução de destruições retardar o inimigo durante um maximum de duas ou tres horas.</p>	<p>— si a extensão da linha o permite, si o terreno oferece obstaculos, o R. C. D. poderá manter durante um tempo curto (4 a 5 horas) uma posição ou pelo menos certos pontos importantes até á chegada das Vgs.</p> <p>— A sua ação retardadora, geralmente de curta duração, pôde ser eficaz quando o terreno oferece obstaculos.</p> <p>A cavalaria possue o material necessario para a execucao de pequenas destruições.</p>	

Cavalaria é disposição das Vanguardas — (no caso estudado um esquadrão)

Em quanto a distancia entre o destacamento e inimigo fôr tal que não tenha havido contato entre a cavalaria á disposição do destacamento e a cavalaria aféta ás vanguardas, esta ultima tem tambem duas missões:

uma missão de informação — Permittir que os primeiros elementos das Vgs. não sejam atingidos pelos tiros de a.a. inimigas antes de ter podido tomar suas disposições; fornecer informações a respeito do terreno (viabilidade das estradas, passagens obrigadas, regiões vistas, itinerarios desenfiados etc.).

uma missão de cobertura — Repelir ou deter os elementos ligeiros inimigos.

A missão de informação exige que a Cavalaria dela incumbida precedendo os primeiros elementos da Vg. de cerca de 4 a 6 kms. esquadrinhe detalhadamente uma zona de mais ou menos 8 kms. de frente. Deve consequentemente marchar desenvolvida na zona do destacamento e possuir uma reserva para fornecer novas patrulhas, substituir patrulhas perdidas, corrigir erros de direção etc.

A cavalaria, graças á sua facilidade de deslocamento rapido em todos os terrenos é particularmente apta para este serviço.

É preciso entretanto dar-lhe o efetivo necessario admitindo que um pelotão pôde, conforme o terreno reconhecer uma frente de 500 á 1.500 metros. Quanto á transmissão das informações, será feita neste caso por estafetas.

A missão de cobertura exige que esta cavalaria possa repelir ou deter os elementos ligeiros inimigos.

A cavalaria afeta ás Vgs. é neste caso e o será quasi sempre fraca não se lhe podendo exigir ações de força. Entretanto, não só a combinação do fogo e movimento dentro dos pelotões como o seu proprio dispositivo, facultar-lhe-ão, geralmente, a possibilidade de superar as resistencias ligeiras e descontinuas que encontrar.

3.º OS PROCESSOS

Cavalaria á disposição do Cmt. do Destacamento

Estudaremos sucessivamente:

A — qual o dispositivo de marcha dessa cavalaria;

B — Em caso de encontro com o inimigo como, nas diversas hipóteses encaradas na ordem, jogar este dispositivo para satisfazer ás exigencias da missão.

A — O Dispositivo

I — SITUAÇÃO — Onde está o inimigo? Forças importantes de cavalaria inimiga com artilharia atingiram hontem ás 18 horas a região de *Santa Cruz*, Est. *Paciencia*, Faz. *Paladio* onde bivacaram.

CONCLUSÃO — O R.C.D. pôde encontrar os grossos dessa Cavalaria na região de *Santíssimo* — *Bangú*; os seus elementos avançados antes dessa região.

II — DE QUE SE TRATA? Trata-se de executar a ordem recebida.

a) O R.C.D. deve, em primeiro lugar, procurar atingir com seus grossos e ao mais tardar ás 6 horas a linha *Santíssimo*, saídas O. dos desfiladeiros. M.º dos *Coqueiros* — Serra do *Quitungo*, Serra do *Quitungo* — Serra do *Mandanha* — 1.º objetivo.

Si não encontrar o inimigo, proseguir para O. de modo a atingir com seu grosso, e o mais cedo possível, a linha Est. *Paciencia* — Faz. *Paladio* — 2.º objetivo.

b) 1.º — Reconhecer a zona do destacamento;
2.º — nela repelir os elementos ligeiros inimigos;
3.º — nesta zona ainda, rapidamente, tomar o contato com forças mais importantes;
4.º — si encontrar o inimigo antes do 1.º objetivo, retarda-lo de modo que ele não atinja

antes das 8 horas as alturas W. da E. F. C. B. (ramal de São Paulo) mantendo em ultimo caso e particularmente a linha Faz. dos *Macacos*, Arroio *Piraquara* — Mte. *Alegre*.

Si encontrar o inimigo antes do 2.º objetivo, retarda-lo de modo que ele não atinja antes das 11,30 a linha M.º do *Viegas* — Faz. do *Mandanha*.

CONCLUSÕES — 1.º) A operação do R.C.D. apresenta-se, pois, sob a forma de duas operações sucessivas, tendo cada uma objetivos precisos, a serem regulados separadamente, em ordens também sucessivas.

2.º — Dadas as possibilidades do inimigo (Veja — I — situação) O R.C.D. deve operar rapidamente de modo a, em cada operação, procurar atingir os seus objetivos antes do inimigo ou, pelo menos, chegar aos contatos interessantes o mais longo possível;

3.º — No decorrer de cada operação ficar em condições de realizar os diferentes itens do paragrafo b precedente.

III — COMO AGIR PARA SATISFAZER A ESSAS CONCLUSÕES
1.ª operação.

a) *Esta operação deve ser conduzida rapidamente.*

Para isto é necessário:

1.º — Que até aos primeiros contatos, o R.C.D. possa desenvolver a sua velocidade maxima de marcha.

Isto será conseguido si o R.C.D., informado em tempo oportuno da região e do momento em que se darão os primeiros contatos, puder, até aí, marchar despreocupadamente, sem medidas minuciosas de segurança que reduziriam a sua velocidade.

CONCLUSÃO — Necessidade de mandar pelas diferentes vias de acesso e á distancia suficiente, elementos, cuja informação a respeito do inimigo, permita aos órgãos de segurança tomarem, em tempo oportuno, medidas mais minuciosas.

Já sabemos calcular esta distancia da informação, que no caso será de 10 a 12 kms.

2.º — *Que a partir dos primeiros contatos, embora com velocidade reduzida pelo fato da segurança*

proceder com maior minucias, o R.C.D. não se deixe deter a todo momento por incidentes sem importancia, para chegar o mais rapidamente possivel aos contatos interessantes.

Isso será conseguido si os primeiros elementos do R.C.D. tiverem a força suficiente para reconhecer e repelir as resistencias isoladas e ligeiras que encontrarem, e si, em caso de necessidade, puderem ser apoiados a tempo.

CONCLUSÃO — O dispositivo do R.C.D. deve compreender um escalão de reconhecimento capaz de reconhecer e repelir as resistencias isoladas e ligeiras, e um escalão de combate em condições de o apoiar sem demora.

b) no decorrer desta primeira operação o R.C.D. deve:

1.º) *Reconhecer a zona do destacamento.* Para isso é necessario, antes de tudo, ter em toda a zona elementos de reconhecimento que a esquadrihem. Mas não basta. Sendo necessario que este reconhecimento seja completo, permanente, metodico e rapido, não deve ser atribuido a elementos esparsos, entregues a si mesmo diante das dificuldades que surgirem, sem ligação firme entre si, vagarosos porque sem força, e incapazes de dar a tempo informações completas e precisas.

CONCLUSÃO — Afetar ao reconhecimento da zona do destacamento, o numero de esquadrões necessarios, dando-se a cada um, uma zona que corresponda ás suas possibilidades e de acordo com a importancia relativa das diversas direções.

Cada um destes esquadrões marchará em dois escalões:

— *escalão de reconhecimento* composto do numero necessario de pelotões para reconhecer toda a zona, aonde marchará desenvolvido conforme imposição da rede de estradas e caminhos;

— *escalão de combate* seguindo por lances, a certa distancia e empregando geralmente varios itinerarios.

2.º — *Na sua zona repelir os elementos ligeiros inimigos.*

Para isso já vimos (paragrafo a) que o dispositivo do R.C.D. deve compreender um *escalão de reconhecimento* ca-

paz de reconhecer e repelir as resistencias isoladas e ligeiras, e um *escalão de combate* em condições de o apoiar sem demora.

Alem disso, os elementos ligeiros inimigos virão pelas estradas e caminhos.

CONCLUSÃO — Cada esquadrão com missão de reconhecimento na zona do destacamento, constituirá seu escalão de reconhecimento com pelotões orientados pelas diferentes vias de acesso do inimigo. O numero destes pelotões será estabelecido de acordo com as dificuldades provaveis, decorrentes quer do terreno quer da probabilidade de encontro com o inimigo.

A ação destes pelotões assim coordenada pelos respectivos comandantes de esquadrão, será apoiada, conforme as necessidades, pelo escalão de combate previamente orientado para uma ou varias direções em virtude das previsões sobre seu provavel emprego.

3.º *Na sua zona tomar rapidamente o contáto com forças mais importantes.*

Sabemos já de que natureza devem ser as informações de contáto pedidas pelo comandante do destacamento.

Elas devem:

— definir o contorno aparente do inimigo;

— fornecer indicios á respeito da sua força e principalmente na direção principal indicada na ordem do R. C. D.

Além disto e afim de não aumentar ainda a distancia já grande em que o R.C.D. opera na frente do destacamento essas informações devem ser colhidas o mais rapidamente possivel.

O escalão de reconhecimento orientado e composto como vimos tomará logo um primeiro molde do inimigo.

A fração do escalão de combate agindo em cada sub-zona de esquadrão deverá precisa-lo rapidamente pelo combate do que resultarão algumas vezes, mas nem sempre, informações interessantes sobre a força do inimigo.

Existe, porém, uma direção principal que interessa particularmente ao Cmt. do destacamento e onde se deverá provocar reações do inimigo que fornecam indicios mais precisos da sua força. Para isso é necessario que se disponha de

um elemento mais forte eixado nessa direção.

CONCLUSÃO — A repartição do escalão de combate do R.C. será dosada de modo que o efetivo maximo seja eixado para a direção principal indicada ao R.C. na sua ordem.

4º Si encontrar o inimigo antes do 1º objetivo, retardá-lo de modo que não atinja antes das 8 horas as alturas O. da E. F. C. B. (ramal de S. Paulo) procurando pelo menos conservar a linha M.º da Caixa Dagua (S.O. de Mte. Alegre), Arroio Piraquara, Faz. dos Macacos.

Para isso é necessário:

- que o Cmt. do R.C. tenha feito de antemão um estudo desta ação eventual (vide o paragrafo — como adaptar esta ação ao terreno);
- que o R.C. possa, com presteza, opôr ao inimigo em toda a zona um fogo capaz de o conter;
- que esta força seja dosada de antemão em função da importancia dos pontos a conservar.

CONCLUSÃO — O dispositivo preconisado até agora satisfaz a essas diferentes necessidades.

IV— COMO ADAPTAR ESTA AÇÃO AO TERRENO.

E' agora preciso adaptar o dispositivo precedente ao terreno e para isso estudar este ultimo nos seguintes pontos de vista:

- 1º Por onde orientar as patrulhas de ponta;
- 2º Como dividir a zona do destacamento entre as diferentes sub-unidades do R.C.?
- 1º *Por onde orientar as patrulhas de ponta?*

O inimigo pôde se apresentar pelas seguintes direções classificadas por ordem de importancia.

- a) Estrada Real de Santa Cruz — Escola de Aviação — Portugal Pequeno;
- b) Estrada do Campinho — Estrada do Rio do Ar. — Estrada da Pósse — Estrada do Boqueirão — Estrada N. do M.º de S. Bento — Vila Nova — Vila Militar — Deodoro.

- c) estrada do Campinho — Estrada do Rio do Ar — Estrada do Rio da Prata do Mendanha — Estrada N. da Serra do Quitungo — Campo de Instrução e depois *Ricardo de Albuquerque* pela estrada do Carrapato ou *Anchieta* por Faz. do Bananal.

CONCLUSÃO — Uma patrulha de ponta em cada uma das direções *a* e *b*, uma por *Ricardo de Albuquerque*, estrada do Carrapato — Campo de Instrução — estrada N. da Serra do Quitungo etc.

- 2º *Como repartir a zona do destacamento entre as sub-unidades do R.C. em vista do reconhecimento, da obtenção das informações pedidas e da ação retardadora?*
- a) Esta divisão da zona do destacamento em sub-zonas afetas ás sub-unidades do R.C. deve ser feita em função das vias de acesso possíveis do inimigo de modo que a cada sub-unidade sejam atribuidas uma ou varias delas;
- b) Deve facilitar o reconhecimento da zona do destacamento, dando a cada sub-unidade um compartimento do terreno em que o reconhecimento seja facil;
- c) As frentes atribuidas ás sub-unidades devem ser função não só das possibilidades de cada uma, mas tambem das dificuldades oferecidas ao reconhecimento pelo terreno e da importancia relativa das informações a colher nas diferentes direções.
- d) Essa divisão da zona do destacamento é, emfim, função da idéa de manobra do Cmt. do R.C. em face das possibilidades de encontro com o inimigo.

**

A — O estudo da carta mostra dois compartimentos de terreno bem nitidos, separados pela linha M.º do Capim — M.º do Jaques — Mte. Alegre — cota 60 (S. de Faz. de Engenho Novo), Col. da Torre — M.º do Retiro — M.º dos Coqueiros.

Entre o 1º objetivo do R.C. e a região de Bangú, uma das vias de aces-

so do inimigo passa no comportamento S, e 2 passam no comportamento N. — A partir da região de *Bangú* dá-se o contrario.

B — As sub-zonas acima definidas permitem um reconhecimento facil em virtude da ausencia em cada uma delas de obstaculos naturais que impeçam movimentos laterais.

C — A sub-zona S., de reconhecimento mais dificil, por causa da existencia de povoados importantes (*Realengo* — *Vila Nova* — *Bangú*), e de importancia maior, por se extender nas direções principais de acesso do inimigo, tem uma frente mais ou menos igual á do norte.

D — Um encontro com o inimigo é possivel na região de *Bangú*. Si ele se dér na região desta localidade e nas alturas ao N., a manobra do Cmt. do R.C. consistirá verosivelmente em detendo o inimigo em *Bangú* e região das alturas O. do *Campo de Instrução*, procurar apossar-se das alturas que dominam ao N. a localidade de *Bangú*.

A divisão em sub-zonas acima indicada, permite uma execução facil, coordenada e imediata dessa manobra.

CONCLUSÃO — Dividir a zona do destacamento em duas sub-zonas separadas pela linha acima definida.

V — QUAL O EFETIVO A EMPREGAR?

Duas questões a resolver:

- efetivo a dar ás patrulhas de ponta;
- repartição do R.C. entre as duas sub-zonas.

a) Efetivo a dar ás patrulhas de ponta — Pela sua missão, elas não precisam força.

CONCLUSÃO — Uma patrulha de uma esquadra em cada direção, comandadas a do S. por oficial, as outras por sargentos.

b) Repartição do R.C. entre as duas sub-zonas.

Essa repartição deve ser feita de modo:

- a afetar a cada sub-zona o efetivo necessario para seu reconhecimento;
- a permitir uma execução facil, pro-veitosa e imediata da idéa de manobra do Cmt. do R.C. para a conquista do 1º objetivo, ou para a ação retardadora.

Ora, um esquadrão basta não só para reconhecer a zona N. como ainda para aí deter o inimigo ou cobrir o flanco N. do R.C. no caso de encontro na região de *Bangú* e ao N. ou de ação retardadora.

CONCLUSÃO — Um esquadrão na sub-zona N.

— Dois esquadrões e o esq. de Mtrs. na sub-zona S.

VI — QUANDO INICIAR A AÇÃO.

O R.C. deve informar a respeito do 1º objetivo ás 6,30. No caso de aí encontrar o inimigo, poder-se-á avaliar em uma hora o tempo da tomada de contactó.

E' pois necessario que o R.C.D. atinja o 1º objetivo por volta das 5,30, isto é, parta ás 4 horas.

Conclusão geral a respeito do dispositivo do R. C. D.

Como vimos acima, a operação do R.C.D. apresenta-se sob a forma de duas operações sucessivas, tendo cada uma objetivos precisos (fixados na ordem) que o R.C.D. deve atingir em condições de conquista-los.

Além disto e no decorrer de cada uma dessas operações o R.C.D. deve, como foi dito anteriormente, estar em condições de:

- fazer um reconhecimento completo, permanente, metodico e rapido da zona do destacamento;
- repelir nessa zona os elementos ligeiros inimigos;
- tomar nela e rapidamente o contactó com forças mais importantes;
- retardar a marcha do inimigo nas condições fixadas na ordem.

A cada uma destas operações corresponde consequentemente um dispositivo particular, função da situação, da missão e do terreno.

Não basta por conseguinte ter na zona do destacamento «uma descoberta» e marchar, atraç, com um grosso em coluna encarregado de «apoia-la» eventualmente.

«Apoiar a descoberta» formula consagrada e pouco precisa, não significa aguardar os acontecimentos ou esperar que o inimigo tenha manifestado a sua presença para ter uma idéa e tomar uma decisão.

«Apoiar a descoberta» não é seguir, mas, sim, empurrar e empurrar no sentido da missão. Agir de outro modo é condenar-se a uma atitude espectante que facilmente degenera em atitude passiva.

Ter o espírito ofensivo é ir para um determinado lugar afim de aí fazer alguma coisa e, para isso, é necessário saber o que se quer fazer e ficar em condições de o fazer a despeito do inimigo.

E' por isso que no tema presente, depois de ter cuidadosamente raciocinado — situação, missão, terreno — o Cmt. do R.C.D., sabendo de modo claro o que quer fazer no caso da sua primeira operação, pôde, em consequência, dispor de suas forças.

Em lugar de elementos esparsos entregues a si mesmos, seguidos por um grosso, «em coluna» na espera dos acontecimentos, o Cmt. do R.C.D. constituiu uma força ativa, articulada de ante-mão em vista da operação a realizar. Neste dispositivo, elementos bem ligados trabalham em comum sob a impulsão direta de seus chefes, orientados de modo preciso pelo Coronel.

Reconhecimento da zona, repulsão de elementos leigos inimigos, tomada de contáto, posse do terreno são assegurados por unidades constituidas, bem comandadas, em ações metódicas e combinadas. Esta ação decorre naturalmente dos dispositivos de marcha adoptado, verdadeiro dispositivo de aproximação, contendo já, em germem, a idéa de manobra e o modo de realizá-la.

B — Qual o jogo do dispositivo para em caso de encontro com o inimigo, satisfazer as exigências da missão.

1º *Repulsão dos elementos leigos inimigos e conquista das informações de contáto necessárias ao comando.* (Vide exercício de apresentação no Campo de Gericino no dia 6 de Agosto de 1931).

Ao encontrar os primeiros contátos, as patrulhas de ponta informam. O R.C. que marchava despreocupadamente, explorando a sua velocidade, toma medidas de segurança mais minuciosas:

— os pelotões do escalão de reconhecimento exploram detalhadamente o terreno;

— as diferentes frações do escalão de combate mantêm-se prontas para, eventualmente, os apoiar.

Os primeiros elementos descontínuos do inimigo encontrados, atacados ou detidos de frente pelo fogo dos pelotões do escalão de reconhecimento vêm-se logo isolados um dos outros e sentem ameaçadas suas comunicações com a retaguarda.

Isto acontecendo não terão outro recurso senão retraírem-se ou deixarem-se envolver.

Nas direções livres ou diante dos elementos inimigos que se retraem, a marcha continua; nas outras, frações do escalão de combate apoiam os pelotões detidos do escalão de reconhecimento.

Diante de resistências mais sérias, o escalão de reconhecimento, toma dum só vez em toda a zona do destacamento, um primeiro molde do contorno inimigo.

Parcial ou totalmente as diferentes frações do escalão de combate entram então em ação.

O seu combate permitirá precisar este contorno e obter alguns indícios a respeito da força do inimigo encontrado.

Estes indícios, entretanto, serão geralmente insuficientes para julgar da força do inimigo.

O comandante do R.C.D. organiza então com os seus elementos disponíveis um golpe de mão num ponto favorável, geralmente na sua principal direção de esforço.

Si fôr bem sucedido e repelir o inimigo, a informação terá uma significação importante e o R.C.D. retomará a direção inicial.

Si fracassar, ainda assim ter-se-á completado informações iniciais e o R.C. manterá então a conduta que lhe fôra fixada na ordem.

2º *Ação retardadora.* (Vide os princípios desta ação no documento n.º 5 — Emprego da Cav. de 1931).

**

Execução da missão pelo esquadrão divisionário

Pela ordem recebida, ele tem sua ação limitada no tempo e no espaço: linhas a atingir em horas determinadas.

Qual o papel do esquadrão?

Impedir que a infantaria das vanguardas seja surpreendida por fogos de fuzis ou a.a. de elementos inimigos que tenham se infiltrado através das malhas da cavalaria em segurança afastada.

A ação desta, por causa do seu efeito e pela necessidade de reconhecer com maiores minúcias as direções mais importantes indicadas pelo comando, oferecerá soluções de continuidade.

O esquadrão divisionário, ao contrário, tendo seu movimento ligado ao da infantaria, terá forçosamente, que fazer, em cada lance, uma parada correspondente à diferença de velocidade entre as duas armas.

Esta parada será aproveitada para um reconhecimento mais detalhado, um esquadriamento dos pontos do terreno donde possam partir tiros contra a infantaria.

O dispositivo do esquadrão deve, portanto, corresponder a esta necessidade, isto é, estar em condições de reconhe-

cer rapidamente a zona de marcha da D.I. em toda a sua extensão, sem solução de continuidade.

Para isto conseguir, o comandante do esquadrão dividirá a zona da D.I. em sub-zonas onde trabalharão os pelotões. Guardará uma reserva.

Tendo recebido a hora de chegada em cada lance, ao comandante do esquadrão, compete, ainda, calcular qual vai ser sua demora em cada um, marcando, em consequência, a hora da partida.

São estas decisões do capitão que veremos nos dois quadros seguintes:

Dispositivo do Esquadrão.

3 pelotões marchando na mesma altura por itinerários sensivelmente paralelos, reconhecem cada um, uma zona.

1 pelotão — em reserva.

Horario — estabelecido levando em conta o horario das Vgs. e a necessidade de reconhecimento e de ligação do esquadrão.

Pelotões	Itinerários	Zonas
1º Pelotão	Itinerário da Col. A. até Colina do <i>Capão Redondo</i> . Em seguida — <i>Cancela Preta, Estrada Boqueirão</i> até a linha em que o esquadrão deve cobrir a instalação dos P. A.	Limite N. — <i>Rio Meriti</i> — Serra de <i>Madureira</i> . Limite S. — Estrada 1.500 m. N. de Est. <i>Colegio</i> — Vertente N. do <i>M.º da Cruz</i> , vertente N. do <i>M.º da Estação</i> — crista do <i>M.º do Capim</i> , <i>M.º do Jaques</i> — <i>Mte. Alegre</i> , cota 60, <i>Col. da Torre</i> , cota 60, <i>M.º do Retiro</i> — <i>M.º dos Coqueiros</i> .
2º e 3º Pelotões	Até Par. <i>Sapé</i> , o itinerário da coluna B. será comum aos dois pelotões. Depois da Par. <i>Sapé</i> o 2º pel. prosseguirá pelo itinerário da Col. B. até a encruzilhada 700 ms. S.W. das saídas W. da <i>Vila Militar</i> , e em seguida por <i>Vila Nova</i> , estrada N. do Morro de S. <i>Bento</i> — estrada S. da crista <i>M.º do Retiro</i> — <i>M.º dos Coqueiros</i> até a linha em que o Esq. deve cobrir a instalação dos P.A. Depois de <i>Sapé</i> o 3º pelotão, seguirá por <i>Bento Ribeiro</i> — <i>Portugal Pequeno</i> — Estrada Real até a linha em que vai cobrir a instalação dos P.A.	Até á E. F. C. B. (linha auxiliar) — zona comum dos dois pelotões limite N. — o limite S. do 1º Pel. Limite S. — Vertentes N. do <i>M.º do Sapê</i> — <i>Est. Turi-Assú</i> — <i>Est. Osvaldo Cruz</i> . — Depois da E. F. C. B. (linha auxiliar) Limite N. — o limite do 1º Pel. Limite S. — saída N.O. da V. <i>Proletaria</i> , <i>M.º Cel. Magalhães</i> , <i>Girante</i> — <i>M.º do Capão</i> — E. F. C. B. 3º Pelotão — Limite N. — o limite S. do 2º — Limite S. — Vertentes S. das alturas S. da Estrada Real.

Horario de marcha do Esq.

Linhos sucessivas a atingir pelos pelotões	Hora de chegada	Hora de partida	Observação
E. F. Rio d'Ouro	6 h.	6 h. 20	
E. F. C. B. (Ramal de S. Paulo) até <i>Deodoro</i> — <i>M.º Cel. Magalhães</i> orla W. de <i>Portugal Pequeno</i> .	7 h.	7 h. 45	
<i>Col. do Cabral</i> — <i>M.º do Periquito</i> — Cota 60 — <i>Arroio Piraquara</i> — <i>Faz. dos Macacos</i> — <i>Caranguejo</i> .	8 h. 15	8 h. 35	Os pelotões aproveitar-se-ão das paradas sobre as linhas sucessivas para estabelecer as ligações com os vizinhos.
<i>Col. do Cemiterio</i> — <i>Sarapuí</i> — orlas W. de <i>Bangú</i> .	9 h. 15	9 h. 50	
Ponto da Est. 1 km. N. do <i>M.º da Formiga</i> — <i>Encruzilhada</i> 1 km. E. do <i>M.º do Taquaral</i> — <i>Santíssimo</i> — colo entre <i>M.º do Lameirão</i> e <i>M.º do Gago</i> .	10 h. 30	Depois da instalação dos P. A.	

Estudo do pelotão do Sul (3.º pelotão).

Vamos estudar o lance de *Portugal Pequeno* ao *Piraquara*, considerando o pelotão com dois grupos de combate.

Sua ação se fará segundo os mesmos princípios que orientam a ação do esquadrão. Deve, portanto, estar em condições de reconhecer rapidamente toda sua sub-zona.

O seu dispositivo será função do terreno que aqui se apresenta separado em partes pelo Campo de Aviação.

Na parte N. temos um caminhamento na zona que margeia o Campo de Aviação, passa pela *Col. das 5 Mangueira* e disborda pelo N. o desfiladeiro do *M.º Tte. Acacio*.

Na parte S., a estrada *Rio-S. Paulo* e a que passa pelo *S. do M.º da Rosa*.

Temos, então, 3 estradas para 2 G.C. E' evidente que depois de seguir pela estrada *Rio-S. Paulo* seria difícil ao pelotão socorrer qualquer elemento que ficasse detido na zona N. do *Campo de Aviação*, pela dificuldade de atravessar esta planície descoberta. Si, portanto, inicialmente não se mandasse um elemento suficiente pelo N., para se com-

pletar qualquer informação ter-se-ia uma operação demorada.

Na zona da estrada do S., ao contrário, temos um terreno dobrado e coberto, permitindo a um G.C. que marchasse pela estrada *Rio-S. Paulo*, socorrer rapidamente os exploradores que por ventura ali fossem detidos.

Alem disto, vemos na nossa frente a passagem delicada que é o desfiladeiro do *M.º Ten. Acacio*.

No caso dele estar ocupado, qual a manobra possível e que desde já poderá ser prevista?

Está claro que seu desbordamento pelo N., isto é, pelo elemento que tivesse seguido pela N. do Campo de Aviação e que para ser eficiente deveria ter alguma potencia de fogo.

**

Em consequencia deste raciocínio, o dispositivo do pelotão poderia ser:

Um G.C. pela zona ao N. do Campo de Aviação;

Um G.C. pela estrada *Rio-S. Paulo*. Este atenderia, tambem, a região do S.

Cada G.C. terá um escalão de reconhecimento (exploradores) e um escalão de combate.

Cavalo militar

Escolha de ambientes favoráveis à sua criação metódica.

Pelo 1.º Ten. Vet. Armando Rabelo de Oliveira
(Prof. de Zootécnica na E. A. S. V. E.)

Com a nomeação do Sr. Major Leon de Campos Pacca, do Serviço de Remonta do Exército, para proceder à escolha, nos Estados do Norte do país, de locais que propiciem, pelas condições de ambientação presentes, mais solidas probabilidades de êxito à criação racional do cavalo militar, ocorreu-nos, como sendo de boa oportunidade cooperadora, a lembrança de repetirmos os conceitos que emitiríamos à respeito, em nosso opúsculo «Diretrizes para a formação do nosso cavalo de guerra», visando prestar com isso alguns elementos de acurado estudo e incontestável senso prático objetivo, em que se poderão firmar, confiantemente, para atingir aquele desiderado, todos quantos se achem empenhados diretamente na execução do aperfeiçoamento do rebanho equino a utilizar nas variadas escalações do serviço de guerra. Por ou-

tro lado, logo a seguir, ser-nos-á dado o ensejo de dar publicidade, neste utilíssimo órgão de divulgação de assuntos militares, do resultado das pesquisas químico-analíticas em terras colhidas por funcionários do Instituto de Química do Ministério da Agricultura, por solicitação da Diretoria de Remonta do Exército, nas cercanias de Lavras, no Estado de Santa Catarina, análises procedidas nos laboratórios do mesmo Instituto, no ano próximo transato.

Pela exposição interpretativa e sumaria dessas análises será fácil aqualatar do verdadeiro vulto dessa inestimável contribuição prestada, muito superiormente, pelo Dr. Mário Saravá e seus dignos auxiliares à causa do *cavalo militar*.

**

As forças vivas da natureza estão na dependência do clima e do solo

Durante a parada em *Portugal Pequeno* o escalão de reconhecimento esquadriinha toda a região de M.º da Rosa, Escola de Aviação, M.º do Acampamento. Seriam estabelecidas as ligações bem como as condições para o inicio do novo lance. Este se executará como um lance normal de patrulha: exploradores reconhecendo os locais donde poderiam partir fogos, e um grosso seguindo pela estrada, pronto a atender aonde for necessário, isto é, num ponto escolhido, para precisar as informações, quando os exploradores estiverem detidos ou as dificuldades do terreno exigirem mais gente para reconhecer-lo.

Incidente.

Ao atingir a estrada do desfiladeiro Tte. *Acacio*, região N. da *Pedreira*, os exploradores são detidos por fogos partindo das casas em B, ao S. da bifurcação do desfiladeiro.

O G.C. do S. apeia para o combate, age pelo fogo contra o inimigo que não cede.

O G.C. do N. ouve os tiros, automaticamente dispara o desfiladeiro e das vertentes S.O. do M.º Ten. *Acacio* abre fogo.

Si se tratar de elementos ligeiros, retrair-se-ão. Ter-se-á evitado, assim, não só a surpresa da infantaria, como também o atraso de sua marcha, pois, sendo mais morosa perderia muito tempo por causa de elementos insignificantes que poderiam repetir, variadas vezes, estes incidentes.

O inimigo sendo mais forte, o pelotão manterá o contato. Ainda assim, depois de ter evitado a surpresa, facilitará a entrada em ação da infantaria, fornecendo-lhe informações bastante precisas para que não perca tempo tateando no desconhecido.

em que se desenvolvem, bem como do regime alimentar sob que se opera o nutrimento.

Valendo-se intelligentemente do poder transformador, incontestavel, desses tres fatores, é que o zootechnista hodierno tem conseguido o milagre das adaptações funcionais e organicas mais variadas.

Ha individuos cujo progredimento na escala das zootecnologias chega a ser tão acentuado que, pelo seu aspeto atual, muito já se distanciam, no seio da especie, do seu primitivo padrão. Estereotipam-se-lhes na feição zootecnica, nitidamente, as impressões do *habitat* e do regime creador.

Entre as entidades superiores, principalmente, a influencia dos meso-agentes faz-se sentir desde os primordios da vida embrionaria — é coisa perfeitamente averiguada — quando ainda não se definiu a individualidade do ser, até as fases mais avançadas de sua arvore filogenetica.

De tal modo se reflete o meio nos caracteres gerais dos individuos, que a fauna e a flora fosseis ainda hoje constituem a base suprema de classificação dos terrenos, quanto ás edades geologicas; e, mais, entre os chamados *fosseis de facies*, compreendidos na fauna primitiva da Era Primaria, avulta por sua significação nessa ordem de idéas o grupo dos *trilobitas* que, por si sós, chegaram a caracterizar a parte média do Paleozoico.

Depois que a ciencia zootecnica, intervindo na multiplicação das espécies domesticadas, veio quebrar o ritmo normal da reprodução instintiva, mais se acentuaram os efeitos do ambiente na variabilidade das formas vivas superiores, num conflito chocante com a grande força mantenedora dos moldes ancestrais.

Utilisando a seu talante as condições naturaes e dispondo com maes-

tria os agentes artificiais modificadores, os zoocultores deste seculo têm levado os seus rebanhos, ao gráu de perfeição zootecnica que as revistas dos grandes centros creadores exibem correntemente para gaudio da ciencia e estímulo dos povos.

Afóra a relação de proporcionalidade existente entre as extensões do *habitat* e o porte dos animais, sobre que chamou nossa atenção Isidor Saint-Hilaire, o sólo age, como já dissemos, diretamente por suas propriedades fisicas, e, mediatamente, pela vestimenta herbacea das pastagens que ostenta, de teor nutritivo bastante variavel.

Testemunho classico desse fáto nos fornece a creação do cavalo na zona meridional francesa, cujo perfil se desata em planicies siliciosas, como a do Tarbes no Alto-Pirineus, para logo ascender a altiplanos calcareos, como o do Gers no Baixo-Pirineus. J. Mallet, referindo-se a essa região, diz: «Le poulain qui a fait sa croissance dans la plaine de Tarbes pèche souvent par une membrure grêle. Pris au sevrage et transporté dans le Gers, il sera tout différent quando il arrivera à l'âge adulte. Le même phénomène se produit lorsque l'on élève l'anglo-arabe du Limousin dans certaines parties du Cantal. La terre arable, d'origine granitique dans le Limousin, silicieuse dans la plaine de Tarbes, est pauvre en chaux et en acide phosphorique. Le sol du Cantal, d'origine volcanique se fait remarquer par sa richesse exceptionnelle en chaux et en acide phosphorique; il en est de même des eaux. Ces facteurs agissent en modifiant la qualité des fourrages et créent en ensemble favorable à l'élevage du cheval».

Entre nós, o meio-dia mato-grossense, compreendido pelas zonas do Pantanal e do Planalto, de identica

latitude, deixa ver, na diversidade da vegetação como na característica discordante dos armentos, impressões que denunciam naturezas geológicas também distintas. Deante de tais observações que salientam o papel preponderante do meio sobre os indivíduos, é mister mencionarmos os resultados obtidos nos diversos terrenos.

A permeabilidade dos terrenos siliciosos às águas pluviais muito prejudica a sua fertilidade; daí a fraqueza de suas pastagens. Os animais criados possuem esqueleto e extremidades espessados.

Em solos ricos de elementos calcareos, desde que o calcio não seja em excesso, são de se prever larga fertilidade e condições favoráveis à pastagem de alto valor nutritivo, do que resultam animais de grande corpuração e ossamenta bem consolidada.

Os meios de natureza granítica, manifestamente agrestes, criam tipos enfekados e raquiticos, pelo minguado alimento que utilizam; enquanto que nos terrenos argilo-calcáreos, que formam excelentes misturas culturais, os rebanhos atingem desenvolvimento notável e têm grande propensão para a engorda.

Mas, até aqui, temos encarado o fator solo sómente através do prisma petrográfico, isto é, sem tomar em linha de conta as qualidades físicas e climáticas ambientes, tão indispensáveis à constituição das terras agrícolas, que são as do domínio da agricultura económica.

E a zootecnia aplicada só encontra indicação e plena garantia de êxito nos meios definitivamente agrícolas, cujas parcelas de organização tenham obedecido à moderna orientação agro-nómica.

Essas duas ações devem manter sempre a mais estreita connexão ex-

cutiva, sem o que se tornará infrutífera qualquer tentativa de aperfeiçoamento animal.

Os râbulas da zootecnia que se entregaram à realização de programas sensacionais quando em projeto, esbarraram com o seu empirismo na inobservância daquela condição essencial.

Notificado como está, presentemente, pelos mais eminentes agrologos contemporâneos, que na fertilidade das terras preponderam as condições físicas sobre as químicas, é conveniente acrescentarmos — tendo sempre em vista o meio criador — que, quanto melhor se processem, no seio das terras pastoris, as funções naturais desses autênticos organismos, maiores coeficientes nutritivos poderão ser utilizados pelos animais criados à sua superfície.

Mas a experiência, como a ciência agrologica, já nos ensinou que, sem o concurso dos agentes químicos normais — luz, calor e humidade — se torna impossível ao solo entreter a vegetação. Evidentemente, o clima, regulando a distribuição da temperatura e da humidade nos ambientes, influencia consideravelmente no desenvolvimento dos seres vivos em geral, e de modo particular na sua morfologia.

Daí termos também de aduzir dados que elucidem a esse respeito.

Nas regiões pastoris de clima seco a produção forrageira é reduzida e os animais têm o porte também reduzido, em virtude de aumentar a transpiração, o que acarreta maior siccatação dos tecidos.

Nos meios humidos dá-se justamente o contrário; exuberam as pastagens e o gado ganha desenvolvimento.

Correm ainda por conta do clima as modificações de nuances nas pê-

lagens, a abundancia ou pobreza dos pelos, a textura da pele, etc.

A propria caracteristica climica das regiões montanhosas, das planicies ou vastidões deserticas, é-nos revelada pelas variações de proporção que apresentam as populações animais oriundas de meios tão diversos.

Consequentemente, procedendo-se a escolha do meio que mais convenha ao cultivo dum rebanho, é de todo indispensavel indagar-se das condições meteorologicas que prestam colaboração eficaz.

Compendiados, assim, resumidamente os efeitos tangiveis dos agentes ecologicos sobre a organização animal e vegetal, resta-nos — proseguindo na trilha que nos traçamos — voltar as vistas para o mapa geo-climico do Brasil, atentando para o seu complexo sistema fisiografico, investigando-lhe a contextura geologica e registando-lhe o clima, para então, como dedução logica, apontar os sítios que se nos afiguram de eleção para constituir séde das coudelarias do Exercito.

Toda a dificuldade reside em não podermos dispor ainda de cartas agro-nomicas, como as possuidas por outros países onde a agricultura mais se adiantou, as quais são de grande utilidade para o agricultor, o agronomo, o creador, pois lhes permite a escolha do meio mais favoravel á produção em vista.

São guias tanto mais preciosos quanto mais completos; informam minuciosamente sobre a agrologia, a geologia, a litologia, a composição química, o clima etc., das diversas regiões do país.

O Serviço de Inspeção e Fomento Agricola do nosso Ministerio da Agricultura (Relatorio Dr. Torres Filho, 1922), já deu inicio a tão largo em-

preendimento. Ao Instituto de Química desse Ministerio, departamento científico dos melhores que possuimos, cuja eficiencia técnica é sobejamente conhecida do Governo, coube proceder á analise das terras coletadas pelo Serviço. Ao seu Diretor, Dr. Mario Saraiva, cientista de merito, aos técnicos Drs. José Hasselmann, Luiz Faria e Campello, e ao prestimoso amigo Luiz Pereira, devemos as analises de terras com que daremos força ao criterio de escolha em que nos vamos estribar.

E' tarefa por demais ousada e su-til, por isso que nos coloca em terreno científico especialissimo; e se a tanto nos atrevemos é tão sómente pela documentação que nos é dado buscar nas obras de mestres consagrados.

Elegemos nossos guias prediletos os estudos de Betim Paes Leme, Ezebio de Oliveira e Gonzaga de Campos, que são dos mais brilhantes geologos patricios.

*
**

Observador entendido que relanceie a vista pelo arrevesado perfil geológico do Brasil, terá explicação imediata e peremptoria da imensa diversidade de tipos entre os seres que povoam o seu territorio.

País que desfruta o privilegio de possuir todos os climas e solos, tem sido a fonte inexgotavel para que, de ha muito, se voltaram as vistas perquirentes dos sabios naturalistas, empenhados em desvendar os arcanos da Zoologia e da Botanica.

Mas a retentiva do observador, no nosso caso, vae abstrair-se tanto quanto possivel dos efeitos para só registrar as causas do fenomeno.

Analisemos rapidamente esse setor da litosfera compreendido pelo território brasileiro (Mapa n.º 1).

Terrenos de todas as edades, a começar pelos mais antigos — as rochas arqueanas — que ocupam vastíssima área a que Branner denominou «Complexo Cristalino Brasileiro», até as sedimentações litorâneas de antiguidade pleistocenica e formações aluviais ainda recentes.

Parece claro que foi em torno de 4 colunas cristalinas primitivas que a evolução geológica foi modelando o continente sul americano, a custa de emersões sucessivas.

Constituído de rochas cristalinas que, se de origem eruptiva, intensa e prolongada ação dinamo-metamórfica adensou ao gráu da cristalinidade gneissica, o «Complexo Brasileiro» parece revelar, por sua característica estratigráfica muito uniforme, uma gênese sedimentária.

A grande muralha gneissica que vae, marginando o Atlântico, do Estado do Espírito Santo até finalizar pela serra do Herval, no Rio Grande do Sul, constitue o primeiro núcleo cristalino, sendo a cordilheira do Espinhaço uma sua ramificação para oeste.

O segundo massiço estende-se para cima da encrucadura descrita pelo rio São Francisco e corresponde exatamente ao sistema orográfico nortdestino.

A terceira lombada cristalina compreende o sistema guiano de montanhas, que contorna a parte superior do vale do Amazonas; ocupando o quarto núcleo arqueano toda a zona central brasileira, que se limita pelas bacias dos grandes tributários do Prata e a do Amazonas.

Rochas menos metamorfisadas são as da idade proterozoica ou período

algonquiano. São constituidas por chistos argilosos filadianos, calcareos cristalinos e compreendem a chamada série de minas que tem área regularmente estensa, principalmente em Minas e Goiás.

Vizinha dessa, porém, de idade mais recente, está a série de Bambuí, admitida por alguns geólogos como pertencendo à base da era Paleozóica (siluriano), com aflorações no vale do Assungui, no Paraná, em Minas, no Rio Grande do Sul (Cacapava), em São Paulo e na Baía.

Segue-se-lhes na ordem cronológica, a série de Diamantina, caracterizada por chistos moles e arenitos diamantíferos. Os arenitos conglomeráticos de Lavras, na Baía, e Diamantina, em Minas Gerais, representam o tipo genérico dessas rochas. Bettim Paes Leme as classifica no devoniano.

Muitos outros terrenos de natureza meio-cristalina foram identificados pelos geólogos que perlustram o interior brasileiro, deixando, porém, grande imprecisão quanto à sua idade geológica por carencia de melhores dados.

A estreita afinidade paleontológica e paleobotânica, reinante entre o carbonífero e o permeano, deu motivo para que Wagan reunisse os dois períodos num só — o antracolítico. Para o estudo geológico do Brasil tal síntese encontra vantajosa aplicação «visto a principal série dessa idade, no sul do Brasil, conservar intimamente ligados os caracteres dos dois períodos».

Na planície amazônica, fosseis marinhos encontrados no baixo Tapajoz, como ao Norte do vale, nas vizinhanças dos rios Jamundá e Trombetas, evidenciaram estratificações do período carbonífero.

Aí essas rochas são arenitos, quis-
tos e calcareos.

Euzebio Paulo de Oliveira nos es-
clarece detalhadamente sobre o an-
tracolítico no sul do país, analisando
a fauna e a flora do periodo referido.
Sobreposto ao devoniano, ele compre-
ende vastas extensões desde S. Paulo
até o Rio Grande do Sul.

As nossas jazidas carboniferas es-
tão incluidas nas series desta edade
final da era Paleozoica.

Mas a bacia permeana vai ainda
muito além de S. Paulo, passando a
Minas, onde fica sotoposta á sedimen-
tação do triassico. Estende-se mais
até Mato-Grosso, Goiaz e Baía. Ar-
rojado Lisbôa também identificou,
no Maranhão e Piauí, as series de
Paranaiba e Pastos Bons, que consi-
derou de edade permeana.

Passando a era Mesozoica, deve-
mos notificar que só o triassico e o
cretaceo se acham bem definidos, o
mesmo não acontecendo para com o
periodo jurassico.

Gonzaga de Campos, estudando o
territorio paulista, distinguiu, perfeita-
mente, nas espessas camadas sedimen-
tarias que se sobrepõem ao permea-
no, duas series que lhe pareceram da
edade secundaria, apresentando-se su-
perpostas e guardando regular hori-
zontalidade. A inferior, constituída
por arenitos vermelhos conglomerati-
cos, as vezes vitrificados por interca-
lações de extratos eruptivos, é a cha-
mada serie de Botucatu'. A superior,
de arenitos argilo-calcareos, cinzentos,
massiços, não intercalados de trap
eruptivo, foi denominada serie de
Bauru'.

A primeira caracteriza a base me-
sozoica, enquanto que a segunda é
admitida como do periodo cretaceo.

Grandes extensões são cobertas pe-
los arenitos triassicos desde o Rio

Grande do Sul (serie de S. Bento),
até S. Paulo, sem interrupção, exi-
bindo o facies topografico, tão co-
nhecido no planalto central brasileiro,
dos chapadões ou espessos tabolei-
ros. Espreia-se depois, para oeste,
compreendendo o triangulo mineiro,
o sul de Goiaz (Serra do Coxipó) e
de Mato-Grosso (serie de Maracaju'),
até Aquidauana.

Distendendo-se para o Norte de
Minas, acompanha por Oeste o vale
de São Francisco (arenitos do Area-
do), indo até acima da Serra Mata
da Corda.

A série de Mearim (A. Lisbôa),
no Maranhão e Piauí, é muito seme-
lhante ás series triassicas de S. Ben-
to e Botucatu'.

O cretaceo também ocupa area mu-
to vasta no Brasil.

Os arenitos de Bauru', Capão Bo-
nito, Barretos e Monte-Alto, em S.
Paulo, são considerados desse periodo.
Daí, passam ao triangulo mineiro e sul
de Goiaz. Segundo Euzebio de Oli-
veira, é vastíssima a area ocupada pe-
las formações cretaceas em Mato-
Grosso.

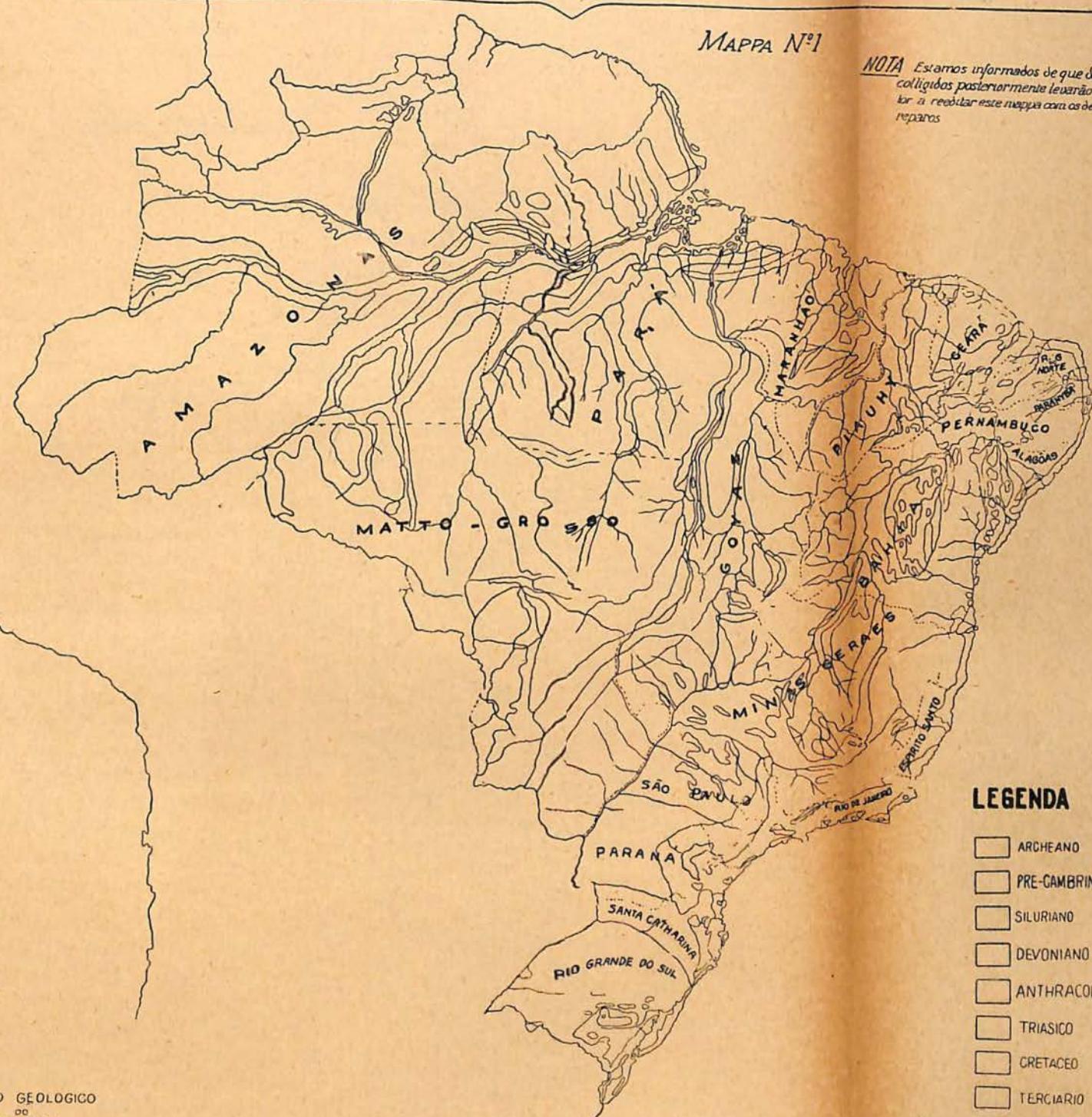
Os arenitos calcareos de Bauru'
descem para o Sul até o Rio Gran-
de, capeando as serras da Esperan-
ça e Geral.

No Ceará os chapadões de areni-
tos calcareos percorrem o Sul do Es-
tado (Serra do Araripe) e ascendem
para o Norte, indo proximo do lito-
ral, pela zona limitrofe com o Piauí
(Serra de Ibiapaba, Jaicós, Picos).
Nos Estados do Rio Grande do Nor-
te, Paraíba, Pernambuco, e para o
Sul, até a zona do reconcavo na Baía,
uma estreita faixa de calcareo tem
orientação de Norte para Sul.

Na era Terciaria modificou-se so-
bremodo a fisiografia do Brasil cen-
tral, em consequencia da emersão do

MAPPA N°1

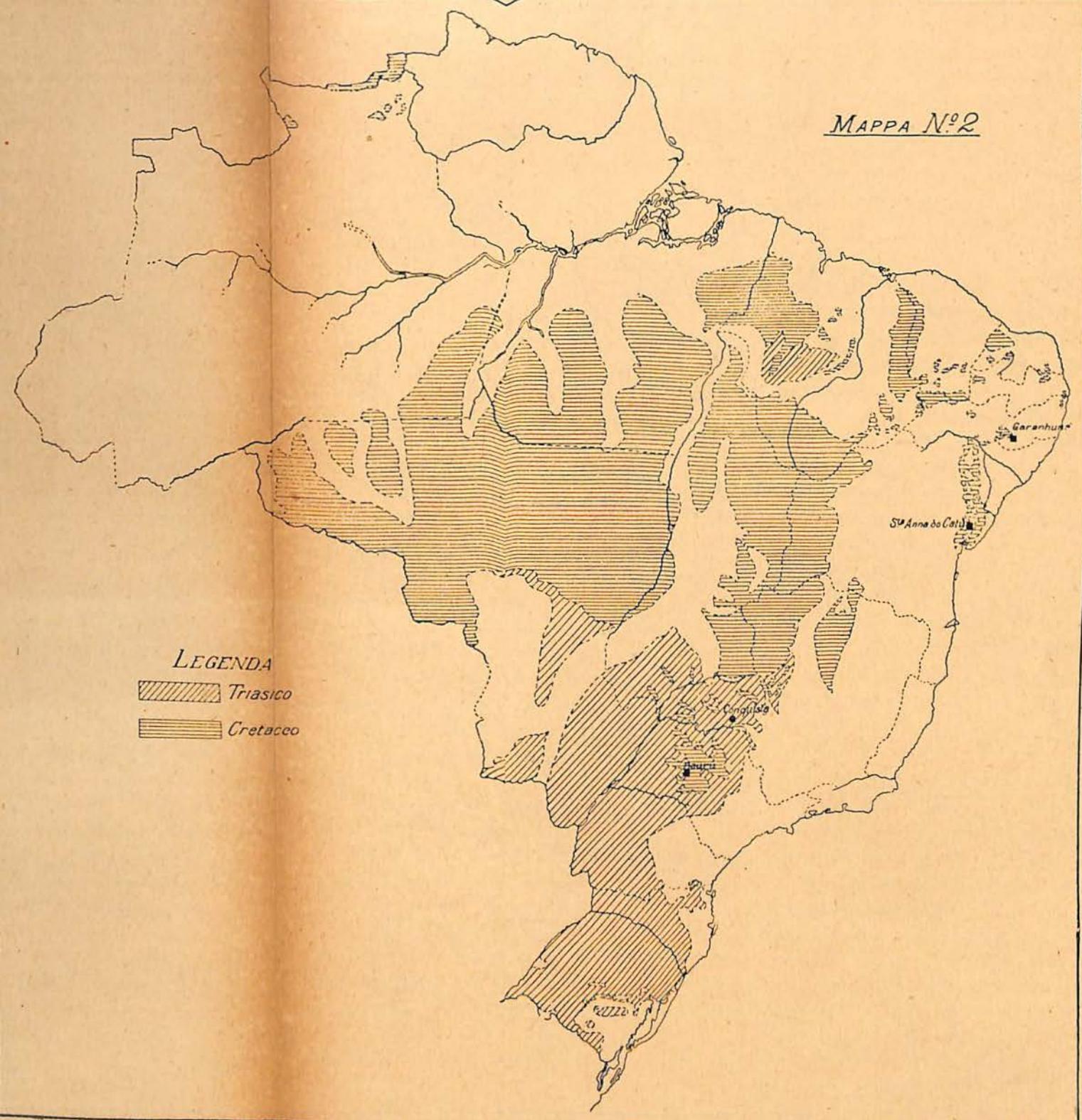
NOTA Estamos informados de que dados
colhidos posteriormente levaram o au-
tor a reeditar este mapa com os devidos
reparos



LEGENDA

- ARCHEANO
 - PRE-CAMBRINO
 - SILURIANO
 - DEVONIANO
 - ANTHRACOLITICO
 - TRIASICO
 - CRETACEO
 - TERCIARIO
 - QUATERNARIO

MAPPA N°2



formidável massiço andino, no oeste do continente americano. Naquela região brasileira, levantaram-se grandes cadeias tabulares, e pelas fraturas resultantes drenaram-se as águas para níveis inferiores.

Parece que foi assim que se formaram os tributários do Amazonas, pela margem direita, bem como a bacia média do São Francisco.

Como acontece para com os demais continentes, quasi todo o litoral brasileiro é revestido de uma faixa terciária, que se alarga muito no vale do Amazonas (cerca de 200 quilômetros). As rochas dessa idade são areias, arenitos, argilitos, chistos betuminosos calcareos e depósitos gessosos. Muito bem conhecidos são os terrenos terciários da costa de Alagoas (chistos do Riacho Doce, Camaragibe) estudados por Euzebio de Oliveira.

As formações quaternárias são as atuais sedimentações do litoral e depositados aluvionais, todos constando de rochas ainda quasi incoerentes. Pois bem, toda essa mole rochosa, imensa e diversificada, é batida, incessantemente pelos agentes da erosão, que operam continuada remodelação na superfície terrena.

A ação metasomática, que a água meteórica (abundante na maior parte do nosso território) alimenta e intensifica, é a energia mecanico-química que transforma, desagregando, as rochas consistentes em rochas detriticas, de cuja ulterior sedimentação surgem os terrenos a cultivar.

Nessa variedade desconcertante dos meios geológicos que formam o território nacional, como distinguir os que melhor se prestam para constituir as terras pastoris que procuramos?

O papel essencial que desempenham os sais de calcio e os compostos fosforados no metabolismo orgânico, maximé na constituição dos tecidos osseo, nervoso e glandular, dá-nos motivo bastante para encaminharmos o raciocínio até os domínios da Mineralogia, afim de nos inteirarmos da composição química dos minerais que formam as rochas próprias de cada uma das camadas geológicas já estudadas.

Dessa indagação resultará, firmando em base química — analítico-qualitativa — o critério de escolha dos meios mais propícios para sede de exploração pastoril.

Fixar-se-á, desde logo, nossa atenção nas rochas da série sedimentária mesozoica. Efectivamente, o material detritico proveniente dos arenitos secundários dá origem a terrenos de alta fertilidade, compreendendo as férreas terras autochtonas do planalto brasileiro.

O andar inferior, aquele que é intercalado de lençóis eruptivos, «fornece uma terra laterítica, vermelho escura (terra roxa), rica em elementos fertilizadores», que ocupa vastíssimas áreas nos Estados de São Paulo, Paraná, Minas, Goiás e Sul de Mato-Grosso.

O andar superior — série de Bauru — traz ligados à sua própria constituição petrográfica vestígios da vida orgânica, de natureza calcárea; aqueles mesmos que induziram os geólogos modernos à denominarem de agnotozoica (vida desconhecida) a outrora tida como estéril idade arqueana. Da desagregação dessas rochas resultam terras escuras, argilo-calcáreas, também de acentuada fertilidade. A fauna superior que animou essa idade, cujos fosseis a paleontologia arregimentou em grande número

ro (Mesosaurus, Plesiosaurus etc.), diz sobre a excelencia de tais meios para a formação de tão solidas ossaturas.

Mas recorramos á analise qualitativa dos mineraes que entram na composição dos arenitos estudados.

O derrame eruptivo do triassico (1) contem rochas diabasicas em quantidade elevada, labradoritos e picritos. Os diabasicos são rochas provenientes de magmas calcosodicos, ricos em calcio, magnesio e ferro.

Os labradoritos pertencem ao grupo dos feldspatos plagio-claseos, sendo muito ricos em calcio (12 a 15 % de oxido de calcio). Os basaltos, que tambem existem nos arenitos do triassico, são rochas vulcanicas, negras, muito compactas, tambem de origem calco-sodica. Outros minerais dos grupos das zeolitas, cornalinas, opalas, etc., pertencentes á familia da silica, não têm importancia para o nosso estudo. Entre os piroxenios — que são metasilicatos de ferro, magnesio e calcio — é frequente a presença do augita (aluminoso), e do diopsidio, rico em calcio e magnesio.

Nos arenitos cretaceos de Mato-Grosso e da serra do Apodi, no Rio Grande do Norte, foram encontradas extensas jazidas de gipsita (gesso) e de anhidrita (sulfato de calcio).

O sal gema (Na Cl) é abundante nos arenitos do Ceará, Pernambuco, Mato-Grosso e São Paulo.

Por outro lado, não faltam as rochas ricas em fosfato de calcio, como a apatita (cloro-fluor-fosfato de calcio) proveniente de vertebrados fosseis, ou resultante de precipitações que se apresentam em massas concretionadas (fosforita).

Segundo Gonzaga de Campos, nos arenitos de Bauru', o fosfato de calcio existe na proporção de 2 a 5 %, nos pontos onde se acumularam ossadas dos grandes reptéis dessa idade.

Ora, basta que tenhamos presente que cerca de 62 % da materia ossa são constituidos por fosfatos e carbonato de calcio (Gouin), além da forte proporção com que os primeiros entram na composição da substancia nervosa (nucleina, cerebrina, lecitina), para concluirmos de modo peremptorio que as regiões do chamado planalto brasileiro, que vamos apontar, são sitios científica e praticamente indicadas para constituir zonas pastorís, por excelencia, desde que o ambiente climico das mesmas regiões seja tambem favoravel.

**

Passemos ao mapa n.º 2.

Depois de estudarmos ligeiramente os meios caracterizados por aquele facies geologicos (arenitos secundarios) nos diversos Estados, entre muitos outros, apontamos como eminentemente propicios a constituirem séde das coudelarias militares, os municipios de Bauru'. Conquista, Sant'Anna do Catu' e Garanhuns, pertencentes a quatro das mais progressistas unidades da Federação.

A distribuição da temperatura e da humidade nessas regiões é de molde a proporcionar aos rebanhos como á vegetação as melhores condições possivel. Senão vejamos:

Garanhuns, no Estado de Pernambuco, a despeito da baixa latitude (8°53') desfruta excelente clima, por que responde a altitude em que se encontra (848 metros) (1). A temperatura media anual é de 21,1 e a

(1) — Geologia do Brasil - B. Paes Leme.

(1) — Climas do Brasil - H. Morize.

media sensivel 18.5. No mês mais quente, que é dezembro, tem de media 21.7 e 17.9 no mês mais fresco, agosto. Esse valor «de acordo com o criterio de Koppen dá direito a incluir Garanhuns, no dominio temperado».

A diferença entre a maxima e a minima absolutas (38.5 e 10.0) forma acentuado contraste, de resultados tonicos bem conhecidos. E' de 908 mm. a media pluviometrica da região, sendo mais intensas as precipitações nos meses de maio, junho, julho e agosto. Terra coletada na fazenda Monteiro revelou a seguinte composição:

Analise n.º 6.575, feita no Instituto de Quimica do M. da Agricultura.

Analise fisica:

Terra fina tamiz 1 m/m	83,10
Saibro, tamiz 5 m/m	15,75
Pedras, tamiz 5 m/m	1,15

Grãos inferiores a 0,01 m/m	18,20
» entre 0,01 e 0,05 m/m	8,28
» 0,05 e 0,10 m/m	5,40
» 0,10 e 0,25 m/m	23,0
» 0,25 e 0,50 m/m	18,80

Grãos entre 0,50 e 1,00 m/m	26,32
Capilaridade ascensional	20,0 cms.
Capacidade higroscopica	43,7
Densidade aparente	1,4

Analise quimica

Perda ao rubro	4,957 %
Nitrogenio total	0,084 %
Potassio	0,098 %
Calcio	0,114 %
Fosforo	0,024 %

Conquista é prospero municipio do afamado triangulo mineiro, ficando vizinho da margem direita do rio Grande e ligeiramente desviado do trapezio Uberaba-Sacramento-Uberabinha-Araxá. Altitude de 550 a 800 ms.

H. Morize classifica o clima do Triangulo na categoria sub-tropical, tipo semi-humido, continental. A estação meteorologica mais proxima (Uberaba) regista para toda a região 18.1 de temperatura sensivel, 21.8 de media termometrica, maxima absoluta 36.2 e minima absoluta — 2.0.

A media pluviometrica é 1.621 mm., caindo principalmente entre outubro e março, e escasseando nos meses restantes; no entretanto, a abundancia de cursos d'agua permanentes suaviza de muito a carencia de chuvas nessa quadra.

Terra coletada no municipio revelou:

Analise n.º 7.565, do Instituto de Quimica do M. da Agricultura.

Capão João Gonçalves no municipio de Conquista.

Origem agrologica: — Rocha piroxena (diabese).

Sub-solo, profundidade	6 ms.
Solo, profundidade	4 ms.
Altitude	800 ms.
Humidade	regular
Padrão da terra	roxa

Possue pastagens abandonadas.

O municipio de Bauru' assenta diretamente sobre camadas cretaceas muito bem identificadas, em vista dos fosseis aí encontrados.

Ocupando o centro do planalto, paulista, a mais de 600 ms. de altitude, o municipio em fóco está compreendido na bacia do rio Tieté. Em identica latitude (22°46') fica S. Manuel, que é séde de estação meteorologica. A temperatura média anual é de 20.0; a media das maximas e minima é de 26.6 e de 15.3, respectivamente.

A media pluviometrica fica em 871,7 mm.

Analise n.º 7.369 de terra do município.

Analise fisica:

Terra fina tamiz 1 m/m	100,00
Grãos inferiores a 0,01 m/m	3,12
» entre 0,01 a 0,05 m/m	3,44
» » 0,05 a 0,10 m/m	3,48
» » 0,10 a 0,25 m/m	30,76
» » 0,25 a 0,50 m/m	40,36
» » 0,50 a 1,00 m/m	18,84
Capilaridade ascensional	38,0
Capacidade higroscopica	43,5
Densidade aparente	1,3

Analise quimica:

Perda ao rubro	3,023%
Nitrogenio	0,140%
Potassio	0,059%
Calcio	0,250%
Fosforo	0,060%

Observações: Origem agrologica — Grés arenítica, com um feldspato que se supõe rico em potassio e calcio.

Solo, profundidade — Até 10 ms.

Sub-solo, profundidade — De 6 a 10 ms.

Altitude — 600 ms.

Padrão da terra — Bôa de areia escura.

Humidade — Regularmente fresca.

**

Sant'Anna do Catu' é futuroso município do distrito do Reconcavo na Baía, junto ao rio Catu'.

Assenta em sub-solo calcareo e pos-
sue boas pastagens. Fica a 100 ms.
acima do nível do mar.

A estação de Ondina (arrabalde de S. Salvador), a 13º de latitude. S. notifica o clima da região.

Temperatura sensivel 22,7, média anual 24,8, maxima absoluta 35,2 minima absoluta 16,9; media pluvica 1.876,2 mm.

Analise n.º 6.688 do Instituto de Química do M. da Agricultura.

Logar Camassarí no município do Catu'.

Analise fisica:

Terra fina tamiz 1 m/m	97,40
Saibro, tamiz 5 m/m	1,15
Pedras, tamiz 5 m/m	1,45
Grãos inferiores a 0,01 m/m	4,20
» entre 0,01 e 0,05 m/m	1,80
» » 0,05 e 0,10 m/m	1,08
» » 0,10 e 0,25 m/m	21,80
» » 0,25 e 0,50 m/m	46,84
» » 0,50 e 1,00 m/m	24,28

Capilaridade ascensional	40,0
Capacidade higroscopica	36,5
Densidade aparente	1,5

Analise quimica:

Perda ao rubro	1,389%
Nitrogenio	0,056%
Potassio	0,017%
Calcio	0,030%
Fosforo	0,027%

Observações:

Origem agrilogica — Silico-argilosa, Sólo, profundidade — 45 a 50 cms.

Sub-solo, profundidade

— E' constituído de carbonato de calcio e tem profundidade variavel.

Altitude — 105 ms.

Humidade — Bastante.

**

Abstemo-nos de estudar aqui as admiraveis condições mesologicas do planalto que abrange as maiores extensões nos Estados do Sul, onde a pecuaria é tão prospera, por não nos parecer acertada a fundação de coddelarias militares nessas paragens. De acordo com o plano creador que sugerimos, a distribuição desses estabelecimentos tipicos de criação do ca-

Cooperativismo no Exercito

Pelo Ten. Cel. Torres Guimarães

Tradução do Major José Faustino Filho

Problema da atualidade, o Cooperativismo em nenhuma outra classe encontra maiores facilidades nem mais acentuadas aplicações do que no Exercito. Ele se nos apresenta como que desafiando a bôa vontade de um chefe que queira deixar seu nome ligado a um empreendimento de enorme projeção, que trará para a classe vantagens de que ela jamais gozou.

A nossa situação a tal respeito é hoje bem inferior á de Policias Estaduais, onde o oficial adquire objétos concernentes á profissão militar, como sejam: espadas, binóculos, porta-cartas, etc., pela quarta parte dos preços correntes no comercio, onde vae adquiri-los o oficial do Exercito. A unica vantagem que este já obteve foi a da confecção de uniformes na Intendencia da Guerra, onde assim mesmo o serviço se mantem moroso e precario. Ainda agora, com a mudança de uniformes, pelo espaço de dois meses, deixou a Intendencia de fornecer cinturões por não dispôr de certas peças que, não obstante, eram encontradas nos sirgueiros. Chegando-se mesmo a assinalar o fato: dum operário abandonar as oficinas da Intendencia para estabelecer-se nas vizinhanças, onde foi socorrer-se toda uma turma de Aspirantes que tinha data certa para prestar seu compromisso.

Devemos á gentileza de nosso amigo e consocio, o Sr. Ten. Cel. da reserva, Torres Guimarães, o trabalho que, traduzido, abaixo publicamos, e que foi por ele organizado, de ordem do Sr. Gel. Mangin, quando servia sob seu comando, em França, e adotado pela 9.^a D. I. É um estudo meticulooso da questão que termina por estabelecer um Projéto de Estatutos. Ái se fazem referencias ás «La société coopérative des employés civils et de l'Etat» de Paris e «The Army and Navy Stores», de Londres.

valo de guerra, respeitados preceitos estratégicos, deverá ser de tal modo que fiquem assentes sobre o contorno oriental do planalto central brasileiro, territorio esse fadado a constituir, indubitavelmente, o mais poderoso centro de produção zootecnica em todo o orbe.

Como remate final a este capítulo, não devemos deixar de acentuar que

Entre nós, acha-se tal assunto regulado pelo Dec. 22,239 de 19-12-932, e quem se preocupe com tal problema não poderá dispensar-se de conhecer a organização da «Cooperativa dos Empregados da Viação Ferrea do Rio Grande do Sul», que é verdadeiramente maravilhosa, dados os proprios resultados já obtidos e o desenvolvimento grandioso a que atingiu.

Outras sociedades acham-se em via de formação, entre as quais a «União dos ex-alunos militares».

Assinalemos por fim que uma coisa é preciso evitar, a todo transe, é a reversão das ações para mãos estranhas com o falecimento dos associados, o que vae redundar — o que já acontece — em ficar uma firma comercial disfarçada em sociedade civil com o titulo de Cooperativa a *escorxar* os consumidores com altas percentagens e negocios excusos, inclusive a transformação do valor do pedido de generos em emprestimos a 40% anuais! Evitar pois, os *donos* ou firmas comerciais permanentes e manter sempre um conselho fiscal periodicamente substituivel, vigilante e ativo.

Que os entendidos e homens de iniciativa metam mãos á obra, com espirito pratico, utilitario e de cooperativismo real, e prestem assim á nossa coletividade o relevante serviço de facilitar sua vida material, o que não é consideração despresivel nos tempos que correm.

Eis os documentos a que nos referimos:

9.^a D. I.
E. M. Q. G. em 2 de Fev. de 1919.
1.^a Seção
N.^o 520 I/D

NOTA DE SERVIÇO

A volta á paz com o regresso das tropas ás suas guarnições trará por consequencia a

a toda essa exaustiva concatenação de dados insofismaveis, em que apoiamos o nosso metodo dedutivo para escolha do meio creador mais propicio, faltará a verificação pratica corroborante, se a ciencia agronomica bem aplicada não intervier na regulação dos agentes fisicos das terras, por conta dos quais cresce ou decresce o rendimento.

supressão do direito aos viveres gratuitos (em especie ou em dinheiro).

Neste momento o problema da carestia da vida se apresenta com enorme agudeza para os oficiais casados e solteiros e para as praças casadas.

O meio de remediar-lo parece ser o recurso a uma Cooperativa.

Tal Cooperativa deverá tratar, não sómente da alimentação, como também de tudo que seja necessário, exceto calçado sob medida e peças de roupa.

Os oficiais e suas famílias não deverão na realidade contar unicamente com a Cooperativa divisionaria, a concurrence comercial não o permitiria.

Nestas condições a Cooperativa deverá ser encarada como Sociedade civil organizada de conformidade com o Código Comercial e dispondo de pessoal civil.

Os sócios da Cooperativa gozarão da supressão dos intermediários, seus preços serão tanto menores quanto maior for o numero de seus freguezes.

Convém pois, abri-la aos oficiais da ativa, da reserva e do Exército territorial e suas famílias. Favorecer as praças casadas permitindo aí se abasteçam.

Estas são as grandes linhas da organização que se tem em vista.

Dentro desta hipótese os principais problemas a estudar devem ser os seguintes:

1.º — Organização da sociedade cooperativa dos oficiais, de conformidade com o Código Comercial.

Seu capital constituir-se-á por ações subscritas obrigatoriamente pelos membros da Sociedade.

Amortização progressiva das ações.

Conselho de Administração e

Conselho Fiscal.

2.º — O Diretor geral: — pode ser um civil, idoneo, dando fiança, e a quem se proporcione uma situação sucatível de permitir se consagre inteiramente e definitivamente ao negocio (percentagem fixada sobre o movimento).

3.º — Recrutamento do pessoal.

4.º — Sede social e armazém central em *Orleans*. Como interessar aos oficiais das outras guarnições.

Determino aos Sres. Cel. Cmt. da A. D., Cais. Cmts. das Bdas. de I. e aos Sub-Intendentes Militares, de estudarem estas questões e de fazê-las estudar por oficiais competentes que sirvam sob suas ordens; consito-os a pro-

curarem estabelecer um quadro de conjunto que reuna todas as proposições julgadas uteis e capazes de conduzir a uma solução prática.

Gen. Mangin, Comt. da 9.ª D. I.

(a) *Mangin.*

18.ª Bda. I.

E. M.

N.º 311.

Copia igual à publicação para execução por parte dos Srs. Comandantes dos 113 e 131 R. I. os quais designarão uma comissão composta de oficiais competentes para estudarem a questão acima referida; esta comissão estabelecerá um quadro de conjunto, que será transmitido a 1.º de Março à Bda., e no qual serão reunidas todas as proposições uteis, visando alcançar uma solução prática.

Em 4-2-919.

Tte. Cel. Roulet, comt. int.º da 18.ª Bda.

C. C. — transmite aos Srs. Cmts. de R. I., que estudarão com os oficiais competentes, a questão supra referida e organizarão sobre ela um relatório que deverá ser transmitido ao Cel. até o dia 26-2-919.

113.º R. I.

Uma comissão composta dos Srs. Cmts. do Btl., de *Guimarães*, como presidente Tte. *Mage*, como secretário e 2 oficiais por Bt., estudará a organização duma Cooperativa de Divisão, sobre as bases da nota do Cel. Cmt. da 9.ª D. I., datada de 2 de Fev. de 1919, e fornecerá ao Cel. até 26-Fev. o relatório que deverá ser transmitido ao Sr. Gal.

COOPERATIVAS

(Nota). — A solução proposta pelo Cmt., afim de resolver o grave problema da carestia da vida, ao regressarem as tropas ás suas guarnições ou ao voltar o estado de paz, para os oficiais casados ou solteiros e praças casadas, será certamente recebida com prazer por aqueles que deverão ser beneficiados.

A situação de crise que terão de atravessar no presente momento, necessita que um chefe se preocupe de lhes vir em auxílio, afim de lhes permitir viverem honradamente de acordo com a sociedade e com as obrigações que lhes conferem funções e postos.

Agora, então, que todos os funcionários, empregados e operários, obtiveram, e ainda obtêm, consideráveis aumentos, chamados de carestia

da vida, os militares citados conservam vencimentos que não estão em relação á vida atual; ha, portanto, razão para crear-se uma organisação comercial que lhes permita se beneficiarem, o mais que fôr possivel, com as vantagens resultantes da supressão dos intermediarios. Admitida tal hipótese: — que será esta sociedade?

Deve ser uma sociedade anonima cujo capital poderá advir de 4.000 ações de 50 francos cada uma (afim de ficar ao alcance de todos), capital que depois será dobrado ou triplicado, si assim fôr necessário. Só poderão adquirir ações os que provarem sua qualidade de oficiais da ativa, da R. A., territorial e reserva do exercito territorial, como tambem as praças casadas do exercito ativo.

Em principio esta Cooperativa funcionará no centro mais adeantado da região, podendo ter depois sucursais nas cidades onde estacionem as tropas.

Somente os membros da sociedade poderão comprar na Cooperativa e deverão ser obrigados a possuir uma ação.

A amortisação progressiva das ações será conseguida inserindo-se nos Estatutos da Sociedade uma clausula que permita o resgate (com o pequeno beneficio realizado no ano) debaixo do contrôle do Conselho de Administração.

A ordem a seguir-se no resgate será fixada anualmente, por exemplo: uma letra do alfabeto tirada por sorte.

Conselho de Administração — Constituido por oficiais da ativa, da reserva e territoriais em numeros iguais, presididos por um oficial entendido na materia; fará igualmente parte do Conselho um sub-oficial da ativa casado.

Contrôle de verificação — Um oficial especialista em cada ramo de comercio e tambem um oficial para a verificação da escrita.

Diretor-gerente com um deposito de 50.000 francos, tirado dentre os oficiais da reserva, da ativa ou territorial, entendido na matéria. Ordenado fixo 6.000 francos e 2% sobre os lucros.

Pessoal — Recrutado dentre os reservistas que tenham ótimas referencias; compreenderá:

Um caixa e adjunto, quatro caixeiros e dois escriturarios. Ordenado que os ponha ao abrigo das necessidades.

P. S. — Afim de facilitar as relações entre os associados e a Sociedade, a séde da Cooperativa ficando em Orleans, existirá aí uma lista com as residencias dos associados da região,

para lhes ser enviado trimestralmente o catalogo com preços das mercadorias e condições de remessa.

9.^a Divisão

18.^a Bda.

113.^o R. I.

3.^o Btl.

Estudo das directivas dadas pelo Sr. Gal. Cmt. da 9.^a D. I. sobre a constituição duma sociedade cooperativa acompanhado dos estatutos propostos.

I — *Titulo*: Sociedade Cooperativa de Consumo dos oficiais da 9.^a D. I. Sociedade Anonima de capital e pessoal variaveis.

II — *Estatutos*:

a) Incluir nos Estatutos um artigo pelo qual os oficiais da reserva, do exercito territorial e sua reserva, residentes no territorio da D. I., possam pertencer a esta sociedade.

b) Permitir as praças (sub-oficiais, inferiores, cabos e soldados) casadas, de se aprovisionarem nesta sociedade sem todavia ficarem obrigados a ter dela uma ação, como deve ser exigido de todos os oficiais.

c) Como se quer dar a tal sociedade um carater puramente economico e não comercial, deve-se prever igualmente um artigo que proiba a qualquer associado fazer negocio para outrem fóra de sua familia. Para tal fim, dar a cada associado uma caderneta onde se lançará a soma da despesa feita diariamente. Isto permitirá fazer a repartição dos beneficios proporcionalmente ás compras.

III — *Capital*:

a) O capital, obrigatoriamente variavel, devido a entrada e saída de associados, é a grande questão a reslover-se; ele só poderá ser constituído de ações, somente os acionistas devem constituir a base fundamental da sociedade. O capital maximo de 200.000 francos, dos quais 1/10 realizado. — Estudo a ser feito por atuario. Dado, porém, o preço atual dos generos, é necessário prevêr uma soma vultuosa, afim de constituir-se o estoque de mercadorias necessarias á venda. A alimentação em geral é atualmente uma questão ardua e complexa, que demanda um estudo aprofundado.

b) Esta associação embora particular vae de algum modo afetar os dominios financeiros, por onde saberá quais os recursos com que deve contar para se constituir. Haverá, pois, necessidade de dar-se uma certa publicidade e proceder a uma consulta aos futuros associados.

IV — *Resgate*: Resgatar progressivamente as ações com os lucros obtidos. Esta decisão só poderá ser tomada após um exame atento pela assembléa geral. «Quorum atteint».

V — *Conselho de Administração*: Composto de nove membros eleitos pelos socios em Assembléa geral.

Directoria do C. A. — 1 Presidente, 1 Vice-Presidente, 1 Tezoureiro, 1 Secretario, 1 Tezoureiro-suplente e 1 Secretario-suplente.

Atende melhor ao interesse geral procurarem-se os membros do C. A. entre os socios que possuam conhecimentos tecnicos.

VI — *Conselho Fiscal*: Com 5 membros, sendo: 1 Presidente, 1 Vice-Presidente, 1 Secretario e 1 Secretario-suplente. Este Conselho e sua secretaria, serão eleitos nas mesmas condições e por igual tempo do C. A. Tal Conselho não é senão o censor do C. A. e do pessoal.

VII — *Diretor-gerente*: Será pouco provavel obter-se um gerente que tendo conhecimentos tecnicos igualmente possua capital. Aquele que aliar uma coisa á outra, provavelmente irá negociar por conta propria. Convém, pois, não se exagerar sua fiança. (Deve-se fazer estudo minucioso).

Vencimentos fixos e percentagens sobre os negócios são as condições normais para o gerente e empregados.

VIII — *Recrutamento do pessoal*: É logico que seja executado dentre os reservistas ou territoriais que tenham conhecimentos tecnicos. Prever uma caixa de socorro e mesmo sua aposentadoria, pois isto trará como consequencia obter-se pessoal de *elite* com fixidez e interesse na sociedade.

IX — *Séde social*: Tudo indica Orleans para séde social e armazem central, visto ser esta cidade Q. G. da D. I. e ter a maior guarnição. Estando as cidades de Blois, Montargis e Auxerre proximas á Orleans, as despesas de transporte do armazem central até elas serão pequenas, dando logar por isso á abertura duma sucursal com gerente em cada uma delas.

X — *Informações sobre sociedades analogas*: Existe em Paris «La Société cooperative des employés civils et de l'Etat». Esta sociedade possue estatutos que convém sejam consultados, pois tal Cooperativa tem dado até agora excelentes resultados. Convém igualmente assinalar que neste genero existe «The Army and Navy Stores» de Londres. São vastos armazens abertos unicamente aos membros das forças armadas de terra e mar e suas famílias.

O Cmt. do 3º Btl.
(a) Guimarães.

PROJETO DE ESTATUTOS

Sociedade cooperativa de consumo dos oficiais da 9.ª D. I.

Sociedade anonima com capital e pessoal variaveis — séde social em Orleans.

ESTATUTOS

Titulo I

Fundadores — Fim — Denominação — Séde

Art. 1.º Entre os que subscreverem os presentes estatutos e aqueles que a eles venham aderir ulteriormente, oficiais do Exercito ativo, sua reserva, exercito territorial e sua reserva, residentes no territorio da D. I., é constituido uma sociedade anonima de capital variavel, tendo por objéto a criação de estabelecimentos comerciais, sob a denominação de «Sociedade cooperativa de consumo dos oficiais da 9.ª D. I.».

Art. 2.º Estes estabelecimentos comerciais poderão fornecer aos socios possuidores de ações ou qualquer outro militar casado (sub-oficial, sargento, cabo e soldado) residentes no territorio da D. I. para suas proprias necessidades e as de suas famílias.

Art. 3.º A séde da sociedade e armazem central ficam em Orleans, rua ... n.º Os outros estabelecimentos ficam em Blois, Montargis e Auxerre.

Art. 4.º A duração da sociedade é fixada em 99 anos, a contar de sua constituição definitiva com faculdade de dissolução antecipada ou de prorrogação além do prazo fixado, de acordo com os presentes estatutos.

Titulo II

Capital social — Ações — Acionistas

Art. 5.º O capital social primitivo está fixado em 200.000 francos, divididos em 4.000 ações de 50 francos cada uma, do qual 1/10 será realizado quando da constituição da sociedade. Ele será variavel. Poderá aumentar por subscrições sucessivas dos associados ou admissão de novos socios. O capital social será fixado por deliberações tomadas um ano antes, cada aumento, porém, não poderá ser superior a 200.000 francos.

Art. 6.º As ações são nominais. Não poderão ser transferidas a não ser com as assinaturas do concessionario e novo possuidor registradas nos livros da sociedade.

Cada socio deverá possuir ao menos uma ação, da qual pagará um decimo ao adquiri-la e os outros mensalmente.

Art. 7.º Somente será permitida a aquisição de ações aos oficiais e sub-oficiais do exercito ativo, sua reserva, territoriais e sua reserva, residentes no territorio da D. I. O resgate das ações dar-se-á por decisão da Assembléa geral mediante sorteio, á medida que a situação financeira o permita.

Art. 8.º O associado que se retirar ficará pelo espaço de cinco anos solidario com os consocios e para com terceiros, de todas as obrigações existentes no momento de sua retirada.

Ele tem a liberdade de resgatar suas ações dentro de um mês.

Titulo III

Administração

Art. 9.º A sociedade é administrada por 1 Conselho de 9 membros eleitos pela Assembléa geral dos acionistas. Os administradores devem possuir, enquanto durar seu mandato, pelo menos, 10 ações que servirão de garantia a todos os atos de sua gestão;—estes títulos ficarão depositados na caixa social e serão inalienáveis durante todo o tempo da gestão. Igualmente com os administradores a Assembléa elegerá 4 suplentes que substituirão os titulares demissionários ou falecidos.

O Conselho será eleito por 3 anos (1) e renovado pelo terço anualmente. Entretanto a Assembléa geral pode suspender o mandato de um ou mais administradores em qualquer época. São permitidas as reeleições.

O Conselho nomeará sua secretaria.

Ele se reunirá na sede social sempre que o interesse da sociedade o exigir e pelo menos uma vés por mês. Para deliberar são necessários cinco membros que decidirão pela maioria de votos. Em caso de empate após dois escrutínios, terá voto de qualidade o mais antigo dos membros do Conselho. As deliberações são registradas em áta que fica no arquivo da sociedade após ter sido assinada pelos presentes. O Conselho tem amplos poderes para administrar os bens e negócios da sociedade; a Assembléa fixa uma quantia além do qual o Conselho não pôde emprestar sem sua autorização especial.

O Conselho verifica os balanços que devem ser apresentados á Assembléa Geral e propõe o emprego dos saldos.

A Administração delegará ao C. A. representar a sociedade perante a justiça, tanto nas

questões por ela propostas, como naquelas que contra ela sejam intentadas. O Conselho pôde delegar seus poderes a um ou mais diretores por si eleitos, como também a um ou mais administradores para fim determinado e tempo limitado. É igualmente permitido ao Conselho nomear um mandatário estranho á sociedade, pelo qual fica responsável e para um fim determinado.

Titulo IV

Directão

Art. 10.º O diretor escolhido pelo C. A. é encarregado da execução das suas decisões. A Assembléa geral determinará as clausulas do contrato a existir entre a sociedade e o diretor, que ficará debaixo do controle do C. A., clausulas por ele revogáveis, nos termos do mesmo contrato.

Todos os átos que, de algum modo comprometam a sociedade, letras, endossos, transferências e mandatos, devem ser assinados pelo administrador-delegado e pelo diretor.

Titulo V

Do Conselho Fiscal

Art. 11.º Será eleito anualmente em Assembléa geral, dentre os socios, cinco conselheiros encarregados da fiscalização prevista na lei. Anualmente este Conselho apresentará á Assembléa geral um relatório sobre a situação social, sobre o balanço e contas apresentadas pelos administradores.

Titulo VI

Das Assembléas Gerais

Art. 12.º A Assembléa geral, regularmente constituída, representa a universalidade dos acionistas. Ela pôde ser convocada pelo C. A. como também, em caso de necessidade, pelo Conselho Fiscal.

Os acionistas se reunirão em Assembléa geral, pelo menos, uma vés por ano.

A convocação será enviada pelo correio a todos os acionistas com 15 dias de antecedência. Esta reunião só terá valor se os acionistas presentes representarem pelo menos $\frac{1}{4}$ do capital; caso contrário dar-se-á uma 2.ª convocação a qual deliberará com qualquer numero sobre os assuntos constantes da ordem do dia da 1.ª convocação.

As deliberações serão tomadas por maioria.

(1) — O dec. 29.259, fixa o mandato do C. F. em 1 ano (art. 15) não permitindo reeleições.

A Assembléa aprova, si fôr o caso, o relatorio dos conselheiros sobre a situação da sociedade e sobre o balanço e contas dos administradores.

As deliberações da Assembléa constarão duma áta que será assinada pelos membros da mesa.

Titulo VII

Situação financeira

Art. 13.º O exercicio começa em ... e termina em O C. A. envia semestralmente o balancete contendo indicações sobre os valores moveis e imoveis e de todas as dívidas ativas e passivas da sociedade.

Titulo VIII

Repartição dos benefícios

Art. 14.º A sociedade não se propõe fazer benefícios, pois que tem por objetivo vender pelo preço do custo, ligeiramente majorado e a ser fixado pelo C. A., de modo a permitir cobrir as despesas gerais, os portes e os resgates das ações. Não obstante os benefícios reais, si existirem, dedução feita das despesas gerais e amortisação de todos os encargos sociais conhecidos pela Assembléa, serão repartidos: 1.º 50 % na pro-rata das compras de cada socio; no caso do socio não ter completado o pagamento das ações, esta repartição alcançará o computo das ações; 2.º 50 % será levado a fundo de reserva e se destina a evitar as perdas, garantir o resgate das ações, as taxas de emissão e a suportar, si fôr o caso, as despesas da liquidação.

Art. 15.º *Alteração dos Estatutos* — Toda modificação nos Estatutos ou aumento do capital social deve ser votado pela Assembléa geral.

Titulo IX

Dos acionistas e publicidade de acordo com a lei. Dissolução — Liquidação

Art. 16.º Caso se percam $\frac{3}{4}$ do capital social, os administradores deverão convocar a Assembléa geral de todos os acionistas, afim de resolver si se procede ou não a dissolução da sociedade.

No caso de dissolução a Assembléa regulará o processo da liquidação e nomeará um ou varios liquidantes.

Condições jurídicas

As condições jurídicas necessarias á constituição e bom funcionamento duma cooperativa de consumo são as seguintes:

1.º minimo de formalidades e de despesa para sua organização;

2.º minimo de responsabilidade dos associados a razão das obrigações contratuais para a sociedade;

3.º divisão do capital social em pequenas frações, afim de que possa ser subscrita por todos;

4.º possibilidade de aumentar indefinidamente o capital á medida que se desenvolva a sociedade e receba novos socios;

5.º personalidade civil permitindo á sociedade agir em seu nome sem que seja necessário a intervenção de todos os associados.

A forma de contrato da sociedade que melhor satisfaz a estes fins é a de *sociedade anonima de capital variavel*, que oferece as grandes vantagens seguintes:

a) o capital social será dividido em frações acessíveis a todas as bolsas. O valor da ação pôde ser reduzido a vinte e cinco francos; não sendo igualmente necessário pagá-la integralmente, basta pagar 1/10 ou seja a soma infima de 2,50 francos;

b) a responsabilidade de cada associado é limitada ao montante das ações a adquirir;

c) as ações são transferíveis, o que permite a qualquer acionista retirar-se da sociedade quando quiser, com a condição de encontrar um comprador para sua ação.

d) a sociedade goza de personalidade legal, isto é, tem uma existencia jurídica, independente da dos seus membros.

O capital inicial da sociedade não deve ultrapassar de 200.000 francos; a lei, porém, permite aumentá-lo anualmente, desde que este aumento não exceda o capital primitivo.

Formalidades legais que devem ser preenchidas sob pena de nulidade da sociedade:

a) Redigir os Estatutos em papel timbrado e registra-lo na repartição competente.

b) Comparecer perante um tabelião para declarar que todo o capital fixado pelos Estatutos está subscrito e realizado pelo menos seu decimo, fornecendo-lhe como prova a lista dos subscritores e socios.

c) Convocar a Assembléa geral para comunicar-lhe que as condições legais estão satisfeitas e constituída definitivamente a sociedade.

d) Depositar os Estatutos no cartorio do Juiz de Paz e no Tribunal.

e) Publicar os artigos principais (nome da sociedade, sede social, nomes dos administradores, montante do capital, data da fundação e terminação da sociedade) num dos jornais indicados pelos anuncios legais, fazendo legalizar e registrar o n.º do referido jornal.

“A instrução numa Bateria Independente de Artilharia de Costa”

Pelo Capitão Waldemar Pio dos Santos

(Continuação do n.º 223)

Parte III — Prescrições para cada uma das escolas, para alguns ramos da instrução e conselhos aos instrutores.

INSTRUÇÃO DOS QUADROS

Instituição dos oficiais — Terá por fim desenvolver a cultura profissional teórica como a aptidão do oficial para o comando da Unidade imediatamente superior á sua e, ainda, torna-lo instrutor completo da que lhe cabe comandar. A marcha da instrução dos oficiais seguirá independentemente da da tropa e prosseguirá durante o ano todo.

Será toda a instrução ministrada pelo comandante do Forte, sinistro do presente programa, com exceção das partes sob n.º 2 da «Parte teórica» e 6 da «Parte especial», tudo deste programa, que ficarão a cargo de Sr. 1.º tenente médico da Bateria, e das conferências relativas aos serviços farmacêuticos e de abastecimento, que serão feitas pelos oficiais especialistas nesses serviços.

A instrução dos oficiais, em suas modalidades teóricas, especial e prática (com exceção da educação física) terá logar duas vezes por semana, em princípio, ás Segundas e Quartas-feiras.

A instrução prática de educação física, sempre que possível, diariamente.

Na parte topográfica, constituirão objeto de sessões especiais: os trabalhos para confecção das pranchetas topográficas e de tiro do Forte Marechal Luz, pranchetas que serão organizadas pelo comandante do Forte com a coadjuvação dos oficiais e dos sargentos.

Instituição dos sargentos — Terá por fim não só desenvolver a cultura geral e aprimorar a instrução profissional dos sargentos, como também prepará-los para auxiliares do oficial para substitui-lo, especialmente no comando da seção com material de artilharia ou como fração de infantaria.

A instrução dos sargentos, em todas as suas modalidades, ficará a cargo do comandante do Forte que terá como auxiliares, o médico, os subalternos da Bateria e o 1.º sargento.

A instrução dos sargentos terá logar três vezes por semana, em princípio, ás Segundas,

Quartas e Sextas-feiras, sendo que diariamente tomarão parte nas sessões de educação física.

Instituição dos cabos — Será ministrada três vezes por semana pelo Sr. 2.º tenente José Luiz de Sant'Ana Filho que apresentará o programa detalhado com a matéria constante deste.

Tomarão parte diariamente nas sessões de educação física.

INSTRUÇÃO DOS RECRUTAS

Fim da instrução — Tornar o recruta um homem fisicamente forte de modo a suportar as agruras de uma campanha dando o máximo de rendimento; cultivar nesse homem robusto, um forte caráter, desenvolvendo-lhe o sentimento do dever, do patriotismo, da disciplina e de honra; obter uma perfeita identificação do homem com as armas a que ele, como maquinista, deve servir e, ainda, salientar a necessidade do homem trabalhar em conjunto e só pensar na defesa individual quando a sua morte trouxer prejuízo ao serviço da Pátria ou quando nada mais puder desejar a não ser morrer com honra e dignidade.

Início da instrução do 1.º período — 6 de Maio.

Fim do período — 6 de Setembro.

Exame — 1.ª quinzena de Setembro.

O exame médico dos recrutas para a determinação das fixas individuais de seu valor físico será feito á medida que se apresentem e deverá estar concluído até 13 de Maio para os da 1.ª incorporação e até 16 de Junho para os da 2.ª chamada (Reg. n.º 7, art. 9 e 10).

O exame físico (n.º 7, art. 11) terá logar respetivamente de 7 a 11 de Junho e de 8 a 12 de Julho. (Para cada homem o exame terá logar dentro de 2 dias).

De 3 em 3 meses serão renovados os exames médico e físico (Reg. n.º 7, art. 14).

Os homens que não sabem nadar deverão aprendê-lo.

No dia 14 de Julho terá logar a solenidade do Juramento á Bandeira, conforme ordem contida nas «Diretivas» expedidas pelo Comando da Região.

RECOMENDAÇÕES AOS INSTRUTORES

Os instrutores deverão esforçar-se para, o mais depressa, saberem os nomes de seus homens, pois o soldado se convencerá desde logo do interesse que por ele está sendo tomado. Deverão exigir que, da mesma forma, procedam os monitores.

Durante os intervalos para o descanso devem os instrutores deixar os instruendos completamente livres, sem embargo, já se vê, da fiscalização que deverão exercer para que esses intervalos sejam bem aproveitados para o repouso necessário ao bem estar geral.

Não só os uniformes, não sómente o que estiver sobre o corpo do recruta será revistado pelos instrutores e monitores; estes levarão, com certo tato e habilidade, para que os homens não se magoem, os seus cuidados até o mais rigoroso asseio corporal aproveitando todas as ocasiões e instruções; não devem pois permitir que os homens conservem em más condições de higiene as unhas, boca, olhos, cabelos, orelhas, nariz, etc. Exigirão os uniformes de acordo com as diversas modalidades da instrução e formatura e devem velar para que eles se conservem folgados principalmente quanto á gola e peito.

Os instrutores, como educadores que são, devem procurar estudar e conhecer a fundo a natureza dos seus homens sob o triplice aspeto físico, intelectual e moral e não só para que possam dosar bem o ensino e por ventura alguma chamada de atenção, dado o fato de variar de homem para homem o grão de desenvolvimento de amor próprio, como também para que estejam os referidos instrutores em condições de dar seguras e preciosas informações sobre cada um dos seus instruendos.

Em todas as ocasiões os instrutores deverão revelar-se, simultaneamente energicos, bondosos, justos e senhores, perfeitamente, dos assuntos que tiverem de ensinar; só assim inspirarão confiança aos seus subordinados e não terão decepções. Pelo contrário, todas as vezes que dessas normas se afastarem, terão, podem estar certos, arrependimentos e até desejo de, imediatamente, abandonarem a bela profissão militar pelo corriqueiro procedimento dos fracos de atribuirem á carreira abraçada culpas que só a eles cabem.

Os instrutores, alem de tudo deverão ser calmos, perseverantes, ativos e dotados de paciencia e bom humor; terão em vista que, pelo exemplo proprio quasi tudo conseguirão; assim deverão manter linha impecavel, maior correção dos uniformes e da atitude, diante

de suas escolas e, de um modo geral, absoluta compostura civil e militar.

A educação moral — Destinada «a elevar as almas e a retemperar os carateres será ministrada por meio de preleções ou melhor, por meio de «conversações» em que se deve usar de linguagem ao alcance dos soldados, fazendo-se curtas exposições teóricas, com citações de fatos históricos e aproveitando-se exemplos práticos dos chefes militares e os fatos comuns da vida do quartel, tudo tendo-se em vista despertar, acentuar e desenvolver o espirito de corpo e os sentimentos patrióticos, de honra, cumprimento do dever civil e militar, de disciplina, solidariedade e de todas as virtudes militares; para as citações de fatos históricos aproveitar-se-ão as guerras que o Brasil travou com o estrangeiro. Deverão ser aproveitadas todas as oportunidades para este ramo da instrução que não deve, rigidamente, fazer parte de programas, não convindo mesmo ter o carater de regularidade, pela dificuldade, senão impossibilidade de regulamentar as «conversações» aludidas.

«O estudo das campanhas mostra á evidencia quão saliente, é o papel desempenhado pelas forças morais. Mas essas forças não surgem de improviso na guerra; é preciso que durante a paz, em casa, nas escolas, na vida civil e, especialmente na caserna, elas sejam despertadas e tonificadas (n.º 41 das Diretivas do Comando da Região)».

A instrução geral — Será ministrada de acordo com o programa detalhado no Apêndice do R. I. Q. T. Esta instrução deve ser, tanto quanto possível, materializada e exemplificada, esforçando-se o instrutor para desenvolvê-las em todos os momentos oportunos, afim de que os recrutas adquiram o desembaraço necessário ás exigencias da caserna e porte indispensável á vida militar. Não deverão ser olvidados os pontos do R. Cont. que tão de perto dizem com a apresentação do soldado em todos os atos da vida militar e da sociedade civil.

Atenderão, ainda, os instrutores, a que os soldados, mesmo como recrutas, terão que desempenhar certos serviços, como os de guarnição, de que deveriam estar livres durante o 1.º periodo, pelo que será ministrada, enquanto antes, a instrução referente ao papel de plantão, sentinela, etc.

A instrução física — A instrução física atualmente regulamentar não comporta uma especificação rigida dos exercícios a serem ministrados

dos diariamente durante meses a fio; ela deve avançar paralelamente ao aproveitamento dos homens. Ficará a cargo do instrutor respetivo a organização das lições diárias, as quais devem ser previamente apresentadas a este comando que fará as correções necessárias depois do que serão executadas.

O medico da unidade acompanhará, sempre que possível, os exercícios físicos, suas prescrições técnico-profissionais sobre esse ou aquele homem e sobre os diferentes movimentos, serão seguidas pelos instrutores e monitores quer diretamente (dado o fato de tratar-se de uma unidade pequena) quer por intermédio do comando, junto ao qual o medico deve funcionar também como conselheiro técnico.

Na instrução física não será permitido, a não ser para as reuniões, o uso do apito pelos instrutores e monitores, pois que não é possível subordinar sem grave risco para a saúde dos homens, a um simples silvo, movimentos que tão intimamente dizem com a natureza de cada indivíduo.

Os exercícios respiratórios serão, nas sessões de educação física, considerados como essenciais; o modo de respirar durante o trabalho deve merecer carinho especial do instrutor e monitores.

O instrutor e monitores velarão para que, na lição propriamente dita, nenhum soldado fique parado, de braços cruzados, à espera de que chegue a sua vez para trepar, carregar, lançar pesos, etc. Velando pela continuidade da sessão, o instrutor e monitores deverão pensar no grave prejuízo que além de outros, causará o fato de, nas manhãs frias, um indivíduo ficar, em roupas de ginástica, parado ao tempo, após um exercício mais ou menos intenso.

A parte de «adaptação às especialidades» não deve ser, absolutamente, deixado para um segundo plano.

O instrutor sómente confiará a auxiliares o ensino da esgrima e do lançamento da granada, quando vir que se trata de graduado bem experimentado nesses assuntos.

Por ser indicado pelo Comando Superior e pelo Estado Maior do Exército, fica adotado, nesta Bateria, como livro de consulta, o Manual de Instrução Física de autoria do Cap. João Barbosa Leite e 1.º Ten. Jair Dantas Ribeiro.

Todo o estudo do material quer portátil, quer de artilharia, (seu funcionamento, nomenclatura, composição das munições respetivas, etc.) deverá ser feita sob a forma de explicações sumárias, não devendo o instrutor consentir que os homens venham a decorar divisões e

sub-divisões do fusil e do canhão com o fim de recita-las sem muitas vezes saberem o que estão dizendo. O estudo do material terá um cunho acentuadamente prático, bem concreto; os nomes das peças do material deverão ser guardados na memória dos soldados, da mesma maneira por que os maquinistas guardam os nomes das peças de suas máquinas. É verdade que depois de certo tempo de aprendizagem e prática deverão ficar os soldados em condições de fazerem sumárias exposições sobre o material a que servem, mas tudo se conseguirá sem que os instrutores o considerem inicialmente como papagaios que vão aprender a falar.

Para o estudo do material de artilharia deverão ser procurados os assuntos no livro Manual do Marinheiro Artilheiro, mandado organizar pelo Ministério da Marinha.

Com os cuidados a dispensar para a conservação do material que fôr entregue ao soldado para a instrução ou para limpeza, os instrutores procurarão incutir nos instruendos a necessidade de economizar os artigos de limpeza e procurarão desenvolver o amor do soldado à sua máquina, fazendo-lhe sentir que ela é a sua companheira até mesmo nos momentos os mais críticos de sua vida.

Na parte instrução te artilharia (serviço te material) ter-se-á sempre em vista o caso especial nosso de artilharia de costa. Sendo, porém este Forte dotado de material de artilharia naval com as instruções contidas no livro «Manual do Marinheiro Artilheiro», do Ministério da Marinha, unicamente para o serviço de bordo, será esta modalidade da instrução orientada diretamente por este comando que, verbalmente ou em seus programas semanais, regulará o ensino, fazendo as respetivas adaptações, buscando os dados no citado livro, onde os instrutores procurarão os detalhes até que tudo que diz respeito ao nosso Forte, seja compreendido como é da intensão deste comando.

A parte Classificação dos objetivos de tiro la artilharia de costa... será ensinada tendo-se em vista a necessidade do soldado conhecer a cooperação da esquadra com a defesa costeira e, ainda, habituar o homem ao reconhecimento dos navios considerados como objetivos marítimos.

Do «Regulamento de Fortificações» serão tiradas apenas as partes muito gerais e as que disserem respeito ao serviço nos Fortes e Fortalezas.

Para o «conhecimento das bandeiras de todas as nações e classes de navios», aproveitar-se-á, sempre que possível, a passagem dos mesmos

deante do Forte ou de nossas conduções pelos navios estrangeiros ancorados no porto; tudo sem embargo da instrução dada na Bateria sobre o assunto.

Para a «Instrução de infantaria» será seguido, tal como é regulamentar, o Anexo n.º 1 do R.E.A., mas como não podem deixar de ser dadas as partes relativas á defesa imediata do Forte inclusive serviço de segurança e, de um modo geral, combate de infantaria no que diz respeito ao ataque e defesa de fortificações, por serem essas partes também regulamentares, — será completado o ensino prescrito pelo referido anexo com outros assuntos extraídos, com habilidade, dos regulamentos da arma de infantaria. Por outro lado, os instrutores expurgarão o citado anexo do que diz mais de perto com a artilharia de campanha do que com a nossa modalidade de artilharia de costa.

Na instrução de «Tiro de armas portateis» o instrutor terá, sobretudo, paciencia. Para essa instrução, que deve ser dada sob a forma teorico-pratica, os homens não deverão ser obrigados á atitude do soldado em forma e sim dispostos em torno do instrutor, para as explicações já se vê, de modo mais comodo possível, porém, dentro das boas normas de compostura e educação.

Para o uso das armas levar-se-á também em conta o que prescreve o anexo n.º 1 do R.E.A., fazendo-se as necessarias adaptações ao fusil do que nele se encontra para o uso do mosquetão, arma que nesta Bateria é apenas distribuida aos corneteiros e tambores, os quais continuarão a receber a respetiva instrução.

O ramo da instrução «Rudimentos de fortificação e organização do terreno» será ministrado não só pela importancia que no combate adquiriram os trabalhos de organização do terreno a ponto de exigir, hoje em dia, que qualquer soldado esteja com a ferramenta tão familiarizada como com a sua propria arma, como também pela necessidade do artilheiro de costa preparar obra de defesa muitas vezes verdadeiras obras de fortificação passageira e semi-permanente em praias e outros pontos do litoral.

A instrução individual, que tem por fim familiarizar cada soldado com o emprego da ferramenta, deve ser graduada, segundo a profissão que o individuo tenha na vida civil; em outras palavras, para o manejo da pá ou da picareta não tem um lavrador que adquirir o mesmo treno que exige um soldado que, antes, tenha vivido na cidade.

Devem ser reduzidos ao essencial a nomenclatura e os conhecimentos das dimensões das

obras do emprego corrente; essa nomenclatura e essas dimensões serão ensinadas ao soldado com o fim unico de que, a um simples comando, ele seja capaz de executar a obra.

NOTA SOBRE A INSTRUÇÃO DOS RECRUTAS

A distribuição dos diversos ramos da instrução pelos diferentes instrutores e auxiliares e horario particularmente, constituirão objeto dos programas semanaes.

Instrução dos soldados antigos — Terá pro fim aperfeiçoar a instrução que receberam. Será ministrada com a de recrutas na sessão principal mas, sempre que possível, formando uma escola á parte.

A instrução dos soldados antigos deverá prosseguir com a maior intensidade para que possam estar sempre em condições de servirem de monitores, dado o fato particular desta Bateria em que os oficiais dispõem de poucos auxiliares, sargentos e cabos.

Os instrutores devem ter presente que, embora os soldados prontos constituam uma escola á parte, eles podem ser designados para desempenhar, na instrução da escola da peça dada aos recrutas, as funções mais dificeis, principalmente nas primeiras semanas.

Os casos consequentes da dificuldade de conciliar os diversos serviços externos e internos com o comparecimento á instrução serão resolvidos direta e verbalmente pelo comando da Bateria.

Instrução dos especialistas e dos empregados para os diversos serviços. — Na 2.ª semana de instrução terá inicio o ensino especial dos apontadores novos.

Até o dia 22 de Julho, no maximo, levando-se em conta os suplementares, será fixado o numero dos recrutas que vão receber a instrução completa de apontador e outras especialidades.

No dia 29 de Julho, serão designados os soldados que podem receber a instrução completa de apontador e de outras especialidades (R.I.Q.T., art. 116-2). Os candidatos a especialistas de saúde serão propostos pelo medico da Bateria de modo a que também a 29 de Julho sejam designados com os demais especialistas; em seguida (1.º de Agosto) dar-se-á inicio á respetiva instrução especial, a qual, até o fim do primeiro periodo, não deve prejudicar a instrução dessas praças no conjunto da Bateria.

O que vi nas fronteiras

O Acre

Pelo Cap. Lima Figueirêdo

O Eldorado de fato existiu na região vastíssima da planície amazônica. O ouro correu pelas mãos dos seringueiros, como a água nos caudalosos rios.

Fortunas foram feitas da noite para o dia com o maravilhoso preço da «hevea brasiliensis».

Na ansia do ouro, á cata do caucho e da seringa, os nordestinos invadiam a mata, recalçavam para longe os incolas e na floresta virgem iam, aos poucos, surgindo varadouros e casas de palha que eram verdadeiros marcos de posse de uma região conquistada.

Foi assim que já retiravam o precioso latex dentro do território boliviano, que era o Acre, quando o intrepido Plácido de Castro, pelas armas, soube incorporar ao território brasileiro aquele vasto trato de terra, justamente no momento em que a Bolívia mandava instalar uma aduana em Porto Alonso, hoje Porto Acre.

Foi mais tarde, pelo Tratado de Petrópolis, o Acre definitivamente considerado brasileiro e o milhão e meio de libras que pagámos ao Bolivian Syndicate of New-York, foram soberanamente readquiridos em poucos anos.

Hoje o Acre nada vale. Vive das verbas enviadas pela União.

Os seus principais produtos caíram como um castelo de areia. A borracha que chegou a dar 20\$000 o quilo, hoje somente vale 1\$000 no

Ainda a 29 de Julho serão designados os aprendizes dos diversos empregos: correiros, cosinheiros, empregados do rancho, etc.

Inicio da instrução dos especialistas e empregados — 1.º de Agosto.

Duração — Sem ultrapassar o fim do 2.º período de instrução; regulada de forma a tornar os instruendos rapidamente utilizáveis, se possível, desde o inicio do 2.º período.

Nota: Oportunamente serão designados os instrutores e monitores e publicados o programa e horário para os cursos de especialistas e auxiliares dos diversos serviços administrativos.

Instrução para o preparo dos graduados (Pelotão de candidatos a cabo e a sargento) — Oportunamente será designado o encarregado do pelotão de candidatos a cabo.

porto de embarque; a castanha, que esperançou um pouco o pobre acreano, chegando a dar 70\$000 o hectolitro, caiu também fragorosamente; o cedro ainda dá 100\$000 a tóra de 8 metros por 1 metro de diâmetro, mas o esforço inaudito, empregado para arranca-lo da mata e transportá-lo até a Boca do Acre, não é compensado.

A terra é fértil, mas o povo se habituou a viver só da borracha e aos poucos é que vai ingressando na agricultura.

O trabalho é pouco; basta, nas vésperas da cheia dos rios, fazer a derrubada. O rio limpa o terreno e deixa sobre o mesmo uma espessa nata que é explendido adubo. É só plantar e esperar a colheita. Vi roças lindíssimas de milho, feijão, mandioca, melão e melancia.

As vias de comunicações do Acre são constituídas pelos rios Juruá e Purus, seus afluentes e sub-afluentes. Em tempo de cheia, de Outubro a Abril, navega-se comodamente em chatas da «Amazon River» até Sena Madureira, no rio Yaco e Cobija, na Bolívia, banhada pelo rio Acre ou Aquiri. Em tempo de vassante, sómente em pequenas embarcações se pode chegar às cidades citadas.

Deve merecer atenção do governo o estado em que é feita a navegação naqueles rios que

As indicações para o estabelecimento do programa respetivo e horário para a instrução, serão publicados, também, oportunamente. Convindo desde já tornar público que a 28 de Junho serão designados os candidatos e que os trabalhos do pelotão terão inicio a 1.º de Julho e terminarão a 28 de Setembro, devendo começar os exames a 30 desse mesmo mês.

Instrução dos reservistas — Caso sejam chamados á ordem de urgência para recopilação dos diversos ramos de instrução e para aprendizagem das novidades introduzidas nos regulamentos e armamento e, bem assim, o grau de intensidade da instrução, serão regulados em programa especial.

A Escola Regimental — Funcionará, pela falta de oficiais disponíveis, a cargo do 3.º sargento Carlos Domiense Pereira, que terá como auxiliar, o cabo Aquilino Honorato do Nascimento.

são as unicas estradas penetrantes para aquelas invias regiões.

Ha alguns trechos em que os rios se apresentam, como passando por uma verdadeira floresta seca, onde cada galho age como um abatis de encontro os cascos das embarcações. É mistér que os cursos d'água sejam limpos periodicamente, afim de que a navegação seja facilitada.

A fronteira do Acre com o Perú é constituída pela cabeceira do Javari, pelo «divortium-aquarum» Juruá-Ucayali, pelo rio Juruá, pelo rio Breu até suas nascentes, seguindo pelo divisor Envira-Juruá até as cabeceiras do rio Santa Rosa, segue por este até sua confluencia com o Purus, continuando por este até a foz do Chambuiaco, segue por este até sua nascente, continua pelo meridiano dessa nascente até encontrar o paralelo de 11° e daí por uma linha geodesica até a nascente principal do Rio Acre e por este até a foz do Arroio Yaverija, onde começa o ilimito com a Bolivia. Esta linha de fronteira se acha perfeitamente caracterizada com marcos metalicos em todos os pontos importantes.

Foi demarcada por uma comissão chefiada pelo integrante Almirante Ferreira da Silva, que concluiu seus trabalhos em 1925.

Tanto os peruanos, como os brasileiros abandonaram completamente esta zona de fronteira. A sua produção é nula.

Na região do Alto Purus, peruana, o povo vive ao «Deus dará» sem uma autoridade que evite os abusos que se registram, como pais incestuosos, assassinos impunes e famílias humilhadas. Do lado do Brasil, apesar dos pezares, sempre se encontra uma aduana e um Delegado de Policia.

O rio Chandless, afluente do Purus, se acha hoje completamente desabitado. Visitei um logarejo — Reintégro — que pelas plantações e construções existentes, devia ter tido vida muito intensa. Foi proprietário dessa região Don Frederico Raña que pretendia ali fundar uma vila peruana.

Apóz o resultado da Comissão Demarcadora de Limites, soube Don Frederico que a sua povoação era brasileira e, não concordando com o resultado, construiu enormes balsas, onde colocou tudo que possuia. Esperou a enchente e desceu rio abaixo em busca de Iquitos.

O Yaco é um dos mais populosos afluentes do Purus. Nêle existem enormes seringais, como o Guanabara, onde, apesar do preço ridícuulo da seringa, os seus proprietários continuam o trabalho com afinco.

Existem alguns varadouros que ligam o Yaco ao Acre, sendo os principais os que ligam Guanabara à Paraguassu, Riosinho à Rio Branco e Sena Madureira à Rio Branco.

Na carta do Territorio do Acre, de Massô, existe uma celebre estrada de automovel, ligando Sena Madureira à Rio Branco. Fui percorre-la montado num burro e, em muitos lugares, para passar á pé, tive que mandar abrir uma picada, pois a pomposa estrada não existe.

Indaguei de alguns moradores e êles me afirmaram que a tal estrada nunca tivera existencia real. Parece-me ter sido aquilo alguma «cavação supimpa».

No Alto Yaco habitam os indios «mashcos» e os remanescentes dos «catianas» e «mantineris». Estes ultimos vivem no Brasil perfeitamente aldeados; aqueles campeiam em plagas peruanas, de onde estão expulsando as poucas famílias peruanas que lá vivem. O ato da expulsão consistia na queima das plantações, o que acarretava ficarem as famílias sem meios de subsistência.

No Santa-Rosa, Alto-Purus e no Envira habitam as tribus dos «Curinas» e «Tucurinas». Entrei em ligação franca com esses indios.

A festa mais interessante é a do casamento: a mulher só se casa depois de menstruada e o homem tem que primeiro se sujeitar a uma prova de coragem.

Para esta prova é preparado um chicote de couro de anta com um metro mais ou menos de comprido e da grossura de um dedo. O noivo cruza os braços e se submete a uma formidável surra, gritando sempre, depois de cada chicotada, a palavra «marupiara», que significa valente. Si aguenta a surra, pôde se casar e em caso contrario é considerado «panema» ou fraco. O «panema» tem as atribuições das mulheres e é excluído da roda dos marupiara.

Todo trabalho de roça é feito pela mulher. O homem se limita a caçar e a pescar.

Os mortos são enterrados de cocóras e amarrados a uma forte estaca. Seus tumulos são cobertos por um tapiri (telhado de palha), onde seus parentes vêm depositar frutas, para que o defunto as coma...

Muitas vezes uma tribo ataca outra com o fim exclusivo de raptar as mulheres de seus companheiros.

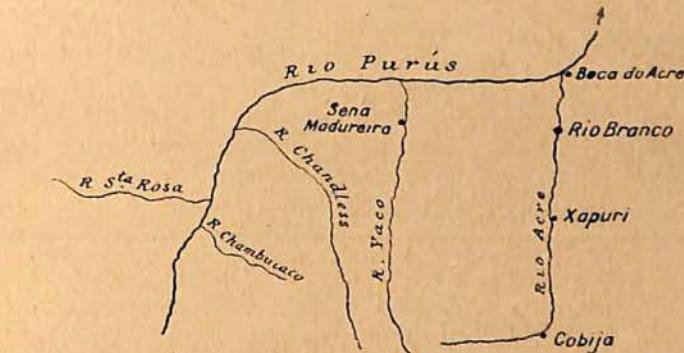
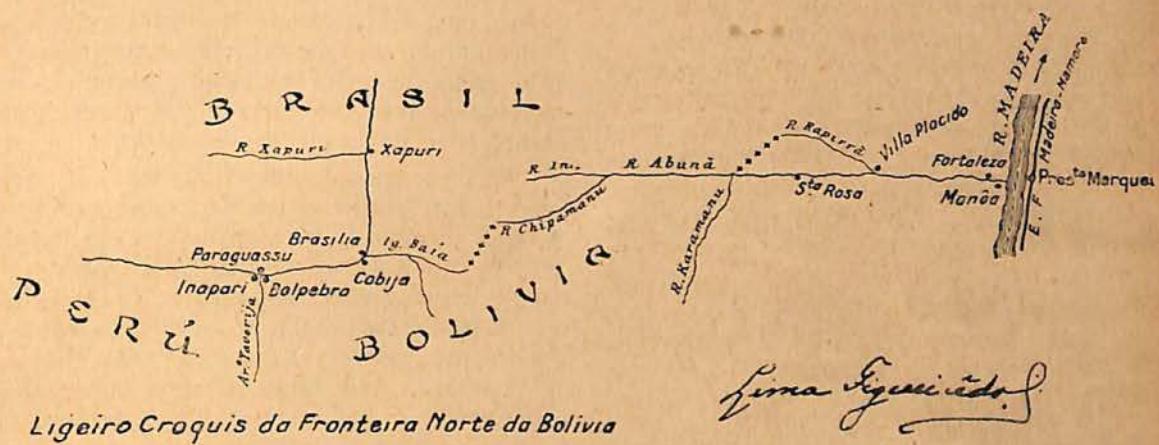
Na tribo dos «cachinaus» que habitam o Alto Juruá ha o costume de se queimar o cadáver e colocar as suas cinzas na «caicuma» (bebida feita com mandioca), afim de que todos

FRONTEIRA COM A BOLIVIA

A fronteira com a Bolivia começa na fóz do Arroio Yaverija, no Acre, segue por este ultimo rio até a imbacadura do Igarapé da Baía, depois pelo braço Oriental deste igarapé até sua cabeceira e daí por uma linha geodesica até as cabeceiras do Chipamânu e por este segue até sua confluencia com o Ina, donde se origina o rio Abunâ, segue por este até a foz do Karamânu, daí por uma linha geodesica até as nascentes do Rapirrâ, continua

onde nasce o Iquiri, e da Esperança, onde ha magnifica pastagem.

Ha um fenomeno interessante no Acre, conhecido pelo nome de friagem. Este fenomeno, que consiste na queda brusca da temperatura de tres ou quatro grãos da escala termometrica, é uma consequencia do desgelo dos Andes. O povo pobre muito sofre com a friagem. Quando se vê uma pessoa muito doente, é habito dizer-se que na primeira friagem morrerá. É comum encontrar-se na mata, animais mortos pela friagem.



Ligeiro Croquis do Alto Purus e seus afluentes

por este até sua confluencia no Abunâ por onde segue até desaguar no Madeira.

Os habitantes da zona fronteiriça não concordam em absoluto com esta fronteira. Desejavam que o Abunâ fosse a divisa natural, alegando que Placido de Castro chegou com suas forças até ao Orton ao Sul do Abunâ.

O Abunâ é um rio trancado, logo perto de sua foz, pela formidavel cachoeira da Fortaleza, de modo que a sua navegação é feita em duas etapas, separadas pela citada cachoeira.

Ligando o Acre ao Abunâ existem belissimos varadouros através dos campos dos Palmares,

Em conversa com alguns oficiais bolivianos, pude sentir que ha ainda um resquicio de ressentimento em relação á questão do Acre.

Os bolivianos têm em Bolpebra um Btl. de Infantaria; em Cobija o 11º Regimento de Infantaria; em Manôa um Btl. de I.; ha ainda dois destacamentos de pelotão, um em Santa Rosa e outro em Puerto Rico, cada um comandado por um tenente, fiscalizados por um capitão, que ora está num, ora noutro destacamento.

Defronte a essas forças, a polícia do Acre mantem, em Paraguassú, que fronteia com Bol-

Colonização e Defesa das Fronteiras Nacionaes (*)

Pelo Eng. civil Raimundo Pereira da Silva

Convencido de que a todos os brasileiros cabe o dever de prestarem o seu concurso, na medida dos elementos de que cada um dispuser, em conhecimentos dos diversos aspectos do país e em observações das multiphas necessidades da Nação, para que se torne mais fecunda em seus resultados a obra ingente de remodelação e progresso da Revolução, peço venia para oferecer-lhe o estudo que a este acompanha, no qual procurarei aproveitar a oportunidade favorável e talvez unica que agora se apresenta, para dar uma solução conveniente ao problema do povoamento e defesa da nossa linha de fronteiras com os países estrangeiros e ao mesmo tempo resolver diversas questões que entendem de muito perto com o nosso desenvolvimento economico e com o equilibrio das nossas finanças.

Na notável exposição que o Chefe do Governo, fez ao povo brasileiro, em 3 de Outubro de 1931, reconheceu ele a necessidade de serem consolidadas as dívidas dos Estados sob o controle do Governo Federal e anteviu mesmo a possibilidade de ser essa consolidação feita sob a responsabilidade efetiva da União.

É inevitável essa encampação das dívidas dos Estados e de alguns dos principais Municípios.

Das dívidas externas, para que o crédito do Brasil não venha a naufragar definitivamente nos mercados de dinheiro onde teremos de

procurar as somas de que necessitamos para fomentar o nosso progresso, e das dívidas internas, para que as administrações estaduais e municipais possam ser aliviadas da esterilizante pressão que asfixia e disponham do tempo necessário à reorganização das suas finanças com o incremento, então possível, das suas rendas.

É todavia justo e de alto alcance moralizador, que as unidades devedoras cujas dívidas forem encampadas pela União, consignem a esta, pelo tempo que for suficiente, alguns impostos que serão por ela arrecadados diretamente e empregados na respetiva amortização.

No caso, porém, dos Estados que limitam com países estrangeiros, o Governo Federal deve aproveitar — e é nisto que se baseia o projeto que tenho a honra de submeter ao estudo e patriótica deliberação do Governo — a situação criada pela imprevidência quasi criminosa dos governos daqueles Estados, e a fase política que está atravessando a Nação, sob o regimen de poderes despcionários, para fazer uma divisão administrativa mais racional e sobretudo mais proveitosa aos altos interesses do Brasil, das imensas extensões territoriais que constituem os Estados do Pará, Amazonas, Mato-Grosso, Paraná e Sta. Catarina e o Território Federal do Acre, despovoadas e praticamente abandonadas, exatamente na orla da nossa linha de fronteiras, desde a foz do Oiapoque, no Oceano Atlântico, até a foz do rio Píperi-Guassú no rio Uruguai.

(*) — Extrato de um trabalho oferecido ao Governo Provisório.

pebra, três soldados; em Brasília que fica «vis à vis» com Cobija, um destacamento comandado por um sargento; tanto em Fortaleza, como em Presidente Marques, que ficam próximos à Manôa, não ha nem um soldado.

A Policia do Acre, quando comandada pelo Capitão de Artilharia, Djalma Dias Ribeiro era uma tropa eficiente, disciplinada e exercitada.

Em Cobija, conversei com o Coronel Bretel, comandante do 11.º R. I. boliviano e lhe perguntei porque a sua unidade se chamava «Regimento Bagé».

O Coronel Bretel, de fina educação, conseguiu dizer que aquele nome lembrava uma vitória que os bolivianos obtiveram sobre os acreanos no estirão Bagé. Sem comentários, fica o fato...

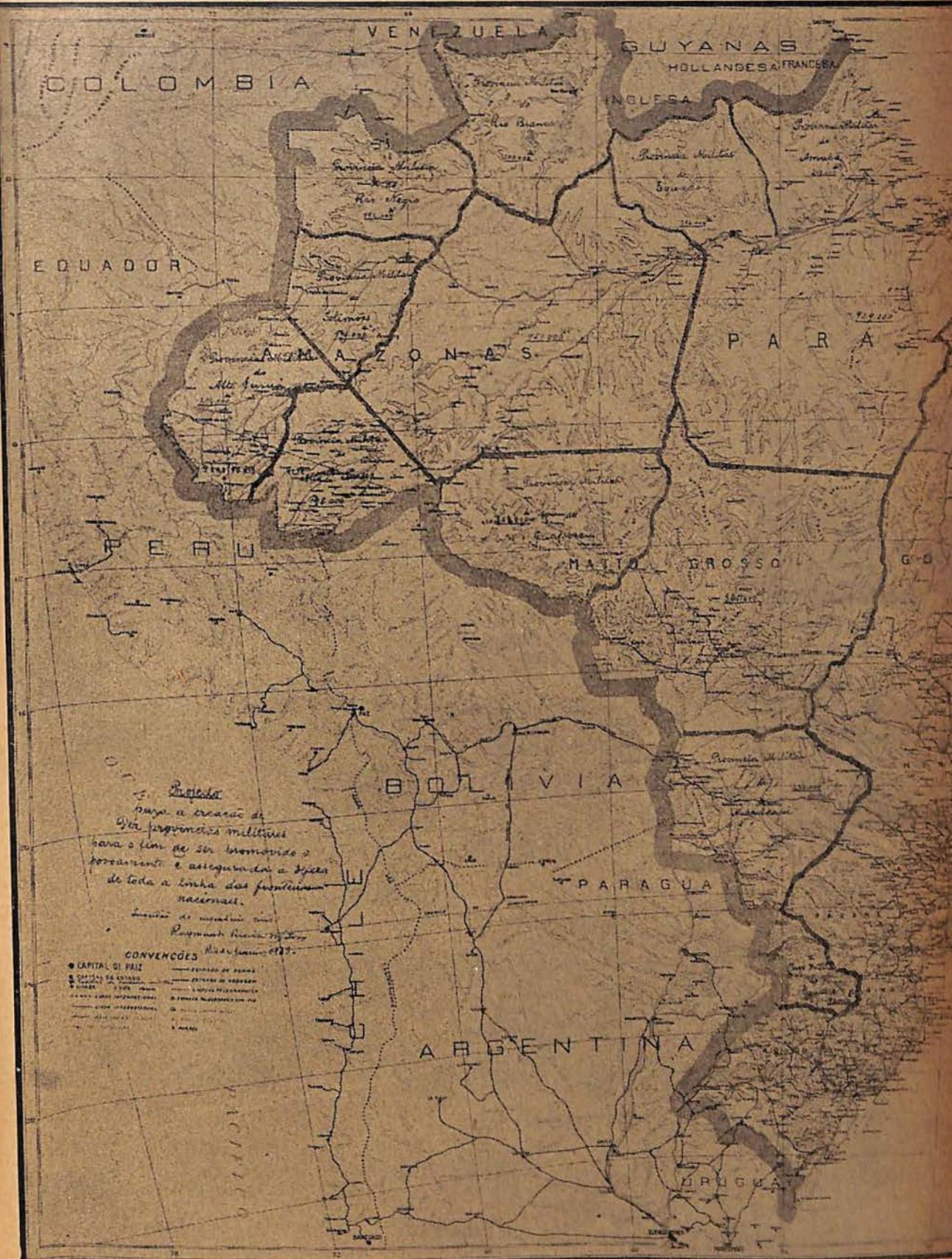
O maior inimigo, de quem viaja por aquelas regiões, é o vento. Tem acontecido, embarca-

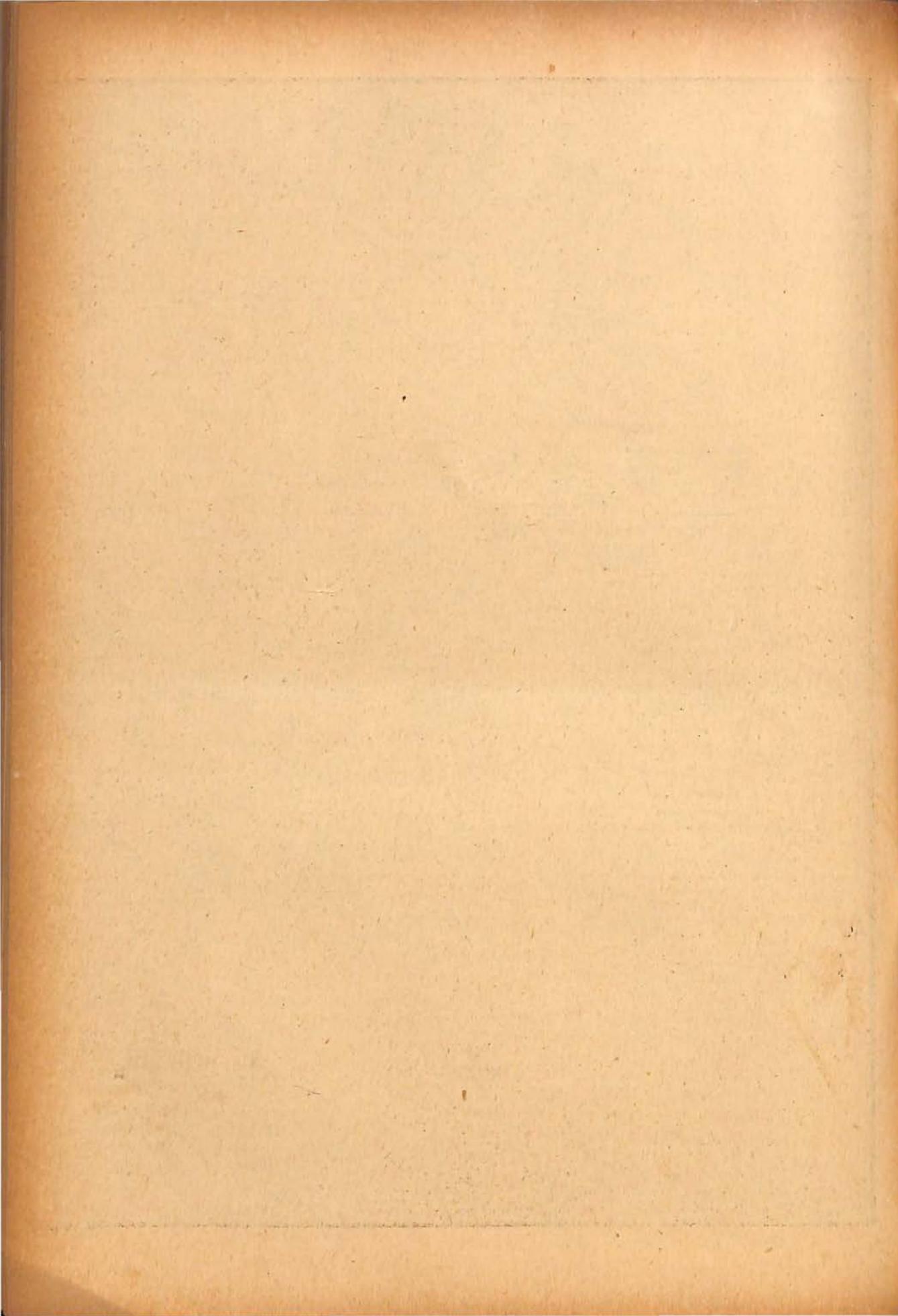
ções serem colhidas por árvores que caem durante a ventania, de modo que, quando venta, se deve procurar o meio do rio. Em plena mata se procura um barranco que escore qualquer tronco que caia.

Durante as tempestades, as derrubadas são formidáveis, em virtude das árvores possuirem raízes pouco penetrantes.

Uma das causas perfeitas que o Acre possue é a sua radiotelegrafia. Graças aos esforços do seu ex-Governador Dr. Hugo Carneiro, a quem o Acre muito deve, estão ligadas com o mundo as seguintes cidades e vilas: Cruzeiro do Sul, Sena Madureira, Rio Branco, Xapuri, Brasília, Vila Seabra, Porto Acre e Boca do Acre.

Fiquei encantado de tudo que vi e, com o coração transbordante de esperança, aguardo o dia em que aquela região privilegiada se torne um dos celeiros do Brasil. (2-IV-933).





A FRONTEIRA AMAZONICA

Desmembrada do territorio do atual Estado do Pará a parte que constitue a Guiana brasileira, a qual ainda hoje só tem as povoações fundadas pelos portugueses na margem do Amazonas, ainda nos tempos coloniais e a vila de Montenegro, antiga povoação do Amapá, com as aldeolas que lhe ficam em roda, no litoral do Atlântico, no celebre territorio do Amapá, reivindicado aos franceses, á frente dos seus garimpeiros e seringueiros, pelo caudilho Veiga Cabral, até que o laudo da Suissa o integrhou definitivamente no patrimonio Nacional, a superficie que restaria ao grande Estado do Norte ainda seria superior a 929 mil quilometros quadrados, maior, portanto, que as da França (536.408 k²), da Italia (286.680 k²), da Belgica (24.450 k²), da Holanda (33.000 k²) e da Dinamarca (39.780 k²) todas reunidas.

Assim, ficaria ainda aos paranaenses um campo bastante vasto para alimentar-se, prosperar e enriquecer, uma população cem vezes maior que a atual.

Nessa região seriam fundadas e administradas pelo Governo Federal, duas províncias militares, dois futuros grandes Estados — a do Amapá, com cerca de 218.000 k², compreendendo os atuais municípios de Montenegro, Macapá, Mazagão, Almerim, Prainha e Monte Alegre, com uma população já superior a 60.000 habitantes e a do Equador — que assim nos pareceu apropriado denominar, por ser ela cortada quasi ao meio pela linha Equatorial — com cerca de 216.000 k², compreendendo os atuais municípios de Alemquer, Obidos e Faro e cuja população já excede tambem de 60.000 habitantes.

Do livro «Finanças do Brasil» publicado recentemente pelo Snr. Valentim Bouças, da Comissão de Estudos Financeiros-Económicos dos Estados e Municípios, vê-se que a dívida externa do Pará é atualmente de L. 4.019.318 ou sejam Rs. 160.772.720\$000, ao cambio de 6

A dívida Consolidada é de Rs. 5.821.000\$000
A dívida Flutuante é de Rs. 44.600.000\$000

Soma 50.421.000\$000

Temos portanto um total de Rs. 211.193.720\$ que exigiria, de acordo com o projeto proposto, o seguinte serviço financeiro anual:

Juros de 5 %, anualmente, durante 10 anos
Rs. 10.559.686\$000.

Juros de 5 %, e mais a taxa de 0,002,828 para a amortização, anualmente, durante 60 anos Rs. 11.156.941\$840.

Seria este o preço pelo qual o Governo Federal, adquiriria do Estado do Pará a sua parte do territorio da Guiana, ficando ele com as suas rendas livres para cuidar melhor do seu progresso moral, intelectual e material.

A região em apreço é uma das mais ricas de todo o Brasil, na fauna terrestre e aquática, na flora, no reino mineral e em extensos campos das melhores pastagens, que permitem a fundação, em vastíssima escala, da industria de futuro mais garantido no mundo, que é a criação de gado.

Sob o regimen de administrações honestas, justas e progressistas, as rendas de ambas, que aliás já são pequenas, produzirão o suficiente para as despesas normais e, dentro de poucos anos, para aliviar o Tesouro Federal do serviço das dívidas encampadas.

A instalação destas duas províncias militares poderá ser feita imediatamente e com despesas muito pequenas.

A do Equador, cuja capital seria a cidade de Obidos, onde já tem séde uma guarnição militar, já se acha por bem dizer instalada.

Bastariam para o seu caso as necessárias medidas legislativas e regulamentares e a remoção do quadro da guarnição, no sentido de pola em condições de poder alcançar o objetivo visado.

Com a instalação da província militar do Amapá também não haveria a menor dificuldade.

Já estaciona na fortaleza de Macapá um contingente de 30 praças e 1 sargento, do Exército Nacional. Bastaria mandar organizar em Montenegro, que deverá ser a séde da Administração, acomodações mesmo de caráter provisório, constando de casas de taipa cobertas de palha para as praças, e casas mais confortáveis de alvenaria, cobertas de telha, para os oficiais, para os escritórios e para os auxiliares da administração, e lá estabelecer o batalhão previsto no projeto, expedindo-se ao mesmo tempo as leis, regulamentos e instruções para a administração da província.

Neste particular, não só quanto a estas duas províncias militares, como quanto a todas as outras, os serviços básicos para a fundação de cada província, que é preciso não esquecer que representa o embrião de um futuro Estado, são os da abertura de estradas, as quais deverão ser levadas a efeito de acordo com um plano previamente adotado e a colonização das suas margens, que deverá ser efetivada, na mesma ocasião em que fôr sendo inaugurado cada trecho. Para isto é necessário que o pessoal encarregado da construção da estrada, que aliás

deve ser limitada no começo á abertura da picada, destocamento e nivelamento preliminar do terreno e construção das mais indispensaveis pontes e estivas de madeira, seja seguido de perto pelo pessoal encarregado da demarcação de sítios, de 20 a 100 hectares, conforme o fim a que tiverem de ser destinados, e neles construir os respetivos ranchos para a habitação dos colonos, aos quais deverão ser entregues, em plena propriedade e sem gravame especial de qualquer natureza, dentro do prazo de cinco anos, contados para cada secção da estrada, da data da sua abertura ao transito publico.

O Estado deve se contentar com os impostos gerais que serão cobrados sobre a massa tributável criada por esses colonos, a qual dentro de poucos anos será certamente muito grande.

As industrias já existentes e a desenvolver na região que abrange estas duas províncias militares, são as seguintes:

Industrias extractivas: Mineração de ouro, grés, calcareo, granito e possivelmente prata, grafite, magnesia, alumínio, cobre, ferro, carvão, pedras preciosas, gesso, salitre, pedra hume e águas sulfurosas e ferruginosas. Extração de borracha, balata, piassaba e outras fibras vegetais, castanhas e outros frutos oleoginosos. Peixe de água doce e salgada, tartarugas, couros e peles de animais selvagens. Madeiras de lei das qualidades mais apreciadas, entre as quais o mogno, o pão rosa, a massaranduba, o pão setim, o cedro, o jacarandá, o pão d'arco, a muirapinima, a macacaúba e o acaú.

Industrias pecuarias: Criação em larga escala de gado bovino, cavalo, asinino, porcino, ovino e caprino e industrias derivadas, tais como o xarque, o toucinho e o lombo salgado, queijos, manteiga, etc.

Industrias agrícolas: Cultura do cacá, guaraná, fumo, café, algodão, cereais, cana de açúcar, mandioca, e todas as frutas tropicais, entre as quais o abacaxi, o melão, o bacuri e o cupu-assú, são de qualidade incomparável.

Industrias manufatureiras: Aguardente, álcool, rapaduras e açúcar, serrarias, farinha de mandioca, tapioca, chocolate, salga do pirarucú e do peixe boi, olarias, e as diversas industrias correntes.

ponto em que este rio, vindo do Perú, entra em território brasileiro, e, ainda, desmembrada do Estado do Amazonas a faixa de território situada, entre as fronteiras com a Guiana Inglesa, Venezuela, Colômbia e Perú, e a margem direita do rio Jauaperi, desde a sua nascente até a sua foz no rio Negro; a margem esquerda do rio Negro, desde a foz do rio Jauaperi até a foz do rio Padaviri; a margem esquerda do rio Uarirá, no rio Negro, até a boca do seu principal afluente do lado de leste; pela margem esquerda deste afluente até a sua nascente: daí pelo divisor de águas, a alcançar a nascente do rio Arirá, pela margem direita deste até a sua foz no rio Japurá; pelo braço principal que comunica o rio Japurá com o rio Solimões, pela margem esquerda deste rio até a foz do rio Juruá; por este rio acima, até o cruzamento da linha «Foz do Abuná - Nazaré» e deste cruzamento pela citada linha até a foz do rio Abuná no rio Madeira, a superfície que ainda ficaria reservada ao grande Estado do Noroeste, é superior a 810.000 quilômetros quadrados, toda situada na zona do vale amazônico acessível à grande navegação por estradas líquidas que a cortam em todas as direções e banham terras das mais opulentas da América, em todos os três reinos da natureza. Livre das suas dívidas e com administrações honestas e inteligentes, o Amazonas chegaria rapidamente a um dos lugares de honra que lhe está reservado, ao lado do Pará, Mato Grosso e Goiás, no concerto das futuras grandes potências componentes dos Estados Unidos do Brasil.

Na região constituída pela faixa de território acima descrita e pelo atual território Federal do Acre, seriam igualmente fundadas e administradas pelo Governo Federal as cinco seguintes províncias militares, a serem elevadas no futuro a outros tantos novos Estados:

1.ª *Província Militar do Rio Branco*, com cerca de 240.000 km² compreendendo o atual município de Bôa Vista, com uma população, aproximadamente, de 15.000 habitantes, dos quais cerca de 3.000 são índios pacificados.

2.ª *Província Militar do Rio Negro*, com cerca de 192.000 km² compreendendo o atual município de S. Gabriel e com uma população já não inferior a 15.000 habitantes.

3.ª *Província Militar do Solimões*, com cerca de 174.000 km², compreendendo os atuais municípios de Fonte Bôa e S. Paulo de Olivença e com uma população já excedente de 30.000 habitantes.

Traçada uma linha reta, entre a foz do rio Abuná no rio Madeira e o povoado de Nazaré, na margem direita do rio Solimões, no

(Continuará).

Exercitos Estrangeiros

A «Defesa Nacional» inicia, no presente numero, a publicação da organização das forças armadas dos países americanos, retirada dos Anuários Militares da Sociedade das Nações, edições de 1931 e 1932.

BOLIVIA (*)

Superficie	1.333.000 km ²
População (estimada)	3.000.000
Densidade por Km ²	2.3

I — Exercito.

Órgãos do comando e da administração militares:

Ministério da Guerra — O Ministério da Guerra é dividido em 5 seções, a saber: seção do pessoal, das armas, do equipamento e da remonta; seção de contabilidade; seção de justiça; seção dos arquivos e seção de construções militares.

Estado Maior — Depende, em tempo de paz, do Presidente da República e do Ministério da Guerra, e em tempo de guerra, do general em chefe comandante do Exército em campanha.

Conselho superior da defesa nacional — Ocupa-se de todas as questões referentes à organização da nação para o caso de guerra, o desenvolvimento dos sistemas de apropriação, de transporte, etc.

Os membros do Conselho superior da defesa nacional são: o Presidente da República, os Ministros dos diferentes departamentos e o Chefe do Estado Maior.

Composição do Exército — O Exército boliviano compreende:

6 estados maiores de divisão; 12 regimentos de infantaria com 2 batalhões de 4 companias (sendo 1 de metralhadoras); 6 regimentos de cavalaria com 4 esquadrões; 1 regimento de artilharia de campanha (2 baterias); 3 regimentos de artilharia de montanha (6 baterias); 6 batalhões de engenharia; 2 esquadrilhas de aviação (20 aparelhos).

Em formação: 1 regimento de artilharia de campanha e 1 regimento de

artilharia de montanha de 2 baterias cada um.

Sistema de recrutamento e duração do serviço. O serviço militar é obrigatório e vai de 19 a 49 anos:

Exército de linha: de 19 a 25 anos;

Reserva ordinária: de 25 a 32 anos;

Reserva extraordinária: de 32 a 40 anos;

Guarda territorial: de 40 a 49 anos.

Si o numero de conscritos é superior ao contingente fixado para o exercito permanente, faz-se um sorteio do contingente em duas categorias. Os homens da primeira categoria são incorporados no Exercito de linha por dois anos, e os da segunda categoria são incorporados durante tres meses no máximo. Expirado este periodo, os homens dessa ultima categoria são licenciados; elos serão, entretanto, incorporados anualmente para periodos de instrução de trinta dias.

Findo o serviço no Exercito de linha, os homens passam á reserva, onde elos fazem anualmente um periodo de instrução de 30 dias.

Os homens pertencentes ás reservas ordinária e extraordinária são chamados anualmente para um periodo de instrução de doze a vinte dias.

Os homens aféitos á guarda territorial só são chamados em caso de guerra, para a manutenção da ordem publica.

Efetivos do Exército — O efetivo do Exército boliviano para 1928 foi de 8.000 oficiais e homens de tropa.

II — Despesas orçamentárias com a defesa nacional (previsões):

1925	8.5	milhões de «bolivianos»
1926	10.0	« « «
1927	11.6	« « «
1928	10.9	« « «
1929	9.6	« « «
1930	8.7	« « «

NOTA — O orçamento não contem detalhes concernentes ás despesas com a Defesa Nacional, mas os numeros acima compreendem as despesas com pensões.

(*) — Do "Annuaire militaire, édition spéciale, 1932, s. d. v., pg. 48 e segs.

PARAGUAI (*)

Generalidades:

Superficie	458.000 km ²
População	897.000
Densidade por km ²	2.0

Comprimento da rede de estradas de ferro (1928), linhas publicas, com exceção de certas linhas industriais) 468 km.

I — Exercito.

A — Autoridade militar suprema e seus órgãos.

O chefe supremo das forças armadas da nação é o Presidente da Republica.

A preparação militar da nação incumbe ao Ministerio da Guerra e da Marinha e ao Estado Maior.

I — Ministerio da Guerra e da Marinha — O Ministerio da Guerra e da Marinha é encarregado de todas as questões relativas a organização, instrução, armamento, fortificação e administração militar.

O Ministerio da Guerra e da Marinha é composto dum secretariado, de quatro departamentos:

Guerra, marinha, administração e justiça; de quatro direções: material de guerra, trabalhos técnicos, serviço de saúde, remonta e de uma seção independente: biblioteca e arquivos.

Do Ministerio da Guerra e da Marinha dependem:

O Estado Maior;
A inspeção geral do Exercito;
Os comandos das zonas militares;
Os arsenais do Exercito e da Marinha;

Os comandos dos navios da frota;
A inspeção de administração militar;
O departamento administrativo;
A direção dos trabalhos técnicos;
A direção dos serviços de saúde.

O Estado Maior do Exercito é o centro de direção de todo o serviço de Estado Maior do Exercito, constitue uma divisão dependente do Ministerio da Guerra e da Marinha. Ele é encarregado do estudo das questões técnicas profissionais, assim como dos proble-

mas relativos á defesa nacional e ao emprego das tropas em tempo de guerra.

O Estado Maior é constituído pelos departamentos e seções enumerados abaixo:

1. Gabinete do chefe do Estado Maior e de seu adjunto;
2. Departamento da organização e da mobilização;
3. Departamento das informações;
4. Departamento das operações;
5. Departamento dos transportes e serviços da retaguarda;
6. Seção histórica.

Os departamentos e seções dependem do Chefe do Estado Maior e a direção de cada um deles é assegurada por um oficial superior ou subalterno, assistido do pessoal necessário.

Os estabelecimentos militares de instrução dependem do chefe de Estado Maior em tudo o que se refere á direção superior dos estudos militares.

O sub-chefe do Estado Maior é o intermediario entre o chefe do Estado Maior e os departamentos. Ele dirige e controla os trabalhos dos diferentes departamentos e substitue o chefe do Estado Maior nos seus impedimentos.

2 — Conselho da Defesa Nacional:

O Conselho da Defesa Nacional é formado pelos ministros da guerra e da marinha, do exterior e das finanças, do chefe do estado maior do exercito, do inspetor geral, dos inspetores das zonas ou das diferentes armas, dos comandantes de zonas e do comandante da esquadra.

Este Conselho é presidido pelo Presidente da Republica ou pelo ministro da guerra e da marinha, e tem como secretario o secretario do Ministerio da guerra e da marinha.

O Conselho trata todas as questões referentes á aquisição de novos armamentos, ás fortificações, e, em geral, de todos os problemas relativos á defesa nacional.

3 — Comando em chefe das forças do Exercito e da Marinha nacionais:

Um comando em chefe das forças do Exercito e da Marinha foi criado no dia 17 de Dezembro de 1928.

O comandante em chefe é um general de divisão, tendo o chefe do es-

(*) — Do "Annuaire Militaire" da Sociedade das Nações, edição 1930-1931, pag. 754.

tado maior do Exercito as funções de comandante em chefe adjunto.

4 — *Inspetor geral do Exercito:*

O inspetor geral é encarregado da inspeção de todas as tropas e unidades do Exercito. Ele transmite anualmente ao Ministerio da Guerra um relatorio minucioso referente a essa inspeção, indicando os melhoramentos ou as imperfeições observadas.

B — *Circunscrições militares territoriais:*

O Exercito do Paraguai está distribuído em cinco regiões militares.

Primeira região militar: séde em Concepción, compreendendo um regimento de infantaria assim constituído:

Estado maior do regimento, 1 batalhão de infantaria (3 companias de fuzileiros e 1 companhia de metralhadoras pesadas), 1 bateria de artilharia de montanha, 1 pelotão de comunicações, 1 destacamento do serviço de saúde e 1 destacamento de intendencia.

Segunda região militar: séde na Capital, compreendendo um regimento de infantaria e um regimento de cavalaria, compostos de: R.I.: Estado maior, 2 batalhões de infantaria (2 companias de fuzileiros e 1 companhia de metralhadoras pesadas cada um), 1 bateria de artilharia de montanha, 1 pelotão de comunicações, 1 destacamento do serviço de saúde e 1 destacamento de intendencia.

R. Cav.: Estado maior, 3 esquadrões de cavalaria, 1 seção de metralhadoras montadas, 1 destacamento do serviço de saúde e 1 destacamento de intendencia.

Terceira região militar: séde em Pilar, sem tropas atualmente.

Quarta região militar: séde em Encarnación, compreendendo 1 regimento de infantaria assim formado:

Estado maior, 1 batalhão de infantaria (incompleto) (1 compania de fuzileiros), 1 destacamento do serviço de saúde e 1 destacamento de intendencia.

Quinta região militar: séde em El Chaco, compreendendo 1 destacamento assim constituído:

1 batalhão de infantaria (3 companias de fuzileiros e 1 companhia de metralhadoras pesadas), 3 companias de fuzileiros, 1 pelotão de cavalaria, 1 pelo-

tão de comunicações e 1 seção de metralhadoras pesadas.

C — *Armas e serviços:*

Infantaria: A unidade superior da infantaria é o regimento. A infantaria se compõe atualmente de 4 regimentos, dos quais um de reserva.

Cavalaria: A unidade superior da cavalaria é o regimento. A cavalaria se compõe atualmente de um regimento, compreendendo três esquadrões e uma seção de metralhadoras montadas.

Artilharia: A artilharia compreende atualmente duas baterias, afetas aos regimentos de infantaria n.os 1 e 2.

Engenharia: Uma compania de sapadores, criada em 1929, para servir de base a organização de outras unidades de engenharia.

Serviço de saúde: Uma inspeção sanitaria do exercito criada em 1929.

D — *Sistema de recrutamento:*

O serviço militar é obrigatorio para todos os cidadãos do Paraguai.

Duração do serviço: A duração total do serviço é de 28 anos. O serviço é feito da seguinte maneira: 1, de 18 a 20 anos, no exercito ativo ou na marinha; 2, de 20 a 45 anos na reserva.

O serviço na reserva compreende tres periodos:

1º) de 20 a 29 anos, na reserva do exercito ativo;

2º) de 29 a 39 anos, na guarda nacional;

3º) de 39 a 45 anos, na guarda territorial.

Quando o numero de jovens inscritos ultrapassa o contingente fixado pelo orçamento, a duração do serviço pode ser reduzida a um ano; esta disposição pode ser aplicada a todo o contingente ou sómente a uma parte mediante sorteio.

O contingente chamado pode, também, ser limitado por sorteio até chegar ao numero fixado.

O Poder Executivo pode convocar anualmente ao serviço ativo, para um estagio de seis meses no maximo, um contingente da reserva que não tenha ainda feito o serviço. Pode igualmente convocar, de dois em dois anos, para

um periodo de 90 dias, os homens da Guarda Nacional que nunca tiverem passado pelas fileiras do exercito e, de tres em tres anos, por um periodo de 60 dias, os da Guarda territorial que nunca tiverem servido.

Isenções: A lei prevê isenções para os inaptos, os arrimos de familia, os membros do clero e certos funcionários.

Distritos de recrutamento: O território da Republica está dividido em 12 distritos de recrutamento. A testa de cada distrito se acha um oficial do serviço ativo ou da reserva, que tem o encargo de zelar pela execusão da lei sobre o serviço militar obrigatorio.

E — Estabelecimentos de instrução militar:

Escola superior de guerra;
Escola militar (30 cadetes);
Escola de aviação militar (15 alunos);
Escola de administração militar;
Escola de infermeiros (20 soldados);

Escola de saude militar e de aplicação (16 alunos);

Escola de aprendizes mecanicos (72 alunos).

F — Efetivos orçamentarios (1927-1928):

Oficiais.

General de divisão	1
General de brigada	2
Coronel	1
Tenente coronel	3
Majores	13
Capitães	26
Primeiros tenentes	25
Segundos tenentes	35
Total	106
Sub-oficiais, graduados e soldados	2.809
Total geral	2.915

Não incluidos: 39 oficiais do serviço de saude e oficiais veterinarios; 72 oficiais de administração; 51 sub-oficiais e soldados do serviço de saude; 44 sargentos inferiores e 81 musicos.

Tática da Infantaria

CONCURSO N.º 1

Deveriamos publicar no presente numero a solução desse concurso, entretanto até a presente data poucas foram as soluções recebidas por essa seção; admitindo que a causa dessa falta de concurrencia seja consequencia da irregularidade da expedição do exemplar que prorrogava o prazo, resolvemos aguardar a remessa de soluções até o dia 30 de Junho.

A solução do concurso será publicada no numero de Julho.

**

CONCURSO N.º 2

Situação Geral

A mesma do concurso n.º 1.

Situação Particular

A) Uma coluna composta por uma Cia. de fusileiros (5.ª Cia.) e 1.ª e 2.ª seções da II C. M.

R., marcha sob o comando do Capitão A, de Bangú para Anchieta, onde deverá se apresentar ao Cel. Cmt. do 2.º R.I., ás 11 h. 30, conforme ordem do Major Cmt. do II/2.º R.I., o qual tem o seu P.C. em Realengo.

B) A Cia. tem o seu T.C. completo, faltando apenas a viatura de vierves que está em Realengo, onde será reabastecida.

As seções de metralhadoras receberão a 2.ª refeição fria e, pela ordem recebida arrancham, a partir da 3.ª refeição pela 2.ª C.M.R.

C) A Aviação inimiga tem se mostrado de uma atividade extraordinaria e essa mudança de situação retardou consideravelmente a marcha da coluna, que foi obrigada a parar a cada momento para se furtar á observação aerea.

D) Às 11 h. 15 a coluna penetra no Campo de Instrução e tem os seus elementos mais avançados nas proximidades da grande cota 60 (S. de Faz. do Engº Novo).

Nesse momento o Capitão A. recebe a seguinte ordem:

2.º R.I. P.C. na Estação de Anchieta, n.º 2, dia D, às 10 h. 15.

ORDEM PARTICULAR N.º A + 15
Ao Cmt. da 5.ª Cia.

I — A Aviação inimiga tem se mostrado extraordinariamente ativa, durante esta manhã.

II — O Cmt. da D.I. proíbe movimentos de colunas de tropas, durante a jornada de hoje.

III — Em consequência:

a) A tropa sob vosso comando deverá estacionar em Faz. do Engº Novo;

b) Deverá estar pronta a marchar com o III Btl. e a 2.ª C.M.R., na direção de Nova Iguassú, às 22 horas, de acordo com a ordem expedida pelo Cmt. desse Btl., a cuja disposição passais, com vossa tropa, a partir do recebimento da presente ordem.

c) P.C. do III/2.º R.I. em Estação de Anchieta.

(a) Cel. X — Cmt. 2.º R.I.

NOTA — Nenhuma previsão tinha sido feita até o presente momento, sobre o estacionamento da coluna, que se realizaria em Anchieta, de acordo com as determinações que seriam dadas pelo Cel. Cmt. do 2.º R.I.

Em suma ...

O problema militar de um país pode-se resumir numa palavra: — *dotá-lo de chefes!*

Materiais abundantes, regulamentos preciosos, organização material e de fórmulas impecáveis, etc., tudo isso é *derrotado* no campo de batalha, se aquele que dirige, comanda e os emprega é incapaz.

Atacar qualquer aspecto da reforma desprezando os que interessam à formação das *élites* e dos chefes é perder esforços e desperdiçar meios.

QUESTÕES PROPOSTAS

1.ª — Que medidas tomou para a preparação do estacionamento?

2.ª — Como dispôz sua tropa no estacionamento?

Responder com um croquis (extraído por cópia da carta de Vila Militar esc. 1/20.000).

3.ª — Que medidas de segurança adotou?

4.ª — Ordem de estacionamento dada pelo Capitão A.

5.ª — Quais as informações dadas e a que autoridades?

6.ª — Dizer em poucas linhas o que fez o Capitão A., depois de estacionar a sua tropa.

CONDIÇÕES

As soluções deverão ser remetidas com a seguinte direção:

A DEFESA NACIONAL CONCURSO

Caixa Postal 1602 Rio de Janeiro

Devem chegar a Redação até o dia 5 de Agosto.

PREMIO

Um exemplar da Tática das Pequenas Unidades de Allehaut.

Nada, nem otimos auxiliares imediatos, pode prover a deficiencia dos chefes: — «Cela suffit ! On fait des instructions, des règlements. Et puis il n'y a pas de chef d'orchestre», dizia Foch.

E o grande mestre da guerra moderna, o criador no Exército Francês da mentalidade que arrancou a vitória em meio das insuficiências de ordem material, exclamava ainda em plena guerra: «Le manque de chef c'est le malheur».

São palavras a meditar quando se cogita de reconstrução militar !

(Editorial)

LIVROS Á VENDA

ASSUNTOS	AUTORES	PREÇO	Pelo correio mais
<i>Manobras da Circunscrição Militar</i> (Setembro 1931) sob a direção do gen. Klinger ...	No prélo	7\$000	7\$00
<i>Noções de topografia de campanha</i>	General Pass de Andrade ...	3\$000	5\$00
<i>Adestramento para o combate</i>	" " "	10\$000	18\$000
<i>Ensinaamentos táticos sobre a D.I. na ofensiva.</i> (Ensinaamentos da M.M.E.). Ed. 1931.	Tenente-Coronel Gentil Falcão	3\$000	5\$00
<i>Assuntos Militares</i> (Gen. Gamelin). Trad. do <i>A Defesa Nacional</i> (Propaganda e regulamento do Serviço Militar). Ed. 1923 ...	" " "	5\$000	8\$700
<i>Operações de uma D. I. durante a Grande Guerra</i> . Gen. Gamelin e Cmt. Petibon. Tradução do		12\$000	18\$000
<i>O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia</i> (Coronel Triguier). Trad. do <i>Telemetros</i>	Tenente-coronel Francisco José Pinto	4\$500	6\$00
<i>Orientação em campanha</i>	Major Derveal	3\$000	5\$00
<i>O que é preciso saber a Infantaria</i> (Coronel Abadie). Tradução do	" " "	3\$000	5\$00
<i>Impressões do estágio no Exército francês</i> ...	Major J. B. Magalhães	5\$000	8\$00
<i>Notas à margem dos exercícios táticos</i>	Major Travassos	2\$000	5\$00
<i>Infantaria—Notas de estudos sobre os novos regulamentos</i>	" " "	6\$000	7\$00
<i>Aspetos Geográficos Sul-Americanos</i>	Major Mario Travassos	5\$000	18\$000
<i>Manual de licenças</i>	Capitão Silva Barros	7\$000	18\$000
<i>Brasil - Alemanha</i>	Capitão Salgado dos Santos	6\$000	18\$000
<i>Guia para a instrução militar</i>	Tenente Rui Santiago	10\$000	18\$000
<i>Curso de educação física</i> (1.º vol.)	Tenente O. Rangel Sobrinho	7\$000	7\$00
<i>Educação física—idéias fundamentais</i>	" " "	2\$000	5\$00
<i>O Estado Independente do Acre e J. Plácido de Castro</i>	Genesco de Castro	8\$000	18\$000
<i>Notas sobre o comando do batalhão no terreno</i> (Tradução)	Comandante Audet	3\$000	7\$00
<i>Règlement du Genie</i> (1.º p., 1.º vol.)	" " "	6\$000	18\$000
<i>Combate e serviço em campanha</i>	Major Tristão Araripe	10\$000	18\$000
<i>Manual do Granadeiro</i>	Major J. Faustino Filho	3\$000	7\$00
<i>O Tiro de Artilharia de Costa</i> (Tradução)	Cap. J. Veríssimo (no prélo)	4\$000	8\$00
<i>Notas sobre o emprego da Artilharia</i>	1.º Ten. Joaquim J. Gomes da Silva	8\$000	7\$00
<i>Defesa de Costa e o Tiro Costeiro</i>	Cap. Benjamin Galhardo (no prélo)		
<i>Manual do Sapador Mineiro</i>			

A Gerencia de "A DEFESA NACIONAL" incumbe-se da venda de livros militares, mediante condições a combinar com os autores interessados.

Facilitaremos aos nossos assinantes a obtenção de livros militares á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, mediante a taxa de 1\$500 ou 2\$000 para o registro e expediente. A quantia correspondente deverá ser remetida *adiantadamente*, em vale postal.

A Gerencia não se responsabiliza pelos extravios no Correio.

Dirigir os pedidos ao Bibliotecario d'"A DEFESA NACIONAL", Caixa Postal 1602, Rio. Sede provisória da Gerencia: QUARTEL GENERAL DO EXERCITO, FACE DOS FUNDOS.

ASPECTOS GEOGRAFICOS SUL AMERICANOS

Pelo Capitão **Mario Travassos**

Prefacio de **Pandiá Calogeras**

A VENDA NESTA REDAÇÃO

Preço: 5\$000

Assinantes: 4\$000

Socios: 2\$000